



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

FRANCISCO DIOGO COSTA MOLHO

«Para estarem com Ele e para os enviar» (Mc 3,14)
Um estudo sobre a missão no Evangelho segundo Marcos

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutora Luísa Maria Varela Almendra

Lisboa
2020

RESUMO

Profundamente ligada à forma e ao conteúdo da narrativa, a missão é um dos temas estruturantes no Evangelho segundo Marcos. Expressa particularmente nas ações de *proclamar*, *expulsar* os demónios e *curar* os doentes, a missão, para Marcos, é, por excelência, a missão de Jesus, preparada por João Batista e posteriormente continuada pelos discípulos. De facto, ela surge como uma consequência natural e intrínseca do discipulado pessoal e comunitário, de que os Doze são representativos. Através deles e de outros personagens, Marcos confronta o leitor sobre a sua fidelidade no seguimento de Jesus, o que naturalmente implica a dimensão missionária.

Palavras-chave: Evangelho segundo Marcos, missão, evangelização, discipulado, identidade cristã.

ABSTRACT

Deeply linked to the form and content of the narrative, the mission is one of the structuring themes in the Gospel according to Mark. Expressed particularly in the actions of *proclaiming*, *casting out* demons and *healing* the sick, the mission, for Mark, is, par excellence, the mission of Jesus, prepared by John the Baptist and afterwards continued by the disciples. In fact, it appears as a natural and intrinsic consequence of personal and community discipleship, of which the Twelve are representative. Through them and other characters, Mark confronts the reader with his faithfulness in following Jesus, which naturally entails the missionary dimension.

Keywords: Gospel according to Mark, mission, evangelization, discipleship, christian identity.

ÍNDICE

SIGLAS E ABREVIATURAS	9
INTRODUÇÃO.....	11
1. Importância e motivação do estudo.....	11
2. Os últimos estudos	12
3. Metodologia e percurso.....	13
I CAPÍTULO - A missão em Marcos: enquadramento e terminologia.....	17
1. Enquadramento literário e teológico do tema	17
1.1. Evangelho: um género literário peculiar	18
1.2. Segundo Marcos: teologia e missão	20
1.3. A missão, tema estruturante em Marcos	22
1.4. Conclusão.....	26
2. A terminologia da missão em Marcos.....	27
2.1. Os verbos de envio	28
a) ἀποστέλλω	28
b) πέμπω.....	29
2.2. As finalidades do envio	30
2.2.1. Proclamar para levar à conversão.....	32
a) κηρύσσω	32
b) μετανοέω	34
2.2.2. Expulsar os demónios.....	35
a) ἐκβάλλω	36
b) δαιμόνιον	36
c) ἐξουσία.....	38
2.2.3. Curar, unguendo com azeite os doentes.....	39

a) θεραπεύω	40
b) ἀλείφω	41
c) ἔλαιον.....	41
d) ἄρρωστος.....	42
2.3. O tempo da missão: imediatamente (εὐθύς).....	43
2.4. O dinamismo da missão: os verbos de movimento	44
a) ἔρχομαι.....	45
b) ἀπέρχομαι	46
c) εἰσέρχομαι.....	47
d) ἐξέρχομαι.....	48
2.5. Linhas de significado	49
3. Conclusão.....	50
II CAPÍTULO - O anúncio de Jesus: a missão do Filho de Deus	53
1. A missão de Jesus, Cristo, Filho de Deus	54
1.1. Jesus, o Cristo.....	55
1.2. Jesus, o Filho de Deus.....	57
<i>Excursus</i> : O segredo messiânico.....	58
2. Missão preparada por João Batista.....	59
2.1. O batismo na água e o batismo no Espírito Santo.....	60
2.2. O martírio de João Batista e a paixão de Jesus	62
3. Missão centrada na proclamação do reino de Deus	64
3.1. O cumprimento do tempo e a proximidade do reino de Deus.....	65
3.2. O convite à conversão e à fé no evangelho	67
4. Missão concretizada em exorcismos e curas.....	68
4.1. A presença do Mal	69
4.2. A manifestação da identidade de Jesus	71
5. Missão para judeus e pagãos.....	72

5.1. Os lugares da missão: Galileia e Jerusalém	73
5.2. As viagens «para a outra margem» (4,35; 6,45; 8,13)	76
6. Missão como caminho.....	79
6.1. Os anúncios da paixão, morte e ressurreição	81
6.2. A incompreensão dos discípulos e a instrução de Jesus	82
7. Missão à qual Jesus associa os discípulos.....	84
7.1. Os discípulos	85
7.2. Os Doze.....	87
8. Conclusão.....	87
III CAPÍTULO - O anúncio sobre Jesus: a missão dos discípulos.....	89
1. Missão no seguimento de Jesus.....	90
1.1. O chamamento: «Vinde atrás de mim» (1,17b)	91
1.2. A promessa: «Farei com que vos torneis pescadores de homens» (1,17c)	92
2. Missão fundada no estar com Jesus	94
2.1. Estar com Jesus antes da missão: a preparação.....	95
2.2. Estar com Jesus depois da missão: o descanso	97
3. Missão de proclamar para levar à conversão	98
3.1. O objetivo da proclamação.....	99
3.2. O conteúdo da proclamação	100
4. Missão continuadora do poder libertador de Jesus	101
4.1. A expulsão dos demónios e a necessidade da oração	102
4.2. Um modo especial de curar os doentes	104
5. Missão em ambiente de controvérsia	106
5.1. Controvérsia na missão pré-pascal.....	107
5.2. Controvérsia na missão pós-pascal	107
6. Missão renovada.....	109
6.1. A promessa de renovação.....	110

6.2. A confirmação da renovação.....	111
7. Missão centrada na identidade de Jesus	113
7.1. A proclamação pós-pascal dos discípulos.....	114
7.2. O Evangelho segundo Marcos	115
8. Conclusão.....	116
IV CAPÍTULO - O anúncio sobre Jesus: o desafio ao leitor	119
1. A comunidade de Marcos.....	120
1.1. Uma comunidade romana ou síria?.....	121
1.2. Uma comunidade perseguida	124
1.3. Conclusão.....	126
2. Os personagens.....	127
2.1. Os Doze.....	128
2.2. Os personagens menores	130
2.3. Conclusão.....	133
3. A fidelidade a Jesus.....	134
3.1. No seguimento	134
3.2. Na missão.....	136
3.3. Conclusão.....	137
CONCLUSÃO.....	139
BIBLIOGRAFIA	143

SIGLAS E ABREVIATURAS

a.C.	antes de Cristo
Ap	Apocalipse
At	Atos dos Apóstolos
AT	Antigo Testamento
cf.	confere
1Cor	1ª Carta aos Coríntios
d.C.	depois de Cristo
DENT	BALZ, H.; SCHNEIDER, G. (coord.), <i>Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento</i> , vol. I-II, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1996.
Dn	Daniel
Dt	Deuterónimoio
Est	Ester
Ex	Êxodo
Ez	Ezequiel
GLNT	KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (coord.), <i>Grande Lessico del Nuovo Testamento</i> , edição italiana a cargo de MONTAGNINI, F.; SCARPAT, G.; SOFFRITTI, O., vol. I-XVIII, Paideia, Brescia.
Gn	Génesis
Is	Isaías
Jdt	Judite
Jo	João
Jr	Jeremias
Lc	Lucas

Lv	Levítico
LXX	Septuaginta
2Mac	2º Macabeus
Marcos	Marcos
Ml	Malaquias
Mt	Mateus
Nm	Números
NT	Novo Testamento
Pr	Provérbios
Rm	Romanos
1Rs	1º Reis
2Rs	2º Reis
s	seguinte
Sb	Sabedoria
Sir	Ben Sira
Sl	Salmos
1Sm	1º Samuel
2Sm	2º Samuel
Tg	Tiago
VTB	LÉON-DUFOUR, X., <i>Vocabulario de Teología Bíblica</i> , edição castelhana de LATOR ROS, A., Herder, Barcelona, 2001.
Zc	Zacarias

INTRODUÇÃO

1. Importância e motivação do estudo

O presente estudo incide sobre o tema da missão no Evangelho segundo Marcos, ou seja, sobre o modo como Marcos entende e apresenta a missão de Jesus e dos seus discípulos, e como desafia o leitor ao discipulado missionário. É certo que Marcos não é o evangelho mais utilizado pelos exegetas e teólogos para falar de missão. De entre os sinóticos, quer Mateus, no seu discurso missionário (Mt 10), quer Lucas, desenvolvem mais, de forma sistematizada e explícita, o assunto. Contudo, cremos que Marcos nos pode dar um especial contributo no entendimento desta matéria. Desde a tese de que Marcos é o evangelho mais antigo, o interesse pela sua obra tem vindo a aumentar. De facto, estudar Marcos é ir às origens dos relatos evangélicos e poder perceber como determinado assunto foi, desde o princípio, refletido, integrado na vida de Jesus e espelhado pelas primeiras comunidades cristãs.

Um dos temas fundamentais de Marcos é, sem dúvida, o discipulado. Como narrativa evangélica, Marcos pretende despertar e fortalecer a fé de uma comunidade cristã e, por isso, não é de estranhar a sua preocupação pela forma como essa mesma comunidade vive o seu seguimento de Jesus. Nesse sentido, Marcos não cessa de recordar ao leitor a importância de viver como discípulo, propondo-lhe constantemente modelos de como se pode e deve seguir Jesus. Consequentemente, não há discipulado sem missão: todo o discipulado é essencialmente missionário. Esta relação fica expressa no título desta dissertação. De facto, o seguidor é necessariamente um enviado. A missão torna-se, por isso, também um tema fundamental em Marcos. De modo explícito ou implícito, o evangelista revela, quase permanentemente, a sua profunda preocupação pela continuação da missão de Jesus. Daí que

paute a sua narrativa com a missão de João Batista, com a missão de Jesus acompanhado pelos discípulos, e com a missão dos Doze, eles só, procurando despertar no leitor um ardor missionário.

O que nos motiva, portanto, é apresentar a missão na visão do mais antigo evangelho (Marcos), que a entende na dupla e indissociável perspectiva da cristologia e da eclesiologia. Na verdade, para Marcos, a missão tem o seu fundamento na pessoa de Jesus e, para ser realizada, exige uma prévia relação de seguimento e comunhão com Ele.

2. Os últimos estudos

Nos últimos decénios, foram poucas as publicações que versaram, como tema principal, sobre a missão em Marcos. Houve, sim, várias que abordaram o tema da missão numa perspectiva bíblica, onde constou necessariamente o contributo dos evangelhos sinóticos e conseqüentemente de Marcos¹. Outras, porém, dedicando-se a este relato evangélico, referiram breve e dispersamente a missão no contexto e na sequência do discipulado, ou integraram-na no estudo de determinadas perícopes².

Ainda assim, nos últimos 12 anos, foram publicadas duas teses de doutoramento que se dedicaram ao tema da missão em Marcos: a de Lawrence Iwuamadi³, defendida na Pontifícia Universidade Gregoriana em 2008, e a de Francesco Filannino⁴, defendida no Pontificio Instituto Bíblico em 2019. A primeira, partindo da exegese dos textos da missão em

¹ Vide, por exemplo, L. HERIBERTO RIVAS, «Discípulos para la misión en el Nuevo Testamento», *Revista Teología* XLIV/94 (2017) 473-505; J. NISSEN, *New Testament and Mission: Historical e Hermeneutical Perspectives*, Peter Lang, Frankfurt am Main, 2004; D. SENIOR; C. STUHLMUELLER, *Os Fundamentos Bíblicos da Missão*, Edições Paulinas, São Paulo, 1987.

² Vide, por exemplo, S. GUIJARRO, *El camino del discípulo: Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2015; J. ORNELAS CARVALHO, *Caminho de morte, destino de vida: O projecto do Filho do Homem e dos seus discípulos à luz de Mc 8,27-9,1*, Edições Didaskalia, Lisboa, 1998.

³ L. IWUAMADI, «He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth»: *The Continuation of Jesus' Mission According to the Gospel of Mark*, Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma, 2008.

⁴ F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, Gregorian & Biblical Press, Roma, 2019.

Marcos, mostra como o tema percorre o relato e como o evangelista está interessado na continuação da missão de Jesus pelos discípulos. Termina com uma síntese teológica da visão de Marcos sobre a missão. A segunda aborda a missão de João Batista, a missão dos Doze e a missão de Jesus, mostrando, no fundo, que as duas primeiras recebem luz e conteúdo desta última. Situada no centro, depois da missão de João Batista e antes da missão dos Doze, a missão de Jesus é o paradigma a partir do qual Marcos relata as outras duas missões.

Pelo facto de incidirem diretamente sobre o tema da missão em Marcos, de oferecerem, ainda que a partir do estudo de diversas perícopes, uma perspetiva global de como a missão vai pautando o ritmo desta narrativa evangélica, e de serem estudos atuais, integrando a bibliografia mais recente sobre o assunto, estas duas teses servirão de base para o nosso trabalho.

3. Metodologia e percurso

Embora reconheçamos, na esteira de Filannino, a tripla missão que Marcos apresenta, não nos dedicaremos, porém, a analisar longamente a missão de João de Batista. Queremos, sim, nesta dissertação, aprofundar a conceção de Marcos sobre a missão de Jesus e dos discípulos, e o desafio que, através destas, Marcos quer endereçar ao seu leitor. De facto, apresentando e expondo o modelo perfeito da missão de Jesus e o modelo imperfeito, mas real, da missão dos Doze, Marcos faz com que o leitor, não perdendo de vista o ideal para o qual deve caminhar, se identifique com os sucessos e fracassos próprios da missão dos discípulos, não desanimando perante as dificuldades mas permanecendo fiel ao chamamento do Senhor.

A dissertação encontra-se dividida em quatro capítulos, que procuram expor, respetivamente, uma visão geral da missão em Marcos, a missão de Jesus, a missão dos discípulos e a missão do leitor.

O *primeiro capítulo* é um capítulo introdutório, isto é, introduz o estudo do tema no contexto literário de Marcos. Através de uma análise sintático-semântica, procura realçar o modo como a missão se enquadra no esquema teológico e literário de Marcos, e com que vocabulário o evangelista caracteriza a missão de Jesus e dos Doze, suas finalidades, tempo e dinamismo.

Os segundo e terceiro capítulos procuram fazer um estudo exegético-teológico sobre as características das missões de Jesus e dos discípulos, respetivamente. O *segundo capítulo* dedica-se ao aprofundamento da missão de Jesus, procurando perceber a sua relação com a sua própria identidade, o modo como foi preparada por João Batista, as atividades principais de que se reveste, os destinatários a que se dirige, o *caminho* que a enquadra e a participação que nela assumem os discípulos e, em especial, os Doze.

O *terceiro capítulo* estuda a missão dos discípulos, ressaltando a sua dependência e consequência do seguimento e da comunhão com o Mestre, as atividades em que se concretiza, a controvérsia que a acompanha, a renovação que recebe depois da ressurreição de Jesus, e o conteúdo pós-pascal centrado na identidade do Senhor. Tentar-se-á, neste capítulo, evidenciar as semelhanças, mas também as diferenças, entre a missão de Jesus e a dos seus discípulos. Há, por isso, uma certa repetição de temáticas que tem a sua origem e fundamentação no facto do próprio evangelista as repetir ao longo do seu relato.

O *quarto capítulo* apresenta uma perspetiva pragmática da missão em Marcos, ou seja, o desafio missionário que o autor quer fazer ao leitor. Assim, procurando perceber a constituição e características da comunidade à qual se dirige o evangelho, mostra como, a

partir da definição dos personagens maiores e menores, Marcos convida o leitor à fidelidade no seguimento e na missão⁵.

⁵ As citações de Marcos, presentes ao longo do trabalho, bem como as abreviaturas dos livros bíblicos, seguem a nova tradução dos Quatro Evangelhos e dos Salmos, a cargo da Conferência Episcopal Portuguesa: cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (CEP), *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos. Ad experimentum*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2019, 9-10 e 115-169.

I CAPÍTULO

A MISSÃO EM MARCOS: ENQUADRAMENTO E TERMINOLOGIA

O presente capítulo procura fazer uma introdução ao modo como Marcos reflete o tema da missão. Para tal, começaremos por enquadrar o tema na forma e conteúdo da narrativa de Marcos. Num segundo momento, perguntar-nos-emos com que termos/vocábulos expressa Marcos a sua conceção de missão. Analisaremos, por isso, cada uma das palavras que integra, em Marcos, o campo semântico da missão⁶.

Procuraremos responder às seguintes questões: De que modo Marcos e missão se relacionam? Esta relação é apenas ocasional, ou permanece como linha de fundo, estruturando, de certo modo, o relato?

1. Enquadramento literário e teológico do tema

Em Marcos, a missão de Jesus e dos discípulos, mais do que aparecer apenas em perícopes isoladas, relaciona-se, primeiramente, com o género literário *evangelho*, iniciado por Marcos, bem como com a sua teologia, e com a estrutura literária da própria narrativa. Mas de que maneira se efetivam estas relações? É o que tentaremos mostrar de seguida.

⁶ A análise semântica é a porta de entrada para o estudo de um tema, porquanto é ela que nos permite ver a forma como esse mesmo tema vai sendo desenvolvido e articulado ao longo do relato: cf. W. EGGER, *Lecturas del Nuevo Testamento: Metodología lingüística histórico-crítica*, Editorial Verbo Divino, Estella (Navarra), 1990, 116.

1.1. Evangelho: um género literário peculiar

O termo *evangelho* (εὐαγγέλιον) significa *boa notícia*. Usado no mundo helenístico-romano, sobretudo no contexto da propaganda imperial, e na tradição israelita para falar de Deus como rei que vem para salvar o seu povo (cf. Is 52,7⁷), recebe no cristianismo um novo significado⁸. Para os cristãos, este termo refere-se à pessoa e mensagem de Jesus Cristo, quer em sentido objetivo, quer em sentido subjetivo: se, nos escritos paulinos e deuteropaulinos, se acentua o anúncio da mensagem *sobre* Jesus (cf. 1Cor 15,1-5; 2Tim 2,8), nos sinóticos, a tónica é colocada sobre a mensagem anunciada *por* Jesus (cf. Lc 7,22; Mt 11,5; Mc 1,14s)⁹. Estas duas dimensões encontram-se resumidas, como veremos mais adiante, no *incipit* de Marcos (1,1).

Esta boa notícia, anunciada primeiramente por Jesus e depois também pelos discípulos, foi sendo progressivamente posta por escrito, primeiro em perícopes isoladas, depois em coleções e finalmente em livro, onde os ensinamentos de Jesus são enquadrados hermeneuticamente na sua vida, e viceversa. Assim, na segunda metade do séc. II d.C., passa-se a atribuir a estes livros sobre a vida de Jesus o nome de *evangelhos*, nome este que denota o reconhecimento da autoridade destes relatos, já que neles se pode encontrar o evangelho de Jesus¹⁰. De facto, o evangelho é único, é o evangelho de Jesus Cristo. Esta ideia fica expressa nos títulos destes relatos, que, não fazendo parte da obra inicial, são atribuídos posteriormente para distinguir as diferentes obras reunidas numa mesma coleção. Em vez de se usar o genitivo para fazer referência ao autor, como era próprio na literatura antiga, utiliza-se a preposição κατά (segundo), para mostrar que o evangelho, isto é, a boa notícia é uma só, ainda que transmitida por diversas testemunhas.

⁷ O AT não usa o substantivo εὐαγγέλιον, mas sim o verbo εὐαγγελίζω.

⁸ Cf. S. GUIJARRO, *Los Cuatro Evangelios*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2010, 45-46; G. STRECKER, «εὐαγγέλιον», *DENT*, I, 1638-1639.

⁹ Cf. S. GUIJARRO, *Los Cuatro Evangelios*, 46-47.

¹⁰ Cf. *Ibidem*, 50: «La denominación de los relatos sobre Jesús como “evangelios” implicaba, por tanto, un reconocimiento de su autoridad, fundada en la convicción de que la Iglesia podía encontrar en ellos el evangelio de Jesús».

Mas em que consiste este género literário, denominado *evangelho*? Para o compreender, é preciso ter presentes dois termos fundamentais: *kérygma* e *história*¹¹. O centro dos evangelhos é a proclamação (*kérygma*) da paixão, morte e ressurreição do Senhor (cf. 1Cor 15,3-5), à luz da qual se relêem e relatam os ditos e acontecimentos da vida terrena de Jesus e da sua posterior glorificação. Contudo, os evangelistas, dos quais, na ordem cronológica, o primeiro é Marcos, não se limitam a enunciar estes eventos, como o fariam provavelmente redações anteriores a eles. Antes interpretam de modo criativo a tradição, e inserem estas palavras e gestos de Jesus no contexto de uma narrativa, denotando assim o seu carácter histórico. É este estilo narrativo, ao qual se dá o nome de διήγησις (relato), que caracteriza e unifica os quatro evangelhos. Daí que se considere estes relatos evangélicos como *kérygma narrado*¹².

Embora alguns autores vejam nas biografias helenísticas a base do género literário dos evangelhos¹³, é claro que estes possuem particularidades próprias, que os distinguem das biografias antigas. No caso de Marcos, a sua proximidade ao género literário da história bíblica veterotestamentária, a omissão da habitual primeira parte das biografias helenísticas (infância e juventude), o facto de não se tratar apenas da biografia de um indivíduo (Jesus), mas também de um movimento (a Igreja nascente), bem como a presença, não só memorial, mas também real do Senhor na comunidade que Ele fundou, fazem de Marcos mais que uma biografia de Jesus, ao jeito das biografias antigas¹⁴. Assim, Marcos é um *evangelho*, isto é, uma narração teológica, que proclama a boa notícia de Jesus, à luz da Páscoa e da alegria trazida pela ressurreição.

¹¹ Cf. J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1999, 27-29.

¹² Cf. S. GUIJARRO, *Los Cuatro Evangelios*, 54-56.

¹³ Contendo estas narrativas relatos sobre a vida de Jesus e da sua comunidade, há quem defenda que se pode encontrar o seu modelo nas biografias helenísticas. Divididas em três partes – infância e juventude, ações e ensinamentos, e morte e testamento –, cada uma delas marcada por temas característicos, e escritas com o objetivo de honrar o protagonista, de modo que este fosse reconhecido, seguido e conservado na memória, as biografias helenísticas parecem ser a base do género literário dos evangelhos. Neste sentido, segundo afirma Santiago Guijarro, não se deve considerá-los como um novo género literário, mas como um subgénero peculiar: cf. S. GUIJARRO, *Los Cuatro Evangelios*, 57-60; J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2010, 89-90 e 92.

¹⁴ Cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 89-91; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, Cittadella Editrice, Assis, 2015, 42; S. LÉGASSE, *Marco*, Edizioni Borla, Roma, 2000, 25.

Tendo isto em conta, a proclamação implica naturalmente a missão. Mas resta a pergunta: que relação existe entre o género literário e o tema da missão, em Marcos? Para Senior e Stuhlmüller, o estilo narrativo do género literário dos evangelhos expressa magnificamente a sua dimensão missionária. Na verdade, a narrativa imprime, em primeiro lugar, um carácter dinâmico ao relato, que se adequa perfeitamente à ideia de missão que Marcos quer transmitir. Ao mesmo tempo, a narrativa é comunicação, isto é, joga-se entre dois polos: convite e resposta. Ora, também a missão é comunicativa: trata-se de anunciar Jesus Cristo e despertar no ouvinte a fé, a adesão à sua pessoa. Em suma, no dizer de Senior e Stuhlmüller: «Com a própria escolha de uma forma narrativa dinâmica para a sua mensagem, Marcos sinaliza o carácter missionário do Evangelho»¹⁵.

1.2. Segundo Marcos: teologia e missão

Se a missão se relaciona, em Marcos, com a *forma narrativa*, ou seja, com o género literário, não é menos verdade que também se relaciona com o seu *conteúdo*, isto é, com alguns traços da teologia de Marcos. Para analisar esta questão, e seguindo de perto L. Iwuamadi, deter-nos-emos em três pontos essenciais: a cristologia, o discipulado e o reino de Deus¹⁶.

No que se refere à cristologia, a questão sobre a identidade de Jesus percorre todo o evangelho de Marcos, fazendo ressoar, constantemente, a pergunta: *quem é Jesus?*. Embora se saiba, desde o primeiro versículo, a resposta – «Jesus, Cristo, Filho de Deus» (1,1) –, é preciso ler todo o relato de Marcos para compreender o verdadeiro alcance destes títulos cristológicos. Só «no caminho» (8,27), o leitor pode afirmar como Pedro: «Tu és o Cristo» (8,29), sabendo que esta declaração ainda precisa de ser purificada, segundo os critérios de

¹⁵ D. SENIOR; C. STUHLMUELLER, *Os Fundamentos Bíblicos da Missão*, 291.

¹⁶ Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 262-269.

Deus e não dos homens (8,33). E só diante da cruz, pode exclamar com o centurião: «Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!» (15,39)¹⁷.

Ora, a primeira atividade da missão de Jesus e dos discípulos é a proclamação do evangelho (1,14; 6,12), evangelho este que, como veremos (cf. I, 2.2.1.b), se identifica com a pessoa de Jesus. Deste modo, proclamar o evangelho é proclamar Jesus, a sua identidade, procurando que o ouvinte se disponha a conhecê-lo cada vez melhor, no seguimento do seu caminho. A missão centra-se, pois, na cristologia, porquanto o seu objetivo último é dar a conhecer quem realmente Jesus é¹⁸.

No que toca ao discipulado, há uma nota dominante em Marcos: Jesus surge sempre acompanhado pelos seus discípulos. Na primeira parte do evangelho (cf. I, 1.3.), estes testemunham a atividade de Jesus na Galileia; na segunda parte, são instruídos sobre as condições do seguimento (8,34-9,1) e convidados a percorrer, com Jesus, o caminho para Jerusalém, ou seja, para a sua paixão, morte e ressurreição (10,32-34). Por fim, depois da ressurreição, Jesus reúne de novo os discípulos na Galileia (16,7). Foi lá que começou a missão de Jesus; é lá que começa a missão pós-pascal dos discípulos.

De facto, na lógica de Marcos, o discipulado tem sempre em vista a realização de uma futura missão¹⁹. Com efeito, o chamamento dos Doze revela uma dupla finalidade: «para estarem com Ele e para os enviar» (3,14). Dito de outro modo, os Doze são chamados para acompanharem Jesus na sua missão e para, depois de aprenderem com o Mestre, a continuarem. O discipulado em Marcos está assim profundamente marcado pelo tema da missão.

Por fim, no que concerne ao reino de Deus, Jesus começa por anunciar a sua proximidade (1,15). Esta proximidade é escatológica, isto é, é uma realidade já presente, mas

¹⁷ Cf. S. GUIJARRO, *Los Cuatro Evangelios*, 220.

¹⁸ Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 264: «The fact that at the centre of the gospel to be proclaimed is “Jesus, Christ, Son of God” demonstrates the strong link between the continuation of the mission of Jesus and Christology in Mark».

¹⁹ Cf. *Ibidem*, 265.

ainda não plenamente consumada²⁰. Na verdade, o reino de Deus só chegará com poder no evento da parusia de Cristo (cf. 9,1)²¹. Até lá permanece envolto no mistério (4,11), que só é dado a conhecer aos seguidores de Jesus, assim como também só a eles é revelada a verdadeira identidade do Mestre. Efetivamente, pode relacionar-se o mistério do reino de Deus com o mistério da pessoa de Jesus: pela sua vida e obras, Jesus inaugura e torna presente o reino²² e, na sua parusia, transportá-lo-á à plenitude.

É parte essencial da missão do Senhor e da missão pré-pascal dos seus discípulos a proclamação do reino de Deus (cf. II, 3; III, 3.2), acompanhada de sinais, como a expulsão dos demónios e a cura dos doentes (1,14s.34; 6,12s), que manifestam a presença e contribuem para o crescimento deste mesmo reino. Contudo, e porque o reino de Deus se revela na pessoa de Jesus, a missão pós-pascal dos discípulos tem como centro o anúncio de que Jesus é o Cristo e o Filho de Deus²³ (cf. III, 7.1). Quem acredita nele e dele se aproxima, entra no reino de Deus (cf. 10,14s).

1.3. A missão, tema estruturante em Marcos

A missão, em Marcos, relaciona-se, pois, com a *forma* e o *conteúdo* do evangelho, ou seja, com o seu género literário e com a sua teologia. No entanto, esta relação com a *forma* não é apenas de carácter genérico. Com efeito, a missão marca cada uma das partes e secções da narrativa marcana. Procuraremos, pois, apresentar uma divisão do relato, que ressalte a força estruturante do tema da missão, embora não se trate de uma tarefa simples, pois, à hora

²⁰ Cf. J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, I, 35.

²¹ Marcos une a vinda do Filho do Homem na glória do seu Pai (8,38) com a vinda do reino de Deus com poder (9,1): cf. B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita: Commentario*, EDB, Bolonha, 2012, 481; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 355; J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, II, 30; J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, II, 721.

²² Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 268: «the mystery of the kingdom of God is revealed in the person and the mission of Jesus».

²³ Cf. *Ibidem*, 267 e 269.

de definir uma estrutura para Marcos, os diversos autores divergem nas opiniões, porquanto os critérios de divisão podem ser tão diferenciados.

Santiago Guijarro procura sintetizar quatro modelos de estruturação de Marcos, baseados, respetivamente, em critérios geográficos, teológicos, literários e biográficos²⁴. L. Iwuamadi, por seu turno, mostra como o tema da missão surge ao longo das diferentes secções, seguindo uma divisão quase idêntica à que Guijarro apresenta motivada por critérios literários²⁵.

Assim, na esteira destes autores, propomos a seguinte divisão, que nos parece ser a que melhor espelha a centralidade da missão de Jesus e dos discípulos:

- 1,1-13 | Introdução
- 1,14-8,26 | A missão de Jesus na Galileia e arredores
 - 1,14-3,6 | Jesus e os discípulos
 - 3,7-6,6a | Jesus forma a sua família
 - 6,6b-8,26 | A missão dos Doze
- 8,27-16,8 | O caminho para a morte e ressurreição
 - 8,27-10,52 | O caminho
 - 11,1-13,37 | Em Jerusalém
 - 14,1-16,8 | Paixão, morte e ressurreição
- 16,9-20 | Segunda conclusão²⁶

Cada uma destas secções começa e termina com um episódio referente à missão de Jesus ou dos discípulos, o que faz perceber que o tema da missão perpassa todo o evangelho, como que estruturando as suas partes. Vejamo-las separadamente.

A *introdução* começa logo por apresentar Jesus como o Cristo, o Filho de Deus (1,1). Este é o resumo da fé cristã, o conteúdo da proclamação da Igreja²⁷. Depois, Jesus inicia

²⁴ Cf. S. GUIJARRO, *Los Cuatro Evangelios*, 219-222.

²⁵ Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 250-252.

²⁶ Consideramos o texto canónico de Marcos (1,1-16,20), embora incidamos maioritariamente sobre aquele que é considerado o texto original (1,1-16,8). Os versículos 16,9-20 parecem ser, portanto, uma segunda conclusão, a chamada «conclusão longa», que, não estando nos códices Vaticano e Sinaitico, entre outros, se encontra em grande parte dos manuscritos. A canonicidade destes versículos não foi posta em causa nem por S. Jerónimo, que os incluiu na Vulgata, nem pelo Concílio de Trento: cf. CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 117 e 168, nota c.

²⁷ Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 250.

temporalmente o anúncio da boa notícia (evangelho), que será continuado pelos discípulos. Esta missão de Jesus é precedida, porém, pela missão de João Batista (1,2-8), que tem como objetivo preparar o caminho do Senhor.

A *primeira parte* divide-se em três secções, todas elas começadas com o chamamento de Jesus para uma missão²⁸. De facto, Jesus chamou (καλέω: 1,20) Pedro e André, Tiago e João, e prometeu fazer deles «pescadores de homens»; «chamou a si» (προσκαλέω: 3,13) e constituiu os Doze «para estarem com Ele e para os enviar» (3,14); «chamou a si» (προσκαλέω: 6,7) os Doze e enviou-os em missão.

A *primeira secção* (1,14-3,6) da primeira parte inicia com a apresentação da missão de Jesus. Ele veio para anunciar a chegada do reino de Deus, diante do qual o homem é convidado a uma mudança de vida (μετάνοια), que passa pela fé no evangelho, isto é, na pessoa de Jesus (1,14s)²⁹. A esta missão associa o Senhor os discípulos, para que tomem parte nela, fazendo com que se tornem «pescadores de homens» (1,17). A secção termina com uma cura ao sábado, na qual Jesus mostra que todos os dias, inclusive o sábado, são propícios para levar a cabo a sua missão salvífica (3,4).

A *segunda secção* (3,7-6,6a) tem no princípio o chamamento dos Doze (3,13-20). Estes são chamados para estarem com Jesus e para serem enviados. A missão é, portanto, uma das finalidades do seu chamamento. A secção termina com Jesus a exercer a sua missão de ensinar na sinagoga de Nazaré, embora, devido à «falta de fé» daquela gente (6,6a), não pudesse «fazer ali nenhuma ação poderosa» (6,5).

A *terceira secção* (6,6b-8,26) refere, no princípio, o envio dos Doze em missão (6,7-13). Apresenta, à continuação, as duas multiplicações dos pães (6,34-44; 8,1-10), mostrando que tanto judeus como pagãos são destinatários da missão de Jesus e dos discípulos. Por fim, termina com a cura do cego de Betsaida, que, depois de ser restabelecido e ver tudo com nitidez, é enviado (8,25s).

²⁸ Cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 191.

²⁹ A conjunção καί, presente em μετανοείτε και πιστεύετε εν τῷ εὐαγγελίῳ, tem um valor explicativo: converter-se consiste em acreditar no evangelho: cf. CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 119, nota m.

Olhando agora para a *segunda parte*, vemos na *primeira secção* (8,27-10,52) o tema do *caminho* que Jesus faz em direção a Jerusalém, para a sua paixão, morte e ressurreição, e que os discípulos são convidados a fazer, seguindo «atrás de» Jesus (8,34; cf. 1,17). O uso do verbo no plural em 10,32, na expressão «estavam no caminho» (Ἦσαν δὲ ἐν τῇ ὁδῷ), mostra que o caminho de Jesus é o caminho dos discípulos. É, de facto, «no caminho» (8,27) que Jesus realiza a sua missão e a leva à consumação (cf. II, 6.). Seguir Jesus «no caminho» é, pois, presenciar e comungar da vida e da missão do Senhor, o que mais tarde se tornará objeto do anúncio. No final da secção, está o episódio da cura do cego Bartimeu. Também ele passa de «junto ao caminho» (10,46) a seguir Jesus «no caminho» (10,52).

A *segunda secção* (11,1-13,37) da segunda parte dá conta de um envio que Jesus faz a dois dos seus discípulos («enviou dois dos seus discípulos e disse-lhes: “Ide à povoação...”»): 11,1s), bem como da sua entrada messiânica em Jerusalém, onde vai para cumprir plenamente a sua missão. Quase no final da secção é afirmada a necessidade da proclamação do evangelho a todos os povos (13,10), deixando assim entrever a universalidade da missão a que os discípulos são chamados.

A *terceira secção* (14,1-16,8) retrata a consumação da missão terrena de Jesus. É na paixão, morte e ressurreição que a missão de Jesus atinge o seu cume, é levada a pleno cumprimento. Mais uma vez, é afirmada, no início da secção, a necessidade de proclamar o evangelho a todos os povos (14,9). No final, aponta-se para a reunião de Jesus e dos discípulos de novo na Galileia (16,7), depois da ressurreição, mostrando que o lugar inicial da missão de Jesus é também o lugar onde principiará a missão pós-pascal dos seus discípulos. O silêncio das mulheres, bem como o final truncado (16,8)³⁰, são, provavelmente, uma técnica

³⁰ Marcos termina com a conjunção γάρ, remetendo para uma continuação da frase, que não existe. Trata-se, portanto, de um final aberto, que convida à releitura: cf. J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, II, 404. Outros autores, porém, defendem que o facto da narrativa terminar com uma conjunção nada tem de anormal: cf. B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 883-884.

narrativo-pragmática, para desafiar o leitor a que, ao contrário das mulheres tolhidas pelo medo, não tenha medo de anunciar a boa nova que recebeu de Jesus³¹.

A *segunda conclusão* (16,9-20) possui um grande teor missionário. Inicia com a aparição de Jesus ressuscitado a Maria Madalena e a dois discípulos que iam a caminho do campo, os quais anunciam (ἀπαγγέλλω: 16,10.13) aos restantes discípulos que o Senhor está vivo. Depois, Jesus aparece também aos Onze e envia-os a proclamar o evangelho por todo o mundo (16,15). A secção termina com a ascensão de Jesus e a saída missionária dos discípulos, cuja ação é confirmada pelo Senhor (16,20).

1.4. Conclusão

O género literário *evangelho*, pelo seu carácter dinâmico e comunicativo, é o tipo de texto ideal para a transmissão da vida e missão de Jesus e dos discípulos. A teologia de Marcos, por seu turno, também reflete abundantemente o tema da missão. De facto, esta relaciona-se profundamente com a cristologia, já que é a identidade de Jesus que fundamenta e dá conteúdo e objetivo à sua missão e à missão dos discípulos. Estes, por sua vez, são chamados para serem enviados a uma missão concreta. Discipulado e missão não podem, portanto, separar-se. A proclamação, que é a principal atividade missionária de Jesus e dos seus discípulos, tem como primeiro conteúdo o reino de Deus, que se revela na pessoa de Jesus. Deste modo, reino de Deus e missão estão intimamente unidos, porquanto o primeiro dá conteúdo à segunda e pelo facto da missão contribuir para o desenvolvimento deste mesmo reino. Também a estrutura de Marcos releva a importância do tema da missão, já que o aparecimento deste tema não é esporádico, mas sim constante, como que marcando o ritmo, isto é, estruturando a narrativa marcana.

³¹ Cf. CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 168, nota b.

A criação e utilização de um género literário marcado pela forma narrativa, uma teologia que deixa entrever a importância da missão, bem como uma estrutura profundamente marcada por este tema, revelam a relação «visceral» entre Marcos e missão.

2. A terminologia da missão em Marcos

Marcos, para se referir à missão de Jesus e dos discípulos, usa uma terminologia específica, composta por verbos, advérbios e substantivos. O estudo desta terminologia permite compreender mais perfeitamente o modo como Marcos concebe e reflete o tema da missão. Então, aprofundaremos este vocabulário, tomando como ponto de partida os dois verbos que significam *enviar*. Depois, analisaremos as ações que marcam a missão de Jesus e dos discípulos. Tendo em conta que, no que se refere a Jesus, estas atividades se encontram dispersas ao longo do relato, e, no que toca aos Doze, estão resumidas nos textos do seu chamamento e do seu envio (3,14s; 6,12s), partiremos destes versículos para tratar as finalidades do envio dos discípulos, ou seja, quais as ações a que são chamados e enviados, e que, no fundo, não diferem das ações do próprio Jesus, porquanto são continuação destas³². Num terceiro ponto, através do advérbio temporal característico de Marcos (εὐθύς), falaremos do tempo da missão. Por fim, olhando para os verbos de movimento, abordaremos o dinamismo desta mesma missão. No final, identificaremos as linhas de significado que orientam a compreensão da missão em Marcos.

Analisaremos, portanto, cada um dos termos, procurando, para melhor entender o seu sentido em Marcos, indicar, tanto quanto possível, a sua etimologia, o seu uso no grego clássico, no AT (LXX) e no NT.

³² Cf. G. PEREGO, *Vangelo secondo Marco: Introduzione, traduzione e commento*, Edizioni San Paolo, Milão, 2011, 133.

2.1. Os verbos de envio

No texto de Marcos encontram-se dois verbos com o significado de *enviar*. São eles ἀποστέλλω e πέμπω. Embora este último só seja utilizado uma única vez (5,12), não queremos deixar de o referir e de o colocar em relação com o primeiro. Sendo quase sinónimos, denotam diferentes matizes.

a) ἀποστέλλω

O verbo ἀποστέλλω surge 20 vezes em Marcos³³. É um composto de στέλλω, a que se junta a preposição ἀπό, reforçando o seu sentido, e que significa literalmente *enviar a partir de*. Αποστέλλω³⁴ distingue-se de στέλλω, porquanto acentua a consciência do objetivo e a tenacidade do propósito³⁵.

Já no grego clássico, ἀποστέλλω tem o significado de *mandar, enviar*, e expressa o sucesso da ação levada a cabo, ou a razão e o objetivo da missão. Neste último caso, assume o significado de *encargar, comissionar*, tal como acontece em Mc 6,17 e 9,37³⁶. Nos LXX, traduz o verbo πᾶσι, presente em várias passagens, entre as quais Is 6,8, onde se pode encontrar, segundo Rengstorf, as duas características deste verbo no AT: a centralidade daquele que envia e o aspeto voluntário e consciente do enviado³⁷.

Marcos utiliza este verbo com um significado em continuidade com o dos LXX. Com efeito, aquele que envia tem como objetivo fazer chegar um objeto, mensagem ou ordem a um destinatário, esperando dele o acolhimento e o cumprimento do que lhe foi transmitido. Em

³³ 1,2; 3,14.31; 4,29; 5,10; 6,7.17.27; 8,26; 9,37; 11,1.3; 12,2.3.4.5.6.13; 13,27; 14,13.

³⁴ É composto de ἀποστέλλω o verbo ἐξαποστέλλω. Muito querido a Lucas, e com significado semelhante ao de ἀποστέλλω, encontramos-lo apenas uma vez no final breve de Marcos, que surge somente em alguns manuscritos de pouco peso: cf. CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 168, nota b.

³⁵ Cf. K. H. RENGSTORF, «ἀποστέλλω», *GLNT*, I, 1064.

³⁶ Cf. J.-A. BÜHNER, «ἀποστέλλω», *DENT*, I, 425.

³⁷ Cf. K. H. RENGSTORF, «ἀποστέλλω», 1071.

Marcos, o sujeito da ação de enviar pode ser Deus Pai (1,2; 9,37; 12,2.4.5.6³⁸), Jesus (3,14; 5,10; 6,7; 8,26; 11,1.3; 13,27; 14,13) ou os homens (3,31; 4,29; 6,17.27; 12,3.13). Por outro lado, daqueles que são enviados espera-se a obediência e prontidão para a realização do serviço que lhe foi confiado³⁹. Neste caso, os objetos desta ação são, sobretudo, o próprio Filho (1,2; 9,37; 12,6⁴⁰), os discípulos (3,14; 6,7; 11,1; 14,13), ou os anjos (13,27).

Comparando os versículos que fazem referência aos sujeitos do envio com os que dizem respeito aos objetos do mesmo envio, pode concluir-se que o único enviado do Pai é Jesus, que, por sua vez, envia os discípulos, também designados de *apóstolos*⁴¹, e os anjos. Jesus é apresentado, portanto, como aquele que é enviado e que envia: sabe-se *enviado* pelo Pai (9,37), e apresenta-se como aquele que envia os discípulos a continuar a sua missão. Estes são, pois, enviados em representação de Jesus, assim como Ele o é do Pai. É esta a ideia subjacente ao verbo $\pi\lambda\upsilon\psi$: *enviar* é o mesmo que *fazer-se representar*⁴². Por isso se afirma em 9,37.41 que a ação feita em favor do enviado é feita, por consequência, em favor daquele que o enviou. Com efeito, porque tornam Jesus presente, os apóstolos participam e prolongam a sua missão e o seu poder⁴³.

b) πέμπω

O verbo πέμπω ocorre apenas em 5,12. Com um significado semelhante a ἀποστέλλω, este verbo ressalta, porém, notas ou características diferentes: enquanto πέμπω realça o ato de enviar, ἀποστέλλω indica, como vimos, que o envio é feito com um objetivo especial, bem

³⁸ Os versículos do capítulo 12, inseridos na parábola dos vinhateiros homicidas, referem-se, de modo explícito, ao dono da vinha. Por analogia, pode-se entendê-los como referidos a Deus Pai, que enviou os profetas e, por fim, o seu «filho amado» (12,6).

³⁹ Cf. J.-A. BÜHNER, «ἀποστέλλω», 426.

⁴⁰ Tal como na penúltima nota, a referência explícita é ao filho do dono da vinha. Por analogia, refere-se a Jesus, Filho de Deus.

⁴¹ Este substantivo surge em 6,30 e, provavelmente, em 3,14: «aos quais também chamou apóstolos» (οὓς και ἀποστόλους ὠνόμασεν); alguns manuscritos não referem esta oração relativa.

⁴² Cf. J.-A. BÜHNER, «ἀποστέλλω», 426.

⁴³ Cf. X. LÉON-DUFOUR, «Misión», *VTB*, 549-550.

determinado⁴⁴. Também no NT, sobretudo nos sinóticos, o verbo πέμπω distingue-se de ἀποστέλλω, pelo facto de o primeiro se referir ao ato de enviar enquanto tal, ao passo que o segundo releva o chamamento e a nomeação pessoal ligadas ao envio⁴⁵.

Marcos parece não fugir à regra e utiliza estes verbos dando-lhes estes diferentes matizes. Neste sentido, reserva o verbo ἀποστέλλω para Jesus, os seus discípulos e os anjos, parecendo fazê-lo adquirir o significado teológico de *enviar ao serviço do reino de Deus, com plenos poderes fundados em Deus*⁴⁶, e usa o verbo πέμπω no episódio da cura do possesso de Gerasa (5,12), colocando como objeto do envio os próprios demónios, que são *mandados* para os porcos⁴⁷. O verbo πέμπω é usado, assim, em relação aos demónios, já que estes não são enviados a nenhuma missão concreta, nem representam, de modo algum, aquele que os enviou.

2.2. As finalidades do envio

Marcos dá a conhecer, em 3,14, os objetivos do chamamento dos Doze. Diz, pois, que estes são chamados «para estarem com Ele e para os enviar a proclamar e terem autoridade para expulsar os demónios» (ἵνα ὦσιν μετ' αὐτοῦ καὶ ἵνα ἀποστέλλῃ αὐτοὺς κηρύσσειν καὶ ἔχειν ἐξουσίαν ἐκβάλλειν τὰ δαιμόνια). Este duplo ἵνα dá a conhecer as duas finalidades da instituição dos Doze: estar com Jesus e ser enviado. O estar com Jesus, segui-lo, conhecê-lo, no fundo ser seu discípulo, é o ponto de partida necessário para o envio dos Doze (cf. III, 2.). Marcos mostra que é preciso, em primeiro lugar, entrar em comunhão de vida com o Senhor, para depois se poder continuar a sua missão.

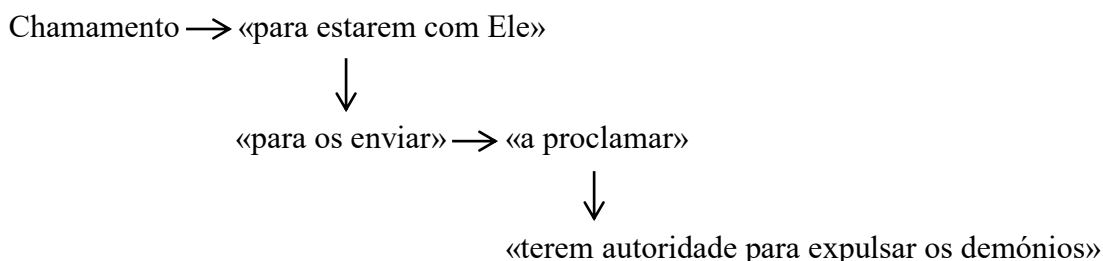
⁴⁴ Cf. K. H. RENGSTORF, «ἀποστέλλω», 1065: «mentre πέμπειν indica prevalentemente il fatto dell'inviare, press'a poco come è nella trasmissione di un oggetto di un incarico, o anche nell'invio di un uomo, com ἀποστέλλειν si vuol significare piuttosto che l'invio è fatto con uno scopo ben determinato, speciale e particolare».

⁴⁵ Cf. K. H. RENGSTORF, «ἀποστέλλω», 1080-1081. Para a relação entre estes dois verbos no Quarto Evangelho: cf. *Ibidem*, 1081-1085.

⁴⁶ Cf. *Ibidem*, 1085.

⁴⁷ Cf. H. RITT, «πέμπω», *DENT*, II, 874.

Este envio, por sua vez, tem também duas finalidades: proclamar e ter autoridade para expulsar os demónios. A expulsão dos demónios efetiva-se pelo poder da palavra proclamada, que é a palavra de Jesus. Os discípulos são, portanto, enviados a proclamar e, como consequência desta proclamação, a expulsar os demónios. Vejamo-lo esquematicamente:



O relato do envio dos Doze (6,12s) retoma estas duas atividades e acrescenta-lhe uma terceira: «proclamavam para que se convertessem. Expulsavam muitos demónios e ungiam com azeite muitos enfermos e curavam-nos» (ἐκήρυξαν ἵνα μετανοῶσιν, καὶ δαιμόνια πολλὰ ἐξέβαλλον, καὶ ἤλειφον ἐλαίῳ πολλοὺς ἀρρώστους καὶ ἐθεράπευον). Os Doze são enviados a proclamar (e aqui explicita-se o objetivo da proclamação: a conversão), a expulsar os demónios e a curar os doentes, de um modo especial: ungiendo-os com azeite.

Como refere Gnilka, entre outros autores, o relato da instituição dos Doze (3,13-19) está em harmonia com o do seu envio (6,7-13)⁴⁸. De facto, este último especifica os conteúdos anunciados no relato da instituição. Por isso, não analisaremos as duas passagens separadamente, mas sim em conjunto, escolhendo aquela em que determinada ideia aparece mais desenvolvida.

Não importa agora fazer um estudo destas passagens em si mesmas, mas do vocabulário nelas presente, de modo a compreendermos melhor a missão dos discípulos e, conseqüentemente, de Jesus. Assim, debruçar-nos-emos sobre os vocábulos nelas presentes,

⁴⁸ Cf. J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, I, 161; B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 334; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 252; S. LÉGASSE, *Marco*, 306.

agrupando-os em três conjuntos de ações: 1) proclamar para levar à conversão; 2) expulsar os demónios; 3) curar, unguendo com azeite os doentes.

2.2.1. Proclamar para levar à conversão

A primeira atividade a que os Doze são enviados é a proclamação (3,14): «e para os enviar a proclamar» (καὶ ἵνα ἀποστέλλῃ αὐτοὺς κηρύσσειν). Foi também assim que Jesus iniciou o seu ministério (1,14): «Depois de João ter sido preso, Jesus foi para a Galileia, proclamando o evangelho de Deus» (Μετὰ δὲ τὸ παραδοθῆναι τὸν Ἰωάννην ἦλθεν ὁ Ἰησοῦς εἰς τὴν Γαλιλαίαν κηρύσσων τὸ εὐαγγέλιον τοῦ θεοῦ). Em 6,12, Marcos explicita o objetivo da proclamação dos Doze: «proclamavam para que se convertessem» (ἐκήρυξαν ἵνα μετανοῶσιν). Também foi este o primeiro convite de Jesus (1,15): «Cumpriu-se o tempo e está próximo o reino de Deus; convertei-vos e acreditai no evangelho» (πεπλήρωται ὁ καιρὸς καὶ ἤγγικεν ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ· μετανοεῖτε καὶ πιστεύετε ἐν τῷ εὐαγγελίῳ). Os Doze, enquanto continuadores da missão de Jesus, são enviados a proclamar para que os ouvintes se convertam. É sobre estes dois verbos (κηρύσσω e μετανοέω) que nos ateremos de seguida.

a) κηρύσσω

Encontra-se 14 vezes em Marcos o verbo κηρύσσω⁴⁹. Derivando do substantivo κήρυξ, que significa *arauto*, *mensageiro*, este verbo possui tantas aceções quantas as que se

⁴⁹ 1,4.7.14.38.39.45; 3,14; 5,20; 6,12; 7,36; 13,10; 14,9; 16,15.20. O texto canónico não possui o substantivo κήρυγμα; este encontra-se, uma única vez, no final breve de Marcos.

atribuem à atividade do arauto. Ainda assim, pode definir-se como seu significado fundamental o de *gritar com voz forte, proclamar em alta voz, notificar*⁵⁰.

Das 33 vezes que aparece nos LXX, em 18 traduz o verbo $\alpha\gamma\gamma\epsilon\lambda\lambda\epsilon\iota$, que significa *gritar, chamar, invocar, proclamar, convidar, recitar*. Nas restantes vezes, traduz outros verbos e locuções verbais, pelo que se conclui que, no AT, $\kappa\eta\rho\acute{\upsilon}\sigma\sigma\omega$ não é um termo bem definido para expressar um determinado tipo de anúncio ou pregação⁵¹. Por estranho que pareça, nem é utilizado para referir a pregação dos profetas⁵².

No NT, Paulo é o primeiro a utilizar este termo e a dar-lhe um conteúdo cristão: $\kappa\eta\rho\acute{\upsilon}\sigma\sigma\omega$ não é proclamar alguma coisa, mas uma pessoa: Jesus Cristo (1Cor 1,23)⁵³. Deste modo, o verbo não é utilizado para referir o anúncio em alta voz de um discurso muito bem elaborado, mas um evento, um acontecimento salvífico, pelo que se prefere traduzi-lo por *proclamar*, mais do que por *pregar*⁵⁴.

Em Marcos, os sujeitos do verbo são João Batista (1,4.7), Jesus (1,14.38.39), aqueles que são curados por Jesus (1,45; 5,20; 7,36) e os discípulos (3,14; 6,12; 16,15.20) que, como Igreja, têm a missão de fazer com que o evangelho *seja proclamado* ($\kappa\eta\rho\upsilon\chi\theta\eta\eta\upsilon\alpha\iota$) a todas as nações (13,10).

Para a comunidade pós-pascal, o conteúdo do *kérygma* é o mistério de Jesus, mas de modo particular o testemunho da sua morte, sepultura e ressurreição (1Cor 15,3s; At 2,22-24). Marcos expressa-o na ação das mulheres, que observam a *morte* de Jesus no Calvário (15,40-41), a sua deposição no *sepulcro* (15,47) e recebem, em primeiro lugar, o anúncio da sua *ressurreição* (16,1-8)⁵⁵.

⁵⁰ Cf. G. FRIEDRICH, « $\kappa\eta\rho\acute{\upsilon}\sigma\sigma\omega$ », *GLNT*, V, 425.

⁵¹ Cf. *Ibidem*, 434.

⁵² Cf. *Ibidem*, 435.

⁵³ Cf. O. MERK, « $\kappa\eta\rho\acute{\upsilon}\sigma\sigma\omega$ », *DENT*, I, 2316.

⁵⁴ Cf. G. FRIEDRICH, « $\kappa\eta\rho\acute{\upsilon}\sigma\sigma\omega$ », 442-443. Esta é a opção da nova tradução da CEP: cf., por exemplo, 1,14, *in CEP, Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 119.

⁵⁵ Cf. CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 168, nota b.

b) μετανοέω

Em 6,12, o evangelista especifica o objetivo da proclamação: trata-se de proclamar o evangelho *para que* os ouvintes *se convertam* (ἐκήρυξαν ἵνα μετανοῶσιν). O verbo μετανοέω aparece duas vezes em Marcos, em 1,15 e 6,12. O substantivo μετάνοια, por seu turno, surge uma única vez, em 1,4. O verbo é um composto de νοέω, a que se junta a preposição μετά, significando *reconhecer depois / pensar demasiado tarde / mudar de pensamento / arrepender-se*⁵⁶. Traduzindo o hebraico **נָחַם** (*arrepender-se, sentir remorso, confortar, consolar*) e tendo equivalência com **שׁוּב** (*voltar-se, devolver, tornar, trazer de volta*), transmite, no AT, a ideia de sentido de culpa e arrependimento que levam a um retorno, a um voltar à situação inicial, isto é, tornar a cumprir a Lei⁵⁷. A Sagrada Escritura dá a este termo uma conotação ético-religiosa⁵⁸, pelo que preferimos a tradução por *converter-se*, na medida em que esta palavra expressa, melhor do que *arrepender-se*, a mudança de mentalidade e de sentimentos, da forma de pensar e de viver, para a conformar à vontade de Deus⁵⁹.

No NT, a primeira pessoa a proclamar um batismo de conversão é João Batista, que o associa, segundo Marcos, ao perdão dos pecados (1,4). Converter-se é, pois, afastar-se do pecado, para se ser perdoado e viver a adesão radical a Deus. O batismo é a concretização, o sinal visível, o selo da conversão⁶⁰. Por isso, se o batismo de João é uma preparação para o batismo de Jesus (cf. 1,8), converter-se implica, desde já, preparar-se para receber a mensagem de Jesus e aderir à sua pessoa.

Jesus redimensiona o conceito de *conversão*. Embora haja quem duvide da atribuição das palavras de 1,15 ao próprio Jesus⁶¹, elas aportam duas novidades para o entendimento deste assunto. A μετάνοια é inserida no contexto do anúncio do reino de Deus (βασιλεία τοῦ

⁵⁶ A tradução literal fica dificultada pelos diversos significados da preposição μετά: cf. J. BEHM, «μετανοέω, μετάνοια», *GLNT*, VII, 1108-1112.

⁵⁷ Cf. H. MERKLEIN, «μετάνοια», *DENT*, II, 250-251.

⁵⁸ Cf. J. BEHM, «μετανοέω, μετάνοια», 1146.

⁵⁹ Cf. CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 23 e 118, nota e.

⁶⁰ Cf. X. LÉON-DUFOUR, «Penitencia, conversión», *VTB*, 677.

⁶¹ Cf. H. MERKLEIN, «μετάνοια», 252-253.

θεοῦ) e explicitada pela fé no evangelho (πιστεύετε ἐν τῷ εὐαγγελίῳ). Converter-se já não é, portanto, voltar atrás, mas viver envolvido por esta salvação anunciada, que já está presente na pessoa de Jesus. Daí que converter-se seja acreditar no seu evangelho, na sua mensagem, nas suas palavras e obras, enfim, na sua pessoa⁶².

Proclamar o evangelho é, destarte, convidar à conversão. Dito de outro modo, Jesus e os discípulos proclamam o evangelho e, simultaneamente, convidam os homens a acreditarem no mesmo, o que implica a conversão da sua vida, pela mudança dos seus esquemas mentais, pelos quais se rege a existência.

2.2.2. Expulsar os demónios

Como consequência da proclamação do evangelho, que tem em vista a conversão, os Doze são enviados com «autoridade para expulsar os demónios» (ἐξουσίαν ἐκβάλλειν τὰ δαιμόνια: 3,14). O próprio Jesus, depois de iniciar a proclamação do evangelho de Deus, expulsara um demónio na sinagoga de Cafarnaum, pelo poder da sua palavra (1,21-28). Mais uma vez, os Doze, enquanto continuadores da missão do Senhor, participam desta autoridade especial. Mas, que significa *expulsar*? Quem são os *demónios*? Que *autoridade* é esta? Abordaremos, em seguida, estes três termos.

⁶² Esta relação entre a pessoa de Jesus e o evangelho fica explicitada em 8,35 e 10,29, onde, a preposição καί parece ter um valor explicativo: *por causa de mim, isto é, do evangelho*: cf. J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, I, 49-50.

a) ἐκβάλλω

O verbo ἐκβάλλω é utilizado 18 vezes em Marcos⁶³, sendo um composto do verbo βάλλω (*jogar, atirar*), ao qual se junta a preposição ἐκ. Ἐκβάλλω significa assim *expulsar, expelir*. Nos LXX, quase sempre traduz o verbo שׁרַף (*expulsar, banir*). No NT, é usado sobretudo para falar da expulsão dos demónios, que era já uma prática judaica, mas que Jesus redimensiona, exorcizando apenas pela sua palavra e pela oração (1,25s; 9,28s)⁶⁴.

Marcos faz uso dele, com diversos significados. O menos violento é o de *despedir, mandar embora*: Jesus *despede* o leproso que havia purificado (1,43) e *põe fora* todos os que se encontravam na casa de Jairo (5,40). Mais violenta, porém, é a *expulsão* dos vendedores e dos compradores do templo (11,15), a ação de *lançar fora* da vinha o herdeiro (12,8) e o *deitar fora* o olho, se este for ocasião de escândalo (9,47). Nesta última passagem se demonstra que o reino de Deus é uma força que polariza todos os outros valores, inclusive a vida humana, relativizando-os e submetendo-os à entrada no reino. Um significado particular deste termo em Marcos surge em 1,12, quando se refere que Jesus *foi impelido* pelo Espírito a ir para o deserto. Assim se pretende mostrar que Jesus se encontra sob o poderoso impulso do Espírito Santo⁶⁵. Mas o significado neotestamentário mais usual é, sem dúvida, o de expulsar os demónios, isto é, de os fazer sair do ser humano, onde, indevidamente, entraram.

b) δαιμόνιον

Quanto ao substantivo δαιμόνιον, encontramos-lo 13 vezes em Marcos⁶⁶, tendo como sinónimo πνεῦμα ἀκάθαρτον, que aparece 14 vezes⁶⁷. Com efeito, ambas as expressões se

⁶³ 1,12.34.39.43; 3,15.22.23; 5,40; 6,13; 7,26; 9,18.28.38.47; 11,15; 12,8; 16,9.17.

⁶⁴ Cf. F. HAUCK, «βάλλω», *GLNT*, II, 38-39.

⁶⁵ Cf. F. ANNEN, «ἐκβάλλω», *DENT*, I, 1236.

⁶⁶ 1,34bis.39; 3,15.22bis; 6,13; 7,26.29.30; 9,38; 16,9.17.

referem a uma entidade, que exerce um poder maligno sobre os homens. Jesus, porém, tem autoridade para libertar o ser humano, expulsando os demónios, de tal modo que lhes ordena que saiam (1,25) e eles obedecem-lhe (1,27). É preciso, pois, compreender o conceito neotestamentário de Mal, para entender a missão libertadora de Jesus.

Na verdade, para o NT, enquanto o Bem é a presença do homem perante Deus, isto é, a comunhão entre ambos, a realidade do Mal corresponde à ausência do homem perante Deus. Como afirma M. Sousa: «depois do pecado não é Deus que desaparece do jardim, mas o ser humano que dele é expulso. O pecado torna impossível a comunhão com Deus»⁶⁸. Diante desta dificuldade humana, devida ao pecado, ou seja, ao domínio do Maligno sobre o homem, de participar na comunhão divina, Jesus é apresentado como o «Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo» (Jo 1,29). Ele vem para libertar o ser humano do domínio do Maligno e transferi-lo para o reino de Deus. Com efeito, a vida e o ministério de Jesus espelham o duelo entre estes dois mundos, cujo objetivo é a salvação do homem⁶⁹. Trata-se, portanto, de uma «luta» pelo senhorio sobre o homem, para que, retirando-o do domínio do Mal, o possa transportar ao reino onde Deus é senhor⁷⁰. O derradeiro combate dá-se na cruz, onde Jesus *expulsa o príncipe deste mundo* (νῦν ὁ ἄρχων τοῦ κόσμου τούτου ἐκβληθήσεται ἔξω: Jo 12,31) e pela sua morte destrói a morte eterna e restaura a vida eterna, reconciliando o mundo consigo (Rm 5,10)⁷¹ e oferecendo aos homens a liberdade dos filhos de Deus (Rm 8,21).

Para Marcos, as possessões demoníacas são a concretização deste domínio do Mal sobre o homem, que conduz à despersonalização do mesmo⁷². Os demónios, tendo como chefe Belzebu (3,22) ou Satanás (3,23.26; 4,15) e organizando-se individualmente, em grupo de sete (16,9) ou em legião (5,9), possuem a faculdade de, através das pessoas possuídas,

⁶⁷ 1,23.26.27; 3,11.30; 5,2.8.13; 6,7; 7,25; 9,17.20.25bis. Em 9,17, o espírito não é definido como impuro, mas como mudo (πνεῦμα ἄλαλον).

⁶⁸ M. SOUSA, «Poderá a morte ser “boa”?»: A eutanásia à luz da Sagrada Escritura», *Humanística e Teologia*, 38/1 (2017) 71.

⁶⁹ Como afirma X. LÉON-DUFOUR, «Demonios», *VTB*, 221: «La vida e la acción de Jesús se sitúa en la perspectiva de este duelo entre dos mundos, cuyo objeto es en definitiva la salvación del hombre».

⁷⁰ Cf. M. SOUSA, «Para que também vós acrediteis»: *Estudo exegético-teológico de Jo 19, 31-37*, Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma, 2009, 128.

⁷¹ Cf. IDEM, «Poderá a morte ser “boa”?», 72.

⁷² Cf. CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 120, nota d.

gritar, sacudir, fazer perguntas, dar respostas, e, impressionantemente, reconhecer Jesus como o Filho de Deus (1,24; 5,7), embora Ele os mande calar, por falta de autoridade vivencial para fazer tal confissão⁷³. De facto, os demónios conhecem Jesus, mas não acreditam! E sabem que Ele veio para os destruir (1,24). Àqueles que possuem, fazem-nos afastar-se de Deus e da comunidade, como é o caso do possesso de Gerasa, por exemplo, que tinha a sua morada nos sepulcros (ὄς τὴν κατοίκησιν εἶχεν ἐν τοῖς μνήμασιν: 5,3)⁷⁴.

Por isso, Jesus assume como parte integrante da sua missão salvífica os exorcismos, e associa a si os Doze, investindo-os da mesma autoridade: expulsar os demónios em seu nome (ἐν τῷ ὀνόματί σου ἐκβάλλοντα δαιμόνια: 9,38). Assim se concretizará o chamamento para serem «pescadores de homens» (1,17)⁷⁵.

c) ἐξουσία

Surge 10 vezes em Marcos a palavra ἐξουσία⁷⁶. Derivando de ἔξεστιν (*é dada a possibilidade*), faz referência a uma possibilidade concedida por uma norma ou por uma exigência superior⁷⁷, ao contrário de δύναμις que denota uma capacidade intrínseca⁷⁸. Nos LXX, diz respeito ao direito, ao poder, à permissão e à liberdade em sentido jurídico e político⁷⁹, e traduzindo o hebraico מְלָכָה, ἐξουσία indica também o poder soberano de Deus⁸⁰ (Sl 114,2; Sb 16,13; Sir 10,4; Dn 4,14.23.29.34), de quem procede toda a autoridade⁸¹.

⁷³ Cf. CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 121, nota g.

⁷⁴ Também a possessão demoníaca compreendida como influência de doenças incuráveis comporta a separação do mundo e do convívio com os outros: cf. J. C. CARVALHO, «Sonhos, anjos e demónios nas aparições bíblicas», *Bíblica XXVI* (2017) 118-119.

⁷⁵ Cf. CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 120, nota a.

⁷⁶ 1,22.27; 2,10; 3,15; 6,7; 11,28bis.29.33; 13,34.

⁷⁷ Cf. W. FOERSTER, «ἐξουσία», *GLNT*, III, 631.

⁷⁸ Cf. *Ibidem*.

⁷⁹ Cf. *Ibidem*, 637.

⁸⁰ Cf. I. BROER, «ἐξουσία», *DENT*, I, 1447.

⁸¹ Cf. X. LÉON-DUFOUR, «Autoridad», *VTB*, 109: «“TODA AUTORIDAD VIENE DE DIOS.” Este principio, que formulará Pablo (Rom 13,1), se supone constantemente en el AT: el ejercicio de la autoridad aparece en él sometido a las exigencias imperiosas de la voluntad divina».

O NT utiliza esta palavra em consonância com o significado que tem no AT. A autoridade é a possibilidade de agir própria de Deus, na qual participa, de um modo especialíssimo, o seu Filho e, por extensão, os discípulos⁸².

Marcos usa ἐξουσία para expressar a *autoridade* dos ensinamentos de Jesus, que o diferencia dos doutores da Lei (1,22), a *autoridade* do Filho do Homem para perdoar os pecados (ἐξουσίαν ἔχει ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου ἀφιέναι ἁμαρτίας: 2,10), bem como, na parábola, a *autoridade* do dono da casa (13,34). Mas é também usada para falar da *autoridade* da palavra de Jesus, pela qual expulsa os demónios (1,27), que é conferida também aos Doze (3,15; 6,7). No contexto de uma controvérsia, com os sumos sacerdotes, os doutores da Lei e os anciãos, sobre a *autoridade* de Jesus (11,27-33), Ele não revela de onde esta lhe provém. O leitor do evangelho, porém, sabe qual é a resposta⁸³.

No que se refere à expulsão dos demónios, a autoridade é, em primeiro lugar, atribuída a Jesus (1,34.39; 3,22; 7,26; 16,9), mas também participam desta autoridade do Mestre os Doze (3,15; 6,13), aqueles que acreditarem nele (16,17) e até mesmo outras pessoas (9,38). A necessidade da comunhão com o Senhor, da qual deriva esta autoridade, vem expressa pela preposição ἐν: os discípulos expulsam os demónios *em* nome de Jesus (9,38; 16,17).

2.2.3. Curar, unguindo com azeite os doentes

A par da expulsão dos demónios, os apóstolos «ungiam com azeite muitos enfermos e curavam-nos» (ἤλειφον ἐλαίῳ πολλοὺς ἀρρώστους καὶ ἐθεράπευον: 6,13), à semelhança de Jesus que, depois de libertar o endemoniado de Cafarnaum (1,21-28), cura a sogra de Pedro (1,29-31) e muitos outros doentes (1,34). Mais uma vez, os Doze, enquanto continuadores da missão de Jesus, realizam as mesmas ações, embora, neste caso, a cura dos doentes seja

⁸² Cf. W. FOERSTER, «ἐξουσία», 643 e 648.

⁸³ Cf. J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, II, 164; B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 621.

operada através de uma unção com azeite. Vamos, pois, analisar os verbos θεραπεύω e ἄλειψω, e os substantivos ἔλαιον e ἄρρωστος, usados por Marcos, para percebermos o que é a *cura*, e o modo original como esta é feita pelos discípulos, no contexto da sua missão: que *unção* é esta, o porquê do *azeite* e de que *doentes* se trata.

a) θεραπεύω

Marcos utiliza 5 vezes o verbo θεραπεύω⁸⁴. No grego clássico, este verbo possui já o significado de *curar um doente, submetê-lo a tratamento médico*. O AT usa-o na continuidade desta linha de sentido (cf. Tb 2,10; Sb 16,12; Sir 18,19; 38,7). No NT, na quase totalidade das passagens em que é utilizado, θεραπεύω também significa *curar*⁸⁵.

Em 1,34, Marcos relaciona a cura com a expulsão de demónios, de tal modo que não se pode entendê-las como realidades totalmente diversas. Esta ideia fica também expressa no quiasmo de 6,13: καὶ δαιμόνια πολλὰ ἐξέβαλλον, καὶ ἤλειπον ἐλαίῳ πολλοὺς ἄρρώστους⁸⁶. Ambas dão conta do domínio do Mal sobre o homem, embora em diferentes graus. Em 3,2, a cura é apresentada como uma ação salvífica de Jesus, um bem que Ele opera em favor da vida dos homens (3,4), e como um ato escatológico, já que o tempo do fim é tempo de descanso/alívio, isto é, de sábado⁸⁷. Jesus, que veio ao mundo para salvar os homens, trata-os no corpo e no espírito, ainda que as duas dimensões não possam ser completamente separadas, e dá aos seus discípulos a autoridade para fazer o mesmo.

⁸⁴ 1,34; 3,2.10; 6,5.13.

⁸⁵ O verbo θεραπεύω significa também «servir, estar ao serviço». O AT reflete este significado: θεραπεύω tanto significa «servir» em sentido profano (Est 1,1; 2,19; 6,10), como «adular alguém» (Pr 19,6; 29,26), como ainda «servir a Deus» (Jdt 11,17; Is 54,17). No NT, apenas em At 17,25 se refere ao serviço da divindade: cf. H. W. BEYER, «θεραπεύω», *GLNT*, IV, 487-490.

⁸⁶ Cf. J. MATEOS; F. CAMACHO, *El Evangelio de Marcos: Análisis lingüístico y comentario exegético*, vol. II, Ediciones El Almendro; Fundación Épsilon, Córdoba, 1993, 5.

⁸⁷ Cf. W. GRIMM, «θεραπεύω», *DENT*, I, 1863: «el tiempo del fin es, según Is 61, 1s y Lc 4, 19; Mt 11, 28, tiempo de “sábado”».

b) ἄλειφω

O verbo ἄλειφω, que significa *ungir*, é utilizado apenas 27 vezes em toda a Sagrada Escritura, das quais 9 se encontram no NT. Traduz nos LXX três termos hebraicos: a) ׀ׁׁ (ungir); b) ׀ׁׁ (espalmar, engessar); c) ׀ׁׁ (verter óleo). Aparece, no AT, sobretudo no contexto das unções feitas no dia a dia e que eram sinal de alegria (Pr 27,9), e, no NT, no episódio da mulher que unge os pés de Jesus (Lc 7,38.46; Jo 11,2; 12,3), em sinal de acolhimento a um hóspede⁸⁸.

Em Marcos surge duas vezes com significados diferentes, e distintos de todas as outras ocorrências. Em 6,13, faz referência à *unção* dos enfermos e em 16,1 indica o *embalsamamento* do corpo de Jesus⁸⁹. Mc 6,13, juntamente com Tg 5,14, são os únicos textos bíblicos em que a unção dos doentes com azeite aparece explícita. Tendo em conta o sentido da unção em Tiago, talvez o seu sentido em Marcos seja o da presença da Igreja, que ora com fé pelos doentes, que os unge em nome do Senhor e que lhes perdoa os pecados, que porventura tiverem cometido, na certeza de que Jesus tem poder para curar física e espiritualmente.

c) ἔλαιον

O azeite (ἔλαιον), matéria das unções, era usado, na antiguidade, como mercadoria, como combustível para as lâmpadas, como elemento para ungir e como remédio curativo⁹⁰. Léon-Dufour faz um excelente resumo do significado do azeite, enquanto dom de Deus para Israel. Sendo um dos principais alimentos com que Deus sacia o seu povo, o azeite simboliza

⁸⁸ Cf. H. SCHLIER, «ἄλειφω», *GLNT*, I, 617.

⁸⁹ Cf. H. BALZ; G. SCHNEIDER, «ἄλειφω», *DENT*, I, 170.

⁹⁰ Cf. I. BROER, «ἔλαιον», *DENT*, I, 1297.

a bênção divina e a felicidade escatológica. Além disso, serve também como medicamento, que fortalece os membros e cura as feridas, e como perfume para o corpo. Utilizado como combustível para as lâmpadas, o azeite é fonte de luz⁹¹.

Como vemos, o azeite, como dom de Deus, serve também para fins medicinais. Esta finalidade está bem atestada no AT. Segundo a mentalidade bíblica, o azeite penetra profundamente no corpo (Sl 109,18), dá-lhe força, saúde, alegria e beleza⁹². Em Is 1,6, por exemplo, fala-se do azeite para curar as feridas, e em Lv 14,10-32 do azeite com que os leprosos se ungiam como rito de purificação. Também o bom samaritano, imagem de Cristo, derramou azeite e vinho sobre as feridas (Lc 10,34) do homem que descia de Jerusalém para Jericó.

Se, por um lado, Mc 6,13, único versículo em que ocorre uma referência a ἔλαιον, reflete o costume judaico de ungir os doentes com azeite, por outro, pode entrever-se na unção também um valor espiritual e simbólico. De facto, a cura é mais que a simples aplicação do azeite; é fruto da oração dos discípulos que, unidos a Jesus, realizam ações poderosas, pela autoridade que dele receberam (6,7)⁹³.

d) ἄρρωστος

O substantivo ἄρρωστος aparece unicamente 7 vezes em toda a Sagrada Escritura, 3 das quais em Marcos, referindo-se ao *doente* (6,5.13; 16,18)⁹⁴. No AT, a enfermidade é vista

⁹¹ Cf. X. LÉON-DUFOUR, «Aceite», *VTB*, 44: «El aceite es, con el trigo y el *vino, uno de los alimentos esenciales con que Dios sacia a su pueblo fiel (Dt 11,14) en la tierra rica en olivos (Dt 6,11; 8,8), en que lo ha establecido gratuitamente. El aceite aparece como una *bendición divina (Dt 7,13ss; Jer 31,12) cuya privación castiga la infidelidad (Miq 6,15; Hab 3,17), cuya abundancia es signo de salvación (Jl 2,19) y símbolo de felicidad escatológica (Os 2,24). Además, el aceite no es únicamente alimento indispensable, aun en tiempo de carestía (1Re 17,14s; 2Re 4,1-7); es también un ungüento que perfuma el cuerpo (Am 6,6; Est 2,12), fortifica los miembros (Ez 16,9) y suaviza las llagas (Is 1,6; Lc 10,34); finalmente, el aceite de las lámparas es fuente de luz (Éx 27,20s; Mt 25,3-8)».

⁹² Cf. IDEM, «Unción», *VTB*, 917.

⁹³ Cf. CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 134, nota e.

⁹⁴ Para falar de doenças e de doentes, Marcos usa também o verbo ἀσθενέω (6,56) e os substantivos ἀσθενής (14,38), κακῶς (1,32.34; 2,17; 6,55) e νόσος (1,34).

como um estado de fraqueza e debilidade (Sl 38,11), ao passo que a saúde supõe força e vitalidade. Para a mentalidade bíblica assente na causalidade divina e na doutrina da retribuição, a doença é dada por Deus ao homem pecador. Há, portanto, um nexos entre pecado e enfermidade⁹⁵. Jesus não nega este nexos (cf. 2,10s), embora não interprete a doença nessa perspectiva fechada de retribuição (cf. Jo 9,2s). A doença pode ser simplesmente uma ocasião para que se manifeste a glória de Deus (Jo 9,3s), na pessoa de Jesus, que veio para salvar o seu povo.

Tal como a enfermidade é símbolo do estado do homem pecador, a cura física representa a cura espiritual⁹⁶. Na verdade, a doença é a manifestação do pecado, que, por sua vez, é sinal do domínio do Mal sobre o homem. Jesus vem para libertá-lo desse domínio e transferi-lo para o senhorio de Deus. A isto se dá o nome de *cura*, que é sinal de que o reino de Deus chegou.

2.3. O tempo da missão: imediatamente (εὐθύς)

O advérbio εὐθύς/εὐθέως, que aparece 87 vezes no NT⁹⁷, encontra-se 42 vezes em Marcos⁹⁸, 26 das quais sob a construção καὶ εὐθύς, e em 7,35 na forma de εὐθέως. Trata-se, portanto, de um termo muito característico de Marcos. Com o significado de *logo, em seguida, imediatamente, sem demora*, é utilizado pelo evangelista para fazer a conexão entre relatos, indicando a sucessão dos acontecimentos. Daí que surja no início (1,12.21.29; 6,45; 14,43; 15,1) ou no fim (1,28; 4,29; 5,43; 8,10) de perícopes⁹⁹.

⁹⁵ Cf. X. LÉON-DUFOUR, «Enfermedad, curación», *VTB*, 276.

⁹⁶ Cf. *Ibidem*, 278: «La enfermedad es un símbolo del estado en que se halla el hombre pecador: espiritualmente es ciego, sordo, parálitico... La curación del enfermo es, pues, también un símbolo: representa la curación espiritual que Jesús viene a operar en los hombres».

⁹⁷ Cf. W. PÖHLMANN, «εὐθύς», *DENT*, I, 1661.

⁹⁸ 1,10.12.18.20.21.23.28.29.30.42.43; 2,8.12; 3,6; 4,5.15.16.17.29; 5,2.29.30.42bis; 6,25.27.45.50.54; 7,25.35; 8,10; 9,15.20.24; 10,52; 11,2.3; 14,43.45.72; 15,1.

⁹⁹ Cf. W. PÖHLMANN, «εὐθύς», 1662-1663.

O uso do advérbio faz com que Jesus seja apresentado em constante movimento, indicando, assim, a urgência da proclamação do evangelho. O ministério de Jesus não tem intervalos, nem vazios, antes preenche todo o tempo¹⁰⁰. A missão é um *continuum*, é algo a ser realizado em todo o tempo e todo o espaço.

Por outro lado, o advérbio é usado nos relatos de curas (1,42; 2,12; 5,29.42; 7,35; 10,52), para referir o nexos entre a palavra e os gestos de Jesus, e a ação poderosa. O sucesso imediato destas ações poderosas é consequência da palavra poderosa de Jesus.

Também a resposta dos discípulos ao chamamento de Jesus é imediata (1,18.20). A missão que o Senhor tem para lhes confiar precisa de uma aceitação disponível e radical, precisa de prontidão para ser realizada num *aqui e agora* sempre urgente, à maneira de Jesus.

2.4. O dinamismo da missão: os verbos de movimento

Os verbos ἔρχομαι, ἀπέρχομαι (seguido de εἰς), εἰσέρχομαι (também seguido de εἰς) e ἐξέρχομαι, analisados conjuntamente, refletem, numa primeira aproximação, o dinamismo missionário de Jesus e, conseqüentemente, dos seus discípulos. Com sentido locativo, estes termos mostram as sucessivas deslocções de Jesus, quase sempre com os discípulos¹⁰¹, e dos discípulos, eles só¹⁰².

Jesus percorre aldeias e cidades, desde a Galileia (1,14), quer numa margem (1,16) quer noutra (4,35) do mar de Tiberíades, a Jerusalém (11,15), mostrando que a missão não se confina a um pequeno espaço, mas que nutre desejos de universalidade (13,10; 14,9). Jesus e os discípulos estão em constante partida e chegada, proclamando o evangelho e acorrendo às necessidades das pessoas.

¹⁰⁰ Segundo o dizer joanino, o Pai e o Filho trabalham incessantemente (cf. Jo 5,17).

¹⁰¹ ἔρχομαι: 1,9.14.29; 3,20; 5,1.38; 6,1.53; 7,31; 8,10.22; 9,33; 10,1.46; 11,15.27; 14,16s.32; ἀπέρχομαι: 1,35; 5,20.24; 6,32.46; 7,24; 8,13; 14,39; εἰσέρχομαι: 1,21; 2,1; 3,1; 5,39; 7,17.24; 9,28 11,11.15; ἐξέρχομαι: 1,29.35; 2,13; 5,2; 6,1.34.54; 7,31; 8,27; 9,30; 11,11s; 14,26.

¹⁰² ἀπέρχομαι: 11,4; 16,13; ἐξέρχομαι: 6,12; 14,16.

Mas estes verbos possuem sentidos mais profundos, que vão para além da simples movimentação física. Vejamo-los separadamente.

a) ἔρχομαι

O verbo ἔρχομαι significa, consoante os contextos, *ir* ou *vir*. Já no grego clássico era usado como circunlóquio para expressar a epifania da(s) divindade(s). Nos LXX, traduz o verbo נָצַח, bem como outros 34 termos hebraicos, e é utilizado tanto em sentido local como em sentido figurado. Nos enunciados escatológicos e naqueles sobre a vinda do Messias, ἔρχομαι assume-se como termo técnico. O NT, na continuidade do sentido profano e veterotestamentário, utiliza-o em sentido local, para falar da movimentação das personagens, e em sentido figurado para afirmar a vinda do Messias e, com Ele, do reino de Deus¹⁰³.

Marcos usa 85 vezes o verbo ἔρχομαι¹⁰⁴. Este verbo fala, em primeiro lugar, da vinda do Senhor à terra e da sua missão entre os homens. Jesus é, com efeito, o *primeiro enviado*, o enviado do Pai (9,37), «o que *vem* (ὁ ἐρχόμενος) em nome do Senhor» (11,9s; cf. Sl 118,26a). Ele é aquele que *vem* depois de João Batista e que é mais forte do que ele (1,7); *veio* para derrotar os demónios (1,24); *veio* para pregar (1,39); *veio* para chamar não os justos, mas os pecadores (2,17); «não *veio* para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos» (10,45); no fim dos tempos, *virá* na glória do Pai (8,38); *virá* o Filho do Homem sobre as «nuvens com grande poder e glória» (13,26; 14,62). E porque Jesus *veio*, na sua pessoa, chegou também o reino de Deus (1,15), que, apesar da oposição da vinda de Satanás que procura tirar do coração do homem a palavra semeada (4,15), cresce e se desenvolve pela ação de Jesus e dos discípulos.

¹⁰³ Cf. T. SCHRAMM, «ἔρχομαι», *DENT*, I, 1589-1591; J. SCHNEIDER, «ἔρχομαι», *GLNT*, III, 913-917.

¹⁰⁴ 1,7.9.14.24.29.39.40.45; 2,3.13.17.18.20; 3,8.20.31; 4,4.15.21.22; 5,1.14.15.22.23.26.27.33.35.38; 6,1.29.31.48.53; 7,1.25.31; 8,10.22.38; 9,1.11.12.13.14.33; 10,1.14.30.45.46.50; 11,9.10.13bis.15.27bis; 12,9.14.18.42; 13,6.26.35.36; 14,3.16.17.32.37.38.40.41bis.45.62.66; 15,21.36.43; 16,1.2.

Ἔρχομαι tem ainda como sujeito aqueles que *vêm* a Jesus, ou seja, se aproximam dele, e por Ele são atendidos (1,40.45; 2,3.13.18; 3,8.31; 5,15.22.27.33; 6,31; 7,1.25; 10,14.50; 11,27; 12,14.18; 14,3.45). A missão de Jesus passa por acolher os que vêm a si, ainda que os seus intuitos não sejam os melhores. E, se, por um lado, Jesus deixa que todos venham a si, por outro, também Ele *vai* ao encontro dos discípulos, nas suas tempestades (6,48) e vacilos (14,37.40.41).

Em suma, o verbo ἔρχομαι adquire em Marcos dois sentidos distintos: ora fala das deslocções de diversos personagens, entre eles Jesus e os discípulos, ora se refere à vinda do Messias e, com ele, do reino de Deus, que já não é uma perspectiva, mas uma realidade.

b) ἀπέρχομαι

Marcos utiliza 23 vezes o composto ἀπέρχομαι (ἀπό + ἔρχομαι)¹⁰⁵. Em sentido próprio, significa *dirigir-se a, partir para*¹⁰⁶. Com a preposição ὀπίσω, faz referência à condição do discípulo que *parte atrás de* Jesus, em resposta ao seu chamamento¹⁰⁷, e o segue, deixando para trás a situação vivida até ao momento (1,20)¹⁰⁸.

Mais interessante ainda é notar as únicas duas ocorrências com a preposição πρός, em 3,13 e 14,10: tal como os discípulos *partem para* Jesus, Judas *parte para* os sumos sacerdotes. Os discípulos deixam para trás a sua vida pessoal e passam a seguir Jesus. Judas, por sua vez, deixa para trás o caminho que fez enquanto discípulo do Senhor e, apesar de ser «um dos Doze» (14,10), abandona o Mestre para se unir ao projeto dos seus adversários. Talvez Marcos nos queira dizer, com esta construção (ἀπέρχομαι πρός), que estas

¹⁰⁵ 1,20.35.42; 3,13; 5,17.20.24; 6,27.32.36.37.46; 7,24.30; 8,13; 9,43; 10,22; 11,4; 12,12; 14,10.12.39; 16,13.

¹⁰⁶ Cf. H. BALZ; G. SCHNEIDER, «ἀπέρχομαι», *DENT*, I, 358-359. Em sentido figurado, refere-se às enfermidades que, libertando os doentes, os *deixam* (1,42).

¹⁰⁷ Cf. J. SCHNEIDER, «ἀπέρχομαι», *GLNT*, III, 939.

¹⁰⁸ Cf. CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 126, nota a.

aproximações são mais do que meras aproximações físicas, mas antes revelam uma adesão às pessoas e suas ideias.

O verbo ἀπέρχομαι tem, pois, um lugar importante no enquadramento da terminologia do envio. Para estar com o Senhor e ser enviado por Ele (3,14), é preciso, primeiro, *partir*, deixando para trás as redes e a própria família (1,20), e aceitando seguir incondicionalmente o Mestre e Senhor, passando a fazer parte da sua família (3,34s).

c) εἰσέρχομαι

O verbo εἰσέρχομαι, com o significado de *ir a, entrar, penetrar*, é utilizado 30 vezes por Marcos¹⁰⁹. Deriva também de ἔρχομαι, a que se adiciona a preposição εἰς. Em sentido locativo, expressa a entrada de certa pessoa em determinado lugar. Mas, em sentido figurado, refere-se a outras realidades.

Marcos utiliza, pois, o verbo εἰσέρχομαι para falar das possessões demoníacas. Quer como constatação de que o demónio entrou em determinada pessoa, quer como ordem para que não *entre* (9,25), o demónio é apresentado como entidade que entra nas pessoas, como dono na própria casa (13,35), apoderando-se das suas vidas¹¹⁰.

Do ponto de vista teológico, é interessante o uso do verbo εἰσέρχομαι para falar da entrada no reino de Deus. Para Marcos, a entrada no reino está associada ao acesso a Jesus¹¹¹. O reino de Deus é daqueles que, como crianças, vão ter com Jesus (10,14). *Entrar* no reino de Deus implica, pois, acolhê-lo em atitude de criança (10,15) e despojado de riquezas (10,23-

¹⁰⁹ 1,21.45; 2,1.26; 3,1.27; 5,12.13.39; 6,10.22.25; 7,17.24; 8,26; 9,25.28.43.45.47; 10,15.23.24.25; 11,11.15; 13,15; 14,14; 15,43; 16,5.

¹¹⁰ Cf. H. WEDER, «εἰσέρχομαι», *DENT*, I, 1219.

¹¹¹ Cf. *Ibidem*, 1220.

25). Paralelamente à entrada no reino, o verbo εἰσέρχομαι é usado para falar da *entrada* na vida eterna (ζωή) (9,43.45)¹¹².

Em conclusão, este verbo expressa, em Marcos, realidades muito distintas, e até opostas. Além do significado locativo, εἰσέρχομαι refere-se, numas vezes, às possessões dos demónios e, noutras, à entrada no reino de Deus ou na vida eterna, que é, no fundo, o objetivo último da missão de Jesus e dos seus discípulos.

d) ἐξέρχομαι

Marcos usa 39 vezes o verbo ἐξέρχομαι, que significa *sair*¹¹³. É mais um composto do verbo ἔρχομαι, a que se junta a preposição ἐξ. Nos LXX, traduz maioritariamente o verbo ἔξϝ, e acentua, mais do que o facto de sair, o aparecer num determinado lugar. No NT, prevalece também o sentido local. Com um complemento final, significa *apresentar-se como mensageiro, mover-se para determinada função* (por exemplo, Mc 1,38.45; 2,12s; 4,3; 6,12)¹¹⁴.

Os sujeitos mais frequentes deste verbo, em Marcos, são Jesus (1,35.38; 2,13; 5,2; 6,1.34; 7,1; 8,27) e os Doze (1,29; 6,54; 9,30; 11,11; 14,26). Tal como o verbo ἔρχομαι, faz referência, em sentido figurado, à vinda e missão do Messias, que *sai* (de junto de Deus, ou seja, vem à terra) para proclamar em toda a parte (1,38) e para semear (4,3). Note-se também a afirmação de que Jesus sente uma força a *sair* de si (5,30), afirmação esta em que talvez se possa entrever uma pneumatologia arcaica.

¹¹² Cf. J. SCHNEIDER, «εἰσέρχομαι», *GLNT*, III, 944.

¹¹³ 1,25.26.28.29.35.38.45; 2,12.13; 3,6.21; 4,3; 5,2.8.13.30; 6,1.10.12.24.34.54; 7,29.30.31; 8,11.27; 9,25.26.29.30; 11,11.12; 14,16.26.48.68; 16,8; 16,20.

¹¹⁴ Cf. W. SCHENK, «ἐξέρχομαι», *DENT*, I, 1428-1430; J. SCHNEIDER, «ἐξέρχομαι», *GLNT*, III, 949.

Sem genitivo partitivo nem preposição correspondente, ἐξέρχομαι significa «fazer ato de presença» (por exemplo, 3,6.21; 8,11).

O movimento de saída pode ainda corresponder ao afastamento de Jesus. É o caso de Pedro que, depois de negar Jesus, *sai* (14,68), e das mulheres, que *saem* aterrorizadas do sepulcro (16,8). Mas também pode corresponder ao dinamismo missionário dos discípulos, que *saem* para «proclamar por toda a parte» (16,20).

Recorrendo ao pleonasma, Marcos repete a preposição ἐκ/ἐξ depois do verbo, para enfatizar o ponto de origem da ação de sair¹¹⁵. É o caso dos exorcismos, em que aponta o lugar de onde os demónios são expulsos: as pessoas concretas (1,25s; 5,8.13; 7,29s; 9,25s.29).

Em suma, este verbo é utilizado em contextos muitos díspares, desde a saída de Jesus ao mundo, passando pela saída missionária dos discípulos, até ao afastamento de Jesus durante a sua paixão, ou à saída do demónio da pessoa possuída.

2.5. Linhas de significado

O estudo do vocabulário, que acabamos de fazer, permite-nos identificar algumas linhas de significado¹¹⁶, a partir das quais se deve entender, segundo Marcos, a missão de Jesus e dos discípulos. Naturalmente que as palavras estão condicionadas pelo seu contexto, pelo que o mesmo vocábulo pode surgir em linhas de significado diferentes.

Deste modo, trata-se, em primeiro lugar, de uma *missão fundada em Deus*. Na verdade, é Deus quem envia (ἀποστέλλω) Jesus, que, por sua vez, envia os discípulos. Jesus sai (ἐξέρχομαι) de junto de Deus, isto é, vem (έρχομαι) ao mundo, revestido da autoridade (ἐξουσία) que lhe vem do Pai, e torna os discípulos participantes desta mesma autoridade, necessária ao desempenho da missão. Em última análise, a origem do envio e da autoridade, ou seja, a raiz e fundamento da missão é o próprio Deus.

¹¹⁵ Cf. W. SCHENK, «ἐξέρχομαι», 1430.

¹¹⁶ Falamos de linhas de significado no sentido de linhas de pensamento teológico emanadas da semântica contextual.

Em segundo lugar, trata-se de uma *missão presencial*. As ações que Jesus e os Doze realizam – proclamar (κηρύσσω) o evangelho, expulsar (ἐκβάλλω) os demónios e curar (θεραπεύω) os enfermos – exigem proximidade. Daí que a presença seja fundamental na missão do Senhor e dos discípulos. Ir/vir (ἔρχομαι) e partir (ἀπέρχομαι), entrar (εἰσέρχομαι) e sair (ἐξέρχομαι), parecem ter um único objetivo: estar! Ao mesmo tempo, esta presença é inadiável; deve realizar-se imediatamente (εὐθύς), denotando assim o caráter urgente da missão.

Depois, trata-se também de uma *missão que faz passar da morte para a vida*. Atormentado pela ação do Mal, o ser humano experimenta, em Jesus, uma vida nova. De facto, embora o demónio (δαμόνιον) e a enfermidade entrem (εἰσέρχομαι) no homem para o perder, tornando-o possesso e/ou doente (ἄρρωστος), Jesus e os discípulos fazem-nos sair (ἐξέρχομαι), para que a pessoa possa entrar (εἰσέρχομαι) verdadeiramente no reino de Deus, na vida eterna.

Por fim, trata-se de uma *missão que produz efeito na vida dos seus destinatários*. Nos que escutam a proclamação do evangelho, nasce o desejo de se converterem (μετανοέω); os que são tocados por Jesus ou unguídos (ἀλείφω) com azeite (ἔλαιον) pelos Doze ficam curados (θεραπεύω); nos que são chamados pelo Senhor, brota também, imediatamente (εὐθύς), o desejo de o seguir e a disposição para ser enviado (ἀποστέλλω), dando assim continuidade à sua missão.

3. Conclusão

O tema da missão penetra profundamente a narrativa de Marcos. De facto, quer o conteúdo quer a forma do relato deixam emergir constantemente a preocupação missionária do evangelista. Não se trata, portanto, de um tema que surge esporadicamente, mas que se

supõe permanentemente e que, em certa medida, estrutura toda a narrativa. Pelo género literário dinâmico e comunicativo, pela teologia que coloca a identidade de Jesus, o chamamento dos discípulos e a chegada do reino de Deus em relação com a missão, pela estrutura que ao início e ao fim de cada secção apresenta uma perícopie sobre a missão, bem como pela terminologia que vai trazendo repetidamente o tema à superfície da narração, Marcos mostra a sua íntima ligação à missão e o seu interesse pela continuação da missão de Jesus.

Na verdade, a missão de Jesus, preparada na missão de João Batista e continuada na missão dos discípulos, é, no fundo, uma única e mesma missão. Contudo, esta unidade não é sinónimo de uniformidade, de tal modo que é possível distingui-las. A apresentação que Marcos faz delas ressalta, quer a nível cronológico quer a nível de importância, a centralidade da missão de Jesus, na qual se fundam as outras duas¹¹⁷. De facto, é em Jesus que a economia salvífica atinge o seu cume; é nele que se cumprem as profecias; é nele que se realiza plenamente a vontade do Pai. A sua missão é a missão! Os discípulos continuam-na e prolongam-na no tempo e no espaço. Mas então, quais são as características da missão de Jesus e da missão dos discípulos? Havendo continuidade entre elas, que traços distintivos podemos encontrar? Responderemos a estas perguntas nos próximos capítulos, em que estudaremos separadamente a missão do Filho de Deus e a dos seus discípulos.

¹¹⁷ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 287.

II CAPÍTULO

O ANÚNCIO DE JESUS: A MISSÃO DO FILHO DE DEUS

Se a missão de João Batista e a missão dos discípulos são, respetivamente, antecipação e continuação da missão de Jesus, esta é, na verdade, o paradigma e o modelo de toda a missão. De facto, é em Jesus que o ministério salvífico se realiza plenamente. Neste ministério, assume um lugar primordial a proclamação do evangelho. Sendo Jesus simultaneamente o evangelizador por excelência e o próprio evangelho anunciado, pode distinguir-se a missão *de* Jesus, em que o próprio Senhor fala e atua, da missão *sobre* Jesus, levada a cabo, profeticamente, por João Batista e, factualmente, pelos discípulos.

Neste II Capítulo, queremos abordar, pois, a missão *de* Jesus, estudando as suas características. Para tal, procuraremos sintetizar em sete pontos as principais notas da missão do Filho de Deus. De facto, parece-nos essencial e primordial a unidade da identidade e missão de Jesus; sem ela não poderemos compreender verdadeiramente o ministério do Senhor. Este ministério foi preparado já no AT e mais proximamente por João Batista. Tem como centro a proclamação do reino de Deus, que se concretiza em exorcismos e curas. A missão de Jesus não é limitada, mas deseja chegar a todo o mundo (14,9), de tal modo que, embora comece pelo povo judeu, quer também abarcar os pagãos (7,27s). Se a missão se relaciona «visceralmente» com a identidade de Jesus, há de ser vista como *caminho*, já que é «no caminho» que se revela a verdadeira identidade messiânica e divina de Jesus (8,27-29). Por último, é impensável falar de Jesus sem falar dos seus discípulos. Estes estão presentes desde o início da missão do Mestre, aparecem quase sempre junto a Ele e vivem numa íntima comunhão de vida, de tal maneira que para Marcos a cristologia e a eclesiologia estão profundamente unidas. Vejamos, então, separadamente, cada um destes pontos.

1. A missão de Jesus, Cristo, Filho de Deus

«Princípio do evangelho de Jesus, Cristo, Filho de Deus» (Ἀρχὴ τοῦ εὐαγγελίου Ἰησοῦ Χριστοῦ υἱοῦ θεοῦ: 1,1). Assim começa Marcos a sua obra. Esta afirmação é, simultaneamente, o título e o resumo de todo o relato. Trata-se, por isso, de um versículo programático, no qual Marcos nos informa de que o seu objetivo é levar o leitor a conhecer e a acolher Jesus, como Cristo e como Filho de Deus¹¹⁸.

Marcos contém o «princípio»¹¹⁹ da proclamação da *boa notícia*. A sua narrativa, que vai desde o batismo até à ressurreição de Jesus, expressa o começo do anúncio do evangelho, que há de ser continuado, de geração em geração, pela Igreja¹²⁰. De facto, o genitivo Ἰησοῦ Χριστοῦ υἱοῦ θεοῦ permite este duplo significado: enquanto genitivo subjetivo, refere-se ao evangelho anunciado *por* Jesus; enquanto genitivo objetivo, faz referência ao evangelho *sobre* Jesus, anunciado, particularmente, pelos discípulos¹²¹. Marcos relata, pois, o «princípio do evangelho» sobre Jesus, já que este será continuado na vida da Igreja, e, ao mesmo tempo, apresenta o evangelho que, através de si (Marcos), Jesus proclama¹²².

Existe, então, uma estreita relação entre *evangelho e proclamação*¹²³. Jesus inicia o seu ministério, «proclamando o evangelho de Deus» (1,14). A proclamação é, pois, a primeira ação missionária de Jesus, tal como o foi de João Batista (1,4) e tal como o será dos seus discípulos (3,14). Há, portanto, uma unidade entre a identidade e a missão de Jesus, na medida em que a sua missão tem como primeiro objetivo a proclamação do evangelho, que é

¹¹⁸ Cf. CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 118, nota a.

¹¹⁹ Com o substantivo ἀρχή, Marcos parece remeter para Gn 1,1, como que afirmando que o evangelho de Jesus é o reinício das Escrituras e da revelação de Deus: cf. I. HIPÓLITO, *Um e outro no início do evangelho: Composição e interpretação de Mc 1,1-15*, UCP, Lisboa, 2014, 5; B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 61; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 71; G. PEREGO, *Vangelo secondo Marco*, 40-41.

¹²⁰ Cf. L. IWUAMADI, «He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth», 213; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 71-72; K. STOCK, *Marco: Commento contestuale al secondo Vangelo*, Edizioni ADP, Roma, 2003, 19.

¹²¹ Cf. G. STRECKER, «εὐαγγέλιον», *DENT*, I, 1648-1649; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 70.

¹²² Cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 154-155; S. LÉGASSE, *Marco*, 60.

¹²³ Cf. J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, I, 49.

Ele próprio. Por outras palavras, Ele é o Cristo e o Filho de Deus (1,1) e a sua missão é ser Cristo e Filho de Deus. Em que sentido?

1.1. Jesus, o Cristo

O título Χριστός traduz o hebraico מָשִׁיחַ, que significa *ungido* (cf. I, 2.2.3.b). Embora no AT se use para falar dos reis e sacerdotes, que eram ungidos com azeite como sinal de eleição e proteção divinas, a literatura antiga judaica e cristã utiliza-o para designar um futuro monarca da linhagem de David que desempenharia um papel vital na redenção escatológica. Também o AT, ainda que sem usar o título, dá voz a estas esperanças de um rei davídico, ou um sumo sacerdote, que liberte Israel do domínio estrangeiro e que inaugure uma era de paz mundial, de prosperidade e de cumprimento da vontade de Deus. Este messianismo davídico possui ainda uma dimensão militar e religiosa: o messias é um excelente guerreiro e, ao mesmo tempo, um juiz justo, em quem repousam os dons do Espírito de Deus (Is 11,1-10)¹²⁴.

Jesus é o Cristo. Nele se cumprem as esperanças messiânicas de libertação e salvação, mas não do modo como eram esperadas por muitos dos seus contemporâneos. Na verdade, Ele veio para libertar Israel, não do domínio de Roma, mas dos poderes demoníacos e dos seus agentes humanos¹²⁵. Jesus é, de facto, o Messias libertador, que «pesca» os homens (cf. 1,17) das situações de Mal em que vivem para os transportar para o reino de Deus (cf. I, 2.2.2.b).

A expressão *Jesus Cristo* revela bem a identidade de Jesus: o homem *Jesus* é o *Messias* esperado. Ele é o rei de Israel enviado por Deus (15,32), que, pela sua paixão, morte e ressurreição, traz a paz, a salvação e a vida em plenitude a toda a humanidade¹²⁶. Embora

¹²⁴ Cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, II, 1277-1279.

¹²⁵ Cf. *Ibidem*, I, 154.

¹²⁶ Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 217-218, nota 54.

não haja no judaísmo pré-cristão a ideia de um messias sofredor, para os cristãos tal imagem parece natural. Jesus é o Messias-Servo, no qual se unem as imagens do messias davídico e do servo sofredor (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-11; 52,13-53,12). Por isso mesmo, a confissão de Jesus como Messias só pode ser feita no final do caminho para Jerusalém, pois só aí o discípulo compreende que Jesus Cristo veio libertar o homem, submetendo a sua liberdade à vontade de Deus (cf. 14,36), e veio dar-lhe a vida, entregando a sua própria vida (cf. 14,24).

De facto, a concepção que os discípulos têm acerca do Messias não corresponde à ideia que Marcos quer passar com o título *Cristo*. Por isso, o evangelista mostra como Jesus se refere a si mesmo com o título *Filho do Homem*, redimensionando, assim, a concepção messiânico-política do título *Cristo*¹²⁷. Com efeito, segundo a visão de Dn 7,13s e da apocalítica judaica, a expressão *Filho do Homem* evoca um ser misterioso, vindo do céu, cheio de poder e glória, que tem a missão de julgar o mundo e de estabelecer um reino universal e eterno¹²⁸. Este título, utilizado pelo Senhor para precisar o seu ministério (2,10.28; 10,45), predizer a sua sorte (8,31; 9,9.12.31; 10,33s; 14,21.41), e anunciar a sua futura vinda (8,38; 13,26; 14,62)¹²⁹, plasma bem a identidade de Jesus e une-se intimamente à sua missão: Jesus é, simultaneamente, homem, disponível para aceitar o sofrimento e a morte como dom da própria vida em favor da humanidade, e Deus, detentor do poder absoluto sobre a história, que chegará à plenitude na sua parusia¹³⁰. Na verdade, o facto do Filho do Homem vir do céu leva a compreender que o Messias não é um simples homem da linhagem de David, mas o próprio Filho de Deus.

¹²⁷ Cf. J. ORNELAS CARVALHO, *Caminho de morte, destino de vida*, 270.

¹²⁸ Cf. CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 123, nota e.

¹²⁹ Cf. G. PEREGO, *Vangelo secondo Marco*, 25; F. HAHN, «οἰός», *DENT*, II, 1847-1849.

¹³⁰ Cf. J. ORNELAS CARVALHO, *Caminho de morte, destino de vida*, 269.

1.2. Jesus, o Filho de Deus

Enquanto Messias, Jesus é visto como Filho de David (10,47s; 11,9s). Mas, na verdade, Ele é Senhor de David (12,35-37), pois é Filho de Deus (1,11; 3,11; 5,7; 9,7; 13,32; 14,61; 15,39). O título υἱός τοῦ θεοῦ releva a proveniência de Jesus e expressa a sua relação filial com o Pai. Jesus não é Filho de Deus, porque é Messias; pelo contrário, é Messias, porque é Filho de Deus¹³¹.

Esta filiação divina, declarada pelo Pai no momento do batismo de Jesus no Jordão (1,11), e também na transfiguração (9,7)¹³², compreende ainda uma relação íntima entre o Filho e o Espírito Santo (1,10). Marcos quer, assim, indicar que todo o ministério de Jesus deve ser entendido como guiado pelo Espírito. A missão de Jesus é, neste sentido, fruto da ação do Espírito Santo¹³³. É, pois, a presença deste mesmo Espírito que dá autoridade a Jesus para expulsar os demónios e para curar os doentes (3,22-30). Assim se cumpre a profecia de João Batista de que Jesus batizaria no Espírito Santo (1,8). Porque o Espírito habita nele, a atividade do Filho de Deus é como que um *batismo no Espírito Santo*¹³⁴, que liberta os homens dos espíritos impuros e os torna livres para acolher o Espírito de Deus.

Mas, o momento decisivo em que Jesus consuma a sua missão e é declarado como Filho de Deus é a cruz (15,39). É lá que recebe o batismo da sua paixão (10,38s), e, tal como depois do batismo no Jordão resistiu à tentação (1,12s), também aqui resiste à tentação escatológica de fugir do sofrimento da cruz (15,29-32). Jesus cumpre assim a sua missão até

¹³¹ Cf. K. STOCK, *Marco*, 18; L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 218.

¹³² No episódio da transfiguração, à revelação da filiação divina junta-se o mandato de escuta. Deste modo se mostra Jesus como Filho, que conhece e revela a vontade do Pai: cf. J. ORNELAS CARVALHO, *Caminho de morte, destino de vida*, 226-227. Paralelamente, destaca-se como atitude fundamental do discípulo a escuta do Filho de Deus, da Palavra encarnada: cf. J. C. CARVALHO, «Transfiguração de Jesus: A revelação do Filho de Deus», *Communio* XXV (2008/2) 151.

¹³³ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 258; E. MANICARDI, *Il cammino di Gesù nel Vangelo di Marco: Schema narrativo e tema cristologico*, Analecta Biblica 96, Editrice Pontificio Istituto Biblico, Roma, 2003, 169.

¹³⁴ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 258 e 293.

ao fim, e só aí, no fim do caminho, é que o discípulo pode afirmar, como o centurião: «Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!» (15,39).

Excursus: O segredo messiânico

Ao facto dos títulos *Cristo* e *Filho de Deus* serem como que evitados ao longo do relato e só poderem ser verdadeiramente afirmados na cruz (15,32.39) dá-se o nome de *segredo messiânico*¹³⁵, no sentido em que Jesus recusa uma profissão de fé precipitada, sem implicar a vida como discipulado. Como refere José Ornelas Carvalho:

«Trata-se de uma estratégia narrativa que, através das interrogações admiradas da multidão e das suas interpretações incorrectas da pessoa de Jesus, bem como da sua rejeição liminar pelas autoridades religiosas e da incompreensão repetida do grupo dos discípulos, vai guiando o leitor, fazendo-o intuir quem Jesus realmente é, mas, ao mesmo tempo, precavendo-o contra interpretações simplistas, insuficientes ou incorrectas da sua pessoa»¹³⁶.

De facto, a natureza de Jesus é dada a conhecer ao leitor logo no começo do relato (1,1), onde também o Pai revela Jesus, no batismo, como seu Filho (1,11). Mas os demónios (1,25; 3,11s), aqueles que são curados por Jesus (1,44; 5,43; 7,36; cf. 8,26) e até mesmo os discípulos (8,30; cf. 9,9s) são convidados a guardar silêncio quanto à sua identidade¹³⁷.

O título *Cristo* surge em 1,1 e só volta a aparecer em 8,29. Está, portanto, ausente na primeira metade do evangelho. Mesmo em 8,29, posto na boca de Pedro, não é aceite por Jesus, pois a conceção messiânica dos discípulos não está de acordo com a sua verdadeira identidade. Só a mulher de Betânia entende o messianismo de Jesus, já que une a unção à morte do Senhor (14,8). O mesmo acontece com o título *Filho de Deus*, que, afirmado em 1,1.11, não é aceite por Jesus na boca dos demónios, já que estes não têm autoridade vivencial para o proclamar. Só na cruz, Jesus é verdadeiramente proclamado como Filho de Deus

¹³⁵ Cf. G. PEREGO, *Vangelo secondo Marco*, 27-29, onde se encontra uma pequena síntese da questão.

¹³⁶ J. ORNELAS CARVALHO, *Caminho de morte, destino de vida*, 44.

¹³⁷ Para distinguir as imposições de silêncio feitas aos miraculados, aos demónios e aos discípulos, cf. *Ibidem*, 243-254.

(15,39), pois, é na sua morte que se revela plenamente o mistério do desígnio de Deus. Desígnio este que abrange não só os judeus, mas também os pagãos representados no centurião romano. Só no final do caminho é possível confessar a verdadeira identidade de Jesus, pois esta confissão supõe um longo *caminho* de seguimento e de amadurecimento na fé.

2. Missão preparada por João Batista

Depois de apresentar o resumo e a chave de leitura de toda a sua obra (1,1), Marcos introduz a pessoa e o ministério de Jesus com a missão de João Batista (1,2-8). De facto, não se trata de expor a atividade de João como personagem de direito próprio, mas de, através dele, fornecer ao leitor informações necessárias para compreender a pessoa de Jesus e a sua missão¹³⁸.

A passagem veterotestamentária que introduz a missão de João Batista (1,2s) cita Mt 3,1 (Profetas) e Ex 23,20 (Lei), apresentando-o como o mensageiro, o Elias esperado, que precede a vinda do Messias, o que sublinha a missão de João na continuidade do projeto salvífico de Deus através da história¹³⁹. Por outro lado, a citação de Is 40,3 mostra como a sua mensagem não se centra em si próprio, mas naquele que é mais forte do que ele (1,7) e cujo caminho é enviado a preparar (1,3). Deste modo, João Batista, o último profeta do AT (note-se a sua roupa de profeta [cf. Zc 13,4] e a correia de couro que o liga a Elias [cf. 2Rs 1,8; Mc 9,13]), aparece no deserto «a proclamar um batismo de conversão» (κηρύσσων βάπτισμα μετανοίας: 1,4) e prepara a chegada, na pessoa de Jesus, dos tempos escatológicos¹⁴⁰.

A sua missão tem, por isso, origem em Deus. Cumprindo a vontade de Deus, expressa nas Escrituras, João Batista prepara e dá ao leitor chaves de interpretação da missão de

¹³⁸ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 50; B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 351.

¹³⁹ Cf. J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, I, 51; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 73.

¹⁴⁰ Cf. CEP, *Biblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 118, nota f; S. LÉGASSE, *Marco*, 69.

Jesus¹⁴¹. O batismo de João é do céu (11,30), isto é, toda a sua atividade, sintetizada na palavra *batismo*¹⁴², está fundada em Deus, na medida em que tende para a missão de Jesus, preparando-lhe o caminho. Reconhecer a autoridade do batismo de João, que é o precursor de Jesus, é reconhecer, com muito mais razão, a autoridade do próprio Jesus, «o mais forte» (1,7) que veio inaugurar o tempo salvífico final¹⁴³.

Vamos, pois, olhar para a missão e martírio de João Batista, ressaltando a sua orientação cristológica. É nesta dimensão que nos importa abordá-la num capítulo que diz respeito à missão de Jesus. De facto, tal como a missão dos discípulos é relatada, por Marcos, em conformidade com a missão do Mestre, também na figura de João Batista é prefigurada a atividade e a paixão de Jesus¹⁴⁴. Este paralelismo, fruto da sensibilidade teológica do evangelista, procura estabelecer um confronto entre estes dois personagens, ressaltando a força exemplar da vida e missão de Jesus, à luz da qual é narrada a vida e a missão de João Batista¹⁴⁵. Marcos faz assim da missão do precursor «profecia» da missão do Messias.

2.1. O batismo na água e o batismo no Espírito Santo

João Batista, dando cumprimento à profecia descrita em 1,2s, surge no deserto (ἐν τῇ ἐρήμῳ) a proclamar. O conteúdo da sua proclamação é «um batismo de conversão para perdão dos pecados» (1,4). Mas o que é um «batismo de conversão»? Entendendo o genitivo μετανοίας como de qualidade, trata-se de um batismo que expressa a conversão, ou seja, que exige a conversão prévia. Esta interpretação é confirmada por 1,5, onde se diz que «eram batizados por ele no rio Jordão, confessando os seus pecados». A confissão dos pecados a

¹⁴¹ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 50.

¹⁴² Cf. *Ibidem*, 93-94; S. LÉGASSE, *Marco*, 596.

¹⁴³ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 94 e 98.

¹⁴⁴ Cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 156-157; B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 366.

¹⁴⁵ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 65; S. LÉGASSE, *Marco*, 325: trata-se de «unire per quanto possibile il Cristo al suo Precursore».

acompanhar o batismo mostra que é exigido ao batizando um desejo prévio de conversão¹⁴⁶. Também Jesus inicia o seu ministério, proclamando (1,14), e colocando no centro dessa proclamação o apelo à conversão: «convertei-vos e acreditai no evangelho» (1,15). Mais tarde, também os discípulos serão enviados a proclamar para levar os ouvintes à conversão (6,12).

Mais difícil de entender é a expressão «para perdão dos pecados» (εἰς ἄφεσιν ἁμαρτιῶν). A autoridade de perdoar os pecados é exclusiva de Deus (2,7; 11,25) e atribuída, como prerrogativa própria, a Jesus (2,10). Além disso, o perdão dos pecados está estreitamente ligado ao dom do Espírito Santo (3,28s)¹⁴⁷. João batiza na água; quem batiza no Espírito Santo é Jesus (1,8). Por conseguinte, a preposição εἰς tem um valor final, ao qual se junta uma nuance futura, podendo a expressão traduzir-se por *com vista ao perdão dos pecados*, que será concedido por Jesus¹⁴⁸.

A prova de que João Batista tem consciência de que está a preparar o caminho para aquele que é mais forte do que ele (1,7) é a afirmação de 1,8: «Eu batizei-vos na água, mas Ele batizar-vos-á no Espírito Santo» (ἐγὼ ἐβάπτισα ὑμᾶς ὕδατι, αὐτὸς δὲ βαπτίσει ὑμᾶς ἐν πνεύματι ἁγίῳ). Entre a missão de João e a missão de Jesus há continuidade e descontinuidade. Na verdade, a ação (batizar) e os destinatários (vós) são os mesmos, ao passo que mudam os sujeitos, os tempos e os meios («Eu batizei na água, mas Ele batizará no Espírito Santo»)¹⁴⁹. Ainda que não seja fácil determinar o que é o *batismo no Espírito Santo*, pode concluir-se que, se o *batismo na água* resume toda a atividade de João Batista, o *batismo no Espírito Santo* sintetiza toda missão do mais forte, que em 1,9 é identificado com Jesus. De

¹⁴⁶ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 39; S. LÉGASSE, *Marco*, 67.

¹⁴⁷ Cf. E. MANICARDI, *Il cammino di Gesù nel Vangelo di Marco*, 164.

¹⁴⁸ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 41; J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, I, 53.

¹⁴⁹ Cf. B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 65; S. LÉGASSE, *Marco*, 70.

facto, em Marcos o Espírito Santo surge quase sempre em relação com Jesus (1,8.10.12; 3,29). A purificação no Espírito Santo marca, assim, o início do tempo salvífico final¹⁵⁰.

2.2. O martírio de João Batista e a paixão de Jesus

O martírio de João Batista é relatado por Marcos com uma clara orientação cristológica. Com efeito, tal como precedeu Jesus no nascimento e a sua atividade preparou e deu chaves de leitura para a missão do mais forte, assim também na morte João antecede o Mestre, configurando-se a Ele. Vejamos o modo como Marcos narra o martírio de João Batista, iluminando-o com os acontecimentos da paixão e morte de Jesus¹⁵¹.

O principal traço comum é o ostracismo pelas autoridades políticas do tempo, que lhes dão a sentença de morte. João enfrenta a oposição de Herodes e Herodíades, conseguindo esta última que o marido mande decapitar João (6,19). Jesus, por sua vez, sofre a adversidade das autoridades religiosas judaicas (3,6; 11,18; 14,1), que o entregam a Pilatos (15,1).

Mas é interessante que aqueles a quem compete decretar a morte (Herodes e Pilatos) tentem obstaculizar esses projetos, por considerarem João e Jesus inocentes (6,20; 15,9s.14). De facto, Herodes refreava a vontade homicida da sua mulher (6,19s), tal como a multidão fazia com que as autoridades judaicas tivessem muito cuidado no modo de prender e matar Jesus (11,18; 14,2). Por fim, a morte de ambos acontece por pressão de grupos influentes, como é o caso dos nobres, oficiais e principais personalidades, que Herodes tinha convidado para a ceia (6,21.26), e da multidão, a quem Pilatos queria contentar (15,15).

¹⁵⁰ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 46-48; J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, I, 294; K. STOCK, *Marco*, 22.

¹⁵¹ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 65-66; B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 367-368; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 263-265; G. PEREGO, *Vangelo secondo Marco*, 136-137; J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 470; K. STOCK, *Marco*, 111; S. LÉGASSE, *Marco*, 318.

Marcos fala ainda da sepultura de ambas as personagens (6,29; 15,42-47). No caso de João, os seus discípulos, sabendo da sua morte, vão buscar o seu cadáver e sepultam-no. Imediatamente, saem de cena, sem continuar a missão do seu mestre. Na verdade, a missão de João Batista tende e funde-se na missão de Jesus. A atividade de João, enquanto preparação do ministério do Messias, termina onde este começa. No caso de Jesus, os seus discípulos abandonam-no no momento da sua paixão e morte (14,50) e é José de Arimateia, um admirador, que sepulta o corpo de Jesus (15,43). Ainda assim, apesar de não terem sido perseverantes no seguimento do Mestre, os discípulos são convidados a continuar a sua missão¹⁵².

João é o Elias que vem primeiro a preparar os tempos escatológicos (9,11-13). Na verdade, tal como Elias condenou Acab pela sua transgressão à Lei (1Rs 18,18), concretizada no seu matrimónio com Jezabel (1Rs 21,25), procurando esta última a morte do profeta (1Rs 19,2), que, apesar de adversário, obtinha de Acab o respeito e o temor pela sua palavra (1Rs 21,27-29), também João Batista reprovava o matrimónio de Herodes com Herodíades (6,18), que procura tirar-lhe a vida (6,19.24.28), apesar do marido proteger João, por o considerar um «homem justo e santo» (6,20)¹⁵³. Neste sentido, João Batista é o «Elias que veio, e fizeram-lhe tudo o que quiseram, tal como está escrito acerca dele» (9,13). Quem não compreende o messianismo humilde e sofredor de Jesus (8,31-33), não pode entender o sofrimento do Elias escatológico (9,13)¹⁵⁴.

João veio preparar o «caminho do Senhor» (1,3), fazendo convergir para Jesus toda a sua missão. Por isso, Marcos relata a sua atividade, bem como o seu martírio, iluminando-os com o ministério e a paixão de Jesus, de tal modo que se pode afirmar: tal Messias, tal precursor! A vida e a missão de João Batista, configuradas por Marcos à vida e à missão de

¹⁵² Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 67.

¹⁵³ Cf. *Ibidem*, 63-64; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 261; J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 465.

¹⁵⁴ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 83-84; B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 501; J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, II, 744.

Jesus, oferecem ao leitor uma chave hermenêutica para a compreensão da atividade missionária, consumada na paixão e morte, do Senhor. De facto, pela semelhança dos factos, mesmo quando se fala da missão de João Batista, o leitor é convidado a reconhecer aí a missão de Jesus, que é a única missão.

3. Missão centrada na proclamação do reino de Deus

Jesus inicia a sua missão, «proclamando o evangelho de Deus» (1,14). A proclamação, como já vimos (cf. I, 2.2.1.), é a primeira e a principal atividade de Jesus, já que os seus gestos (exorcismos e curas) são consequência da autoridade e da força da palavra proclamada. Marcos dá a conhecer, em 1,14 e só aí, o objeto da pregação de Jesus: «o evangelho de Deus». Tal como em 1,1 Jesus é apresentado como o evangelho e o evangelizador, também em 1,14 o genitivo τοῦ θεοῦ pode ter dois sentidos complementários: enquanto genitivo objetivo, refere-se à pregação de Jesus sobre a realeza de Deus; enquanto genitivo subjetivo, trata-se da boa notícia que, através de Jesus, o próprio Deus quer comunicar. Não há, pois, diferença nem contradição entre o «evangelho de Deus» (1,14) e o «evangelho de Jesus, Cristo, Filho de Deus» (1,1). Trata-se do mesmo e único evangelho, de origem divina, proclamado por Jesus¹⁵⁵.

O conteúdo fundamental deste evangelho surge em 1,15: «Cumpriu-se o tempo e está próximo o reino de Deus; convertei-vos e acreditai no evangelho» (πεπλήρωται ὁ καιρὸς καὶ ἤγγικεν ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ· μετανοεῖτε καὶ πιστεύετε ἐν τῷ εὐαγγελίῳ). Esta frase pode dividir-se em duas partes, cada uma delas formadas por dois verbos unidos pela conjunção καί. Entendendo esta conjunção em sentido explicativo, veremos como a segunda oração de

¹⁵⁵ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 206; J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 185.

cada parte explícita e desenvolve a primeira¹⁵⁶. Vamos, por isso, analisar separadamente cada uma destas partes, sabendo que a proclamação do reino de Deus implica em si mesma a mudança de mentalidade, a conversão.

3.1. O cumprimento do tempo e a proximidade do reino de Deus

«Cumpriu-se o tempo e está próximo o reino de Deus» (πεπλήρωται ὁ καιρὸς καὶ ἤγγικεν ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ: 1,15ab). O cumprimento do tempo não se refere à conclusão de um arco temporal, mas à realização, à plenitude, do tempo salvífico final. O termo καιρός indica, em Marcos, um tempo estabelecido por Deus, que coincide com o tempo final (11,13; 13,33). O verbo πεπλήρωται, por sua vez, denota o cumprimento, o «enchimento», a realização plena desse tempo último da história da salvação. Além disso, a sua utilização na voz passiva remete para um *passivum divinum*: é Deus quem inaugura este tempo escatológico. Ao mesmo tempo, o uso do perfeito mostra que este cumprimento do tempo é um evento passado, cujos efeitos perduram no presente¹⁵⁷.

A realização plena do tempo salvífico final coincide com a aproximação do reino de Deus. E o que é o reino de Deus? Sendo uma expressão abstrata, deve interpretar-se, como todas as fórmulas abstratas hebraicas, de forma concreta: *reino de Deus* significa que *Deus reina*¹⁵⁸. De facto, a conceção de Deus como rei aparece espelhada já no AT (Sl 93,1; 96,10; 97,1; 99,1; Is 6,5; 24,23; 52,7; Dn 2,44; Zc 14,9). O povo de Israel esperava que Deus interviesse na sua história, reinando sobre o cosmos, sobre os povos e sobre o próprio Israel, diretamente ou através de um representante: o Messias. Com efeito, a infidelidade e

¹⁵⁶ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 207; J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 189; S. LÉGASSE, *Marco*, 88.

¹⁵⁷ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 208-209; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 94.

¹⁵⁸ Cf. B. MARCONCINI, *Los sinópticos: Formación, redacción, teología*, San Pablo, Madrid, 1998, 152; R. AGUIRRE MONASTERIO; A. RODRÍGUEZ CARMONA, *Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, Editorial Verbo Divino, Estella (Navarra), 2012, 192.

desobediência dos sucessores de David levou à esperança de uma pessoa futura que fosse o rei ideal (Is 9,6; 11,1-9). Nem mesmo a crise do exílio, que acabou definitivamente com a figura do rei, fez esmorecer esta esperança messiânica (Jr 23,5s; Ez 34,23s). Ao tempo de Jesus, esta esperança do reino de Deus assume duas conotações distintas: uma ético-religiosa, própria dos que esperavam uma intervenção divina extraordinária que, por meio do Messias, unisse mais a Deus com o seu povo; outra política, protagonizada por aqueles que esperavam a restauração da dinastia davídica, baseada num messianismo nacionalista e terreno¹⁵⁹.

Jesus redimensiona o conceito de *reino de Deus*. Apresenta-o como um mistério (Mc 4,11), que depende, acima de tudo, da ação dinâmica e progressiva de Deus. De facto, foi Ele que preparou a sua chegada nas intervenções salvíficas do AT, e que deu início ao tempo escatológico, em que exerce verdadeiramente a sua soberania sobre o mundo; é Ele que, na fase intermédia, faz crescer o reino, tal como se desenvolve uma semente sem a intervenção do homem (4,26-29), e tal como o grão de mostarda que, sendo a semente mais pequena, se torna na maior planta da horta (4,30-32); será Ele que o conduzirá à plenitude, fazendo-o chegar com poder (9,1)¹⁶⁰. Contudo, Jesus também assume um papel essencial na inauguração, revelação e concretização do reino de Deus. Na verdade, a chegada do reino coincide com a chegada de Jesus e manifesta-se na missão proclamadora¹⁶¹, exorcística e taumátúrgica do Senhor, bem como o seu cumprimento final está associado à parusia do Filho do Homem (8,38-9,1)¹⁶² (cf. I, 1.2.). Deste modo, a proximidade do reino de Deus é não só temporal como também física: o reino aproximou-se no tempo salvífico final, na pessoa de Jesus Cristo. Esta proximidade mostra ainda que o reino de Deus é uma realidade futura, mas já presente. O verbo ἤγγικεν, também ele no perfeito, indica esta tensão paradoxal entre o

¹⁵⁹ Cf. B. MARCONCINI, *Los sinópticos*, 153-157.

¹⁶⁰ Cf. *Ibidem*, 159.

¹⁶¹ Além do anúncio de 1,15, a centralidade do reino de Deus na pregação de Jesus fica bem expressa no discurso em parábolas (4,1-34).

¹⁶² Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 210-211; J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, I, 76-77; S. LÉGASSE, *Marco*, 89: «l'evangelista esprime al meglio la possibilità di raggiungere un regno legato alla persona e alla venuta passata di Gesù ma, nella sua forma compiuta, altrettanto alla sua venuta futura».

presente e o futuro¹⁶³. De facto, o reino de Deus aproximou-se em Jesus, cresce num futuro intra-histórico, que abarca a vida terrena de Jesus e a ação da Igreja, e cumprir-se-á definitivamente no fim dos tempos¹⁶⁴. Entretanto, é exigida ao homem uma resposta positiva à oferta gratuita da salvação de Deus, que passa por um compromisso moral de conversão¹⁶⁵.

3.2. O convite à conversão e à fé no evangelho

«Convertei-vos e acreditai no evangelho» (μετανοεῖτε καὶ πιστεύετε ἐν τῷ εὐαγγελίῳ: 1,15cd). Tomar consciência de que o reino de Deus se aproximou, na plenitude dos tempos, exige do homem uma atitude de conversão. Como vimos (cf. I, 2.2.1.b), a conversão (μετάνοια) traduz-se numa mudança de mentalidade, de visão do mundo e, conseqüentemente, de estilo de vida. Se o reino de Deus se aproximou, é preciso mudar de pensamento e conformar a vida ao novo reinado de Deus¹⁶⁶.

Ora, esta conversão exige o reconhecimento da proximidade do reino de Deus, que, apesar de já estar presente, ainda não está plenamente cumprido. Neste sentido, a manifestação do reino de Deus encontra-se velada, em semente (4,26.31), e, por isso, o seu reconhecimento requer a fé, uma fé que se funda no evangelho (1,15d), ou seja, no próprio Jesus¹⁶⁷. Converter-se é acreditar em Jesus e tornar-se seu discípulo¹⁶⁸. Mais ainda, é acreditar que, em Jesus, se cumprem os tempos escatológicos e o reino de Deus se aproxima. Deste modo se une a dimensão teológica e cristológica da fé: aderir à boa notícia do senhorio de

¹⁶³ Cf. B. MARCONCINI, *Los sinópticos*, 166-167; J. GNILKA, *Jesus de Nazaré: Mensagem e história*, Editorial Presença, Lisboa, 1999, 133-134; 136-142; 144-147; R. AGUIRRE MONASTERIO; A. RODRÍGUEZ CARMONA, *Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, 192-193.

¹⁶⁴ Cf. J. ORNELAS CARVALHO, *Caminho de morte, destino de vida*, 347-348 e 350-351.

¹⁶⁵ Cf. B. MARCONCINI, *Los sinópticos*, 167-168; R. AGUIRRE MONASTERIO; A. RODRÍGUEZ CARMONA, *Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, 194.

¹⁶⁶ Cf. J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, I, 77-78.

¹⁶⁷ Cf. E. MANICARDI, *Il cammino di Gesù nel Vangelo di Marco*, 163: «La conversione è considerata qui la risposta adeguata all'annuncio del Regno, che va completata dalla fede nel vangelo stesso».

¹⁶⁸ Cf. CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 119, nota m.

Deus é acreditar em Jesus como mensageiro do Pai e ver na sua ação a ação do próprio Deus¹⁶⁹.

De facto, a conversão está relacionada com a proclamação do reino de Deus, de tal modo que se implicam mutuamente. A proclamação do reino de Deus leva à conversão (cf. 6,12), ao passo que a conversão possibilita o acolhimento do reino de Deus. Por outras palavras, porque o tempo se cumpriu e o reino de Deus se aproximou, o homem deve converter-se, isto é, acreditar no evangelho. Por outro lado, há de converter-se para que o reino, que Jesus vem inaugurar, se torne uma realidade em sua vida.

4. Missão concretizada em exorcismos e curas

A proclamação do reino de Deus concretiza-se nos exorcismos e curas operados por Jesus. Com efeito, o próprio evangelista sintetiza a atividade de Jesus nas ações de pregar (1,39), curar os doentes e expulsar os demónios (καὶ ἐθεράπευσεν πολλοὺς κακῶς ἔχοντας ποικίλαις νόσοις καὶ δαιμόνια πολλὰ ἐξέβαλεν: 1,34). Estas duas últimas são consequência da primeira, já que é pelo poder da palavra que se realizam, e porque manifestam a presença da salvação anunciada.

Jesus expulsa os demónios pela autoridade que lhe vem de Deus (cf. 11,27-33) e pela ação do Espírito Santo que habita nele (cf. 3,22-30). O Filho de Deus pode entrar na casa do «forte» (Satanás), amarrá-lo e roubar-lhe aqueles que estão em sua casa, ou seja, sob o seu domínio (3,27), porque é o «mais forte» (1,7), a quem os espíritos impuros obedecem (1,27)¹⁷⁰.

¹⁶⁹ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 213: «In tal senso, dimensione teologica e cristologica della fede sono inseparabilmente connesse: prestare fede alla lieta notizia della signoria di Dio significa credere in Gesù come messaggero di Dio e scorgere nella missione che sta iniziando l'azione di Dio stesso».

¹⁷⁰ Cf. CEP, *Biblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 127, nota h.

Ao mesmo tempo, Jesus, médico dos pecadores (cf. 2,17), cura, porque sofre com o enfermo e se compadece dele (1,41; 3,5; 6,34; 7,34; 8,2). Mas, por detrás desta mesma cura, está a fé do próprio enfermo (5,28s.34; 6,5s; 10,52) ou de quem intercede por ele (2,3-5; 5,36; 7,25ss; 9,23s). A cura é concretizada em gestos rituais, como meter os dedos nos ouvidos e pôr saliva na língua ou nos olhos (7,33; 8,23), tomar pela mão ou impor as mãos (1,31; 5,23.41; 6,5; 7,32; 8,23.25; 9,27)¹⁷¹, gestos que manifestam, fisicamente, a verdadeira proximidade libertadora do reino em Jesus.

Em suma, a missão fundamental de Jesus é proclamar o evangelho de Deus (1,14), do qual os exorcismos e as curas são testemunho concretizado. Jesus expulsa os demónios e cura os doentes pela palavra anunciada e acolhida. Ao espírito impuro ordena: «Cala-te e sai desse homem» (1,25; cf. 5,8; 9,25); ao leproso diz: «Quero, fica purificado» (1,41); e ao surdo-mudo: «*Effathá*» (7,34). De facto, é a palavra de Jesus (1,25.41s; 2,5.11s; 3,5; 5,8.34.41s; 7,34s; 9,25; 10,52) e a oração (9,29) que operam a libertação do homem dos poderes malignos.

4.1. A presença do Mal

Marcos, de acordo com a mentalidade bíblica, encara as possessões e doenças como uma manifestação da influência poderosa do Mal. Na verdade, a expressão utilizada em 3,10 para definir aqueles que procuravam tocar Jesus para ficarem curados é ὅσοι εἶχον μάστιγας. O substantivo μάστιξ, que significa *flagelo*, *tormento*, faz referência a um castigo infligido pela divindade, e mostra que as doenças eram atribuídas à ação de poderes demoníacos ou divindades malvadas¹⁷².

¹⁷¹ Cf. W. GRIMM, «θεραπεύω», *DENT*, I, 1863.

¹⁷² Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 222; B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 195; G. PEREGO, *Vangelo secondo Marco*, 89; J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 290.

A presença do Mal é vista, pois, como a origem tanto dos males físicos e psicológicos como dos espirituais, de tal modo que expulsar os demónios e curar são coisas idênticas (cf. I, 2.2.3.a). Neste sentido, é interessante notar como os relatos de exorcismos e curas percorrem toda a primeira parte do evangelho, bem como a primeira secção da segunda parte, surgindo de modo quase sempre alternado:

	Exorcismos	Curas
1,21-28	Endemoniado de Cafarnaum	
1,29-34		Sogra de Pedro
1,40-45		Leproso
2,1-12		Paralítico
3,1-6		Homem com a mão paralisada
5,1-20	Possesso de Gerasa	
5,21-43		Hemorroísa e filha de Jairo
7,24-30	Filha da mulher sirofenícia	
7,31-37		Surdo-gago
8,22-26		Cego de Betsaida
9,14-29	Jovem endemoniado	
10,46-52		Cego de Jericó

A estes episódios concretos somam-se alguns sumários que resumem a atividade de Jesus, destacando os exorcismos e curas por Ele operados (1,32-34.39; 3,7-12; 6,53-56). Deste modo se compreende que a atividade exorcística e taumatúrgica de Jesus não se limita a episódios esporádicos, mas perpassa todo o seu ministério na Galileia e o caminho para Jerusalém¹⁷³.

O reino de Deus é, como já dissemos, uma realidade diametralmente oposta ao reino de Satanás (3,23s). Por isso, proclamar e expandir o reino de Deus é sinónimo de reduzir o campo de ação de Satanás. Neste sentido, Cristo, exercendo a sua missão salvífica, retira os

¹⁷³ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 214-215.

homens do mundo onde o Mal é senhor, para os tornar seus discípulos. Ao mesmo tempo, é tornando-se discípulos de Jesus que os homens se libertam do domínio do Maligno.

4.2. A manifestação da identidade de Jesus

Uma nota comum aos relatos dos exorcismos e curas é o reconhecimento da identidade de Jesus. Os espíritos impuros sabem que Jesus é o Santo de Deus (1,24) e o Filho de Deus (Altíssimo) (3,11; 5,7). Também os pais, que pedem a cura para os seus filhos, tratam Jesus por Senhor e Mestre, e reconhecem nele a capacidade de expulsar os demónios (7,28; 9,17.22.24). De facto, também aqui se manifesta a íntima relação entre a identidade e a missão de Jesus. Ele, no entanto, rejeita as afirmações dos espíritos impuros (1,25), pois não aceita uma confissão que não implique a vida do confessor.

A proclamação feita por aqueles que são curados por Cristo está também enquadrada pelo segredo messiânico. Jesus não é um milagreiro nem um curandeiro, e muito menos quer ser conhecido como tal. Por isso, os intimida a não contarem o sucedido (1,44; 5,43; 7,36), mas eles proclamam-no a toda a gente (1,45; 7,36s). Trata-se de impedir a difusão de uma falsa compreensão da messianidade de Jesus, cuja plena revelação apenas se dará no evento pascal¹⁷⁴.

Contudo, na cura do possesso de Gerasa, encontra-se aparentemente o contrário. O pedido para seguir Jesus, provavelmente por saber que, depois de tantos anos de exclusão social, dificilmente seria aceite pelos seus¹⁷⁵, não lhe é concedido, mas é substituído pelo mandato de anunciar (*ἀπαγγέλλω*¹⁷⁶) as maravilhas de Deus junto da sua família. Tal mandato parece contrário à dinâmica do segredo messiânico. Gnilka explica, por conseguinte, que o

¹⁷⁴ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 225; J. ORNELAS CARVALHO, *Caminho de morte, destino de vida*, 244.

¹⁷⁵ Cf. J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, I, 240; K. STOCK, *Marco*, 91.

¹⁷⁶ Para Gnilka, este termo não tem, em Marcos, uma conotação missionária: cf. J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, I, 240.

mandato de ir embora ou ir para casa é típico da conclusão de relatos de milagre (1,44; 2,11; 5,34; 8,29; 10,52); a proclamação, por sua vez, deriva do interesse do evangelista¹⁷⁷. Além disso, haveremos de compreender que Jesus não quer uma revelação precipitada sobre a sua identidade, daí que mande o homem que fora possesso anunciar o sucedido só aos da sua casa. Ele, porém, desrespeitando o mandato do Senhor, que o mandara falar de Deus entre os seus, proclama (κηρύσσω) Jesus pela Decápole (5,20)¹⁷⁸.

Embora os exorcizados e curados por Jesus não o compreendam da melhor forma, o messianismo de Jesus revela-se verdadeiramente na sua atividade exorcística e taumatúrgica, através da qual transporta os homens do senhorio do Mal para o reino de Deus. É na cruz que Jesus realiza definitivamente esta atividade, pois é na sua morte que o véu do templo se rasga de alto a baixo (15,38) e permite que os homens, envoltos pelas trevas do mundo (15,33), possam aceder a Deus¹⁷⁹. Já no batismo de Jesus se dissera que os céus se rasgam (1,10), ou seja, que a salvação de Deus chega ao mundo dos homens de uma forma irrevogável (o que se abre pode voltar a fechar-se; o que se rasga, não).

5. Missão para judeus e pagãos

Através das indicações geográficas, Marcos informa o leitor sobre os destinatários da missão de Jesus, sejam eles pessoas individuais ou grupos de pessoas, e fá-lo compreender o desejo de universalidade presente na missão do Senhor. Na verdade, a um povo está sempre associada uma terra ou uma região, de tal modo que falar nessa terra ou região é falar nesse povo. Segundo Wefald, as referências geográficas, em Marcos, não são fruto do acaso. Antes,

¹⁷⁷ Cf. J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, I, 235.

¹⁷⁸ Cf. *Ibidem*, 240-241; B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 298-299; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 223; S. LÉGASSE, *Marco*, 276-277.

¹⁷⁹ Cf. J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, II, 379; B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 845; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 621; K. STOCK, *Marco*, 343; S. LÉGASSE, *Marco*, 830.

oferecem um enquadramento ao relato e, muitas vezes, relacionam-se com a própria teologia de Marcos¹⁸⁰.

Segundo a maioria dos autores, Marcos divide-se em duas grandes partes (cf. I, 1.3.). Cada uma delas tem como pano de fundo uma região: a primeira parte trata do ministério de Jesus na *Galileia*; a segunda está dominada pelo tema do caminho para *Jerusalém*. Marcos coloca, portanto, o início da sua narrativa na Galileia (1,14-8,21) e a conclusão em Jerusalém (11,1-16,8), deixando a secção central para o caminho entre uma e outra (8,22-10,52)¹⁸¹. Importa, pois, neste momento, explorar o que significa cada uma destas regiões, bem como as viagens que fazem Jesus e os discípulos entre as duas margens do mar da Galileia, sendo que cada uma delas alberga um povo com características políticas, culturais, económicas e religiosas distintas.

5.1. Os lugares da missão: Galileia e Jerusalém

A Galileia era uma região no norte da Palestina, onde habitava uma população mista, composta de judeus e gregos, e elementos de outros povos. Por este motivo, os judeus de Jerusalém duvidavam da ortodoxia judaica desta região, de tal modo que era conhecida, ainda no tempo de Jesus, como «Galileia dos pagãos» (Is 8,23; Mt 4,15)¹⁸². Efetivamente, a colonização helenística levada a cabo depois da conquista do Médio Oriente por Alexandre (333-323 a.C.)¹⁸³ ajudou a aumentar o fosso existente entre estas duas regiões¹⁸⁴. Neste

¹⁸⁰ Cf. E. WEFALD, «The Separate Gentile Mission in Mark: A Narrative Explanation of Markan Geography, the Two Feeding Accounts and Exorcisms», *Journal for the Study of the New Testament* 60 (1995) 7: «(...) geopolitical references in Mark have meaning beyond any seemingly arbitrary redactions. (...) the geographical itinerary of Jesus provides a basic framework for the text of Mark, and in many instances can be shown to interweave with the very theology of Mark».

¹⁸¹ Cf. D. SENIOR; C. STUHLMUELLER, *Os Fundamentos Bíblicos da Missão*, 295.

¹⁸² Cf. CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 40, nota f.

¹⁸³ Para conhecer melhor as consequências da helenização da Palestina, cf. J. LOURENÇO, *O mundo judaico em que Jesus viveu: Cultura judaica e Novo Testamento*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2005, 34-41.

¹⁸⁴ Cf. D. SENIOR; C. STUHLMUELLER, *Os Fundamentos Bíblicos da Missão*, 296.

contexto, não é de estranhar a admiração de Natanael, «verdadeiro israelita» (Jo 1,47), quanto à procedência nazarena, ou seja, galileia de Jesus (Jo 1,45s).

De facto, Jesus era galileu (Lc 23,6s) e, mais concretamente, nazareno (Jo 19,19). E foi na Galileia que exerceu, em grande parte, o seu ministério. Note-se que os versículos que dizem respeito à proclamação do evangelho, principal atividade de Jesus e dos discípulos, estão concentrados na secção da Galileia (1,4.7.14.38.39.45; 3,14; 5,20; 6,12; 7,36); na segunda parte, apenas se fazem duas referências à futura proclamação do evangelho aos pagãos (13,10; 14,9)¹⁸⁵.

Politicamente, esta região estava, ao tempo de Jesus, sob o domínio de Herodes I (37-4 a.C.). Mas na época em que provavelmente Marcos foi escrito, a Galileia era administrada diretamente pelos romanos, fazendo, assim, parte da província da Síria-Palestina. Deste modo se compreende a oposição de Marcos à ideologia de Roma¹⁸⁶, expressa, por exemplo, em 5,9, na atribuição aos demónios do nome Legião (termo usado para referir uma unidade do exército romano)¹⁸⁷. No confronto com a doutrina da elite do Templo, em que dominavam os ideais de santidade e pureza¹⁸⁸, a Galileia era vista como a terra dos impuros, dos rejeitados e dos marginalizados¹⁸⁹. Mas foram estes, de quem Jesus se fez protetor¹⁹⁰, que melhor receberam a sua mensagem e atividade.

Jerusalém, por sua vez, era lugar de poder, de oposição e de morte¹⁹¹. Cidade da província romana da Judeia, governada pela aristocracia sacerdotal do Templo, sob o controlo do prefeito da Judeia (Pôncio Pilatos), Jerusalém era o lugar de onde vinham os opositores de Jesus, mesmo durante o seu ministério na Galileia (3,22; 7,1), e para onde Jesus caminhou, a fim de «dar a sua vida em regaste de muitos» (10,45).

¹⁸⁵ Cf. D. SENIOR; C. STUHLMUELLER, *Os Fundamentos Bíblicos da Missão*, 297.

¹⁸⁶ Cf. E. VAN ECK, «Mission, identity and ethics in Mark: Jesus, the patron for outsiders», *HTS Theologiese Studies/Theological Studies* 69/1 (2003), (<http://dx.doi.org/10.4102/hts.v69i1.2003>) 2-4 e 6.

¹⁸⁷ Cf. E. WEFALD, «The Separate Gentile Mission in Mark», 15.

¹⁸⁸ Cf. E. VAN ECK, «Mission, identity and ethics in Mark», 4-5.

¹⁸⁹ Cf. J. NISSEN, *New Testament and Mission*, 40.

¹⁹⁰ Cf. E. VAN ECK, «Mission, identity and ethics in Mark», 8.

¹⁹¹ Para aprofundar a relação de oposição que Marcos estabelece entre a Galileia e Jerusalém, cf. B. VAN IERSEL, *Marco: La lettura e la risposta: Un commento*, Editrice Queriniana, Brescia, 2000, 66-69.

Segundo Nissen, há quatro episódios que nos mostram a missão de Jesus como um *cruzar fronteiras*, em Jerusalém. O primeiro é a condenação do templo (11,15-19), em que Jesus ensina que a sua casa «será chamada casa de oração para todos os povos» (11,17). O lugar de adoração torna-se, pois, acessível também aos pagãos. O segundo é o discurso escatológico (13,1-37), onde Jesus afirma que o evangelho deve ser proclamado a todos os povos (13,10). Os israelitas (filhos) não são, portanto, os únicos destinatários do evangelho e da salvação; esta também se destina aos pagãos (cachorrinhos), cuja fé é, muitas vezes, superior à daqueles que se consideram filhos (cf. 7,27s). O terceiro episódio é o da mulher de Betânia (14,3-9), que, sendo mulher, isto é, desconsiderada pela mentalidade da época, é apresentada como verdadeira discípula, de tal modo que «onde quer que seja proclamado o evangelho, por todo o mundo, também o que ela fez será contado em sua memória» (14,9). O quarto, por fim, é o do véu do templo, que se rasga em dois, de alto a baixo, para indicar que a morte do Jesus torna Deus acessível a todos (15,38). A presença de Deus não se confina, com efeito, ao povo de Israel, mas abrange todos os povos, inclusive os pagãos, representados no centurião romano, em cuja boca Marcos coloca a maior confissão de fé: «Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!» (15,39)¹⁹².

Num artifício literário espantoso, Marcos retoma, no final da sua narrativa, a região da Galileia. A referência a esta área geográfica torna-se assim como que uma inclusão de todo o evangelho: a proclamação de Jesus inicia e termina na Galileia; a proclamação sobre Jesus começa também na Galileia. Com efeito, na última ceia, Jesus promete preceder os discípulos no caminho para a Galileia (14,28), e o jovem vestido de branco confirma-o: «Ele vai à vossa frente para a Galileia» (16,7) (cf. III, 6.). Esta é, pois, sinal da universalidade da missão. É assim que Senior e Stuhlmueller interpretam o regresso à Galileia:

«O regresso ao lugar da missão de Jesus é a mensagem eficaz da ressurreição no Evangelho de Marcos. A comunidade deve reunir-se de novo no próprio território, onde Jesus primeiramente os juntara e lhes dera participação no seu ministério do reino que derrubava fronteiras. A

¹⁹² Cf. J. NISSEN, *New Testament and Mission*, 41-42.

comunidade não deve permanecer em Jerusalém, mas voltar, com consciência e poder renovados, para a Galiléia, onde lhe acena a missão universal da Igreja»¹⁹³.

Mas de que modo apresenta Marcos, ao longo do seu evangelho, este desejo de universalidade da missão, que Jesus nutre e quer que caracterize também a missão dos discípulos?

5.2. As viagens «para a outra margem» (4,35; 6,45; 8,13)

Marcos não nos apresenta a Galileia como uma unidade territorial, mas põe em revelação a sua pluralidade, para significar a universalidade do evangelho. Assim, distingue as duas margens do mar da Galileia (ou de Tiberíades, ou de Genesaré): a margem ocidental, povoada por judeus, e a margem oriental, povoada por pagãos. Pode-se confirmá-lo sobretudo pelas pessoas que se encontram em cada uma das margens: do lado judaico, os doutores da lei (3,22; 7,1; 9,14), o chefe da sinagoga (5,22) e os fariseus (7,1; 8,11); do lado gentio, os guardadores de porcos (5,14)¹⁹⁴ e a mulher grega de origem sirofenícia (7,26). A missão de Jesus não se restringe, pois, a uma das margens, mas antes abarca as duas, significando a universalidade da missão do Filho de Deus.

Neste sentido, são relevantes as viagens que Jesus e os discípulos fazem «para a outra margem» (εἰς τὸ πέραν: 4,35; 6,45; 8,13). Das quatro, uma é feita por via terrestre (7,24), e as outras três, que acabámos de citar, são feitas por via marítima, tendo como meio de transporte o barco. Assim, com a transposição do mar da Galileia, que perde a sua força enquanto barreira natural, Marcos quer indicar a unidade da missão entre os judeus e da missão entre os

¹⁹³ D. SENIOR; C. STUHLMUELLER, *Os Fundamentos Bíblicos da Missão*, 297-298.

¹⁹⁴ Os judeus não comem nem guardam porcos. Logo, o episódio não se passa em território judaico: cf. E. WEFALD, «The Separate Gentile Mission in Mark», 10.

pagãos. A Galileia é, deste modo, símbolo de unidade entre os cristãos, vindos do judaísmo e do paganismo, que vivem juntos a novidade do reino de Deus¹⁹⁵.

Apresentamos, de seguida, um quadro¹⁹⁶ que sintetiza o ministério de Jesus na Galileia, distinguindo os episódios ocorridos na margem judaica dos da margem pagã, e no caminho até chegar a Jerusalém. Nele podem ver-se as quatro viagens de Jesus para a margem oriental, bem como as perícopes que correspondem a cada uma delas. A partir daqui, tentaremos encontrar as semelhanças e as diferenças entre estas duas missões paralelas.

	Margem judaica	Margem pagã
1,14s	Início e conteúdo da missão	
1,16-20	Chamamento dos primeiros discípulos	
1,21-39	<i>O dia típico de Jesus</i>	
1,40-3,6	<i>Jesus, os pecadores e a lei</i>	
3,7-35	<i>Jesus forma uma nova família</i>	
4,1-34	<i>Revelação em parábolas</i>	
4,35-6,6	<i>Revelação em obras: o poder de Jesus sobre as forças do mal</i>	
4,35-41	1ª Viagem	A tempestade acalmada
5,1-20		Cura do endemoniado de Gerasa
5,21-43	Cura da mulher que sofria de hemorragias e ressurreição da filha de Jairo	
6,1-6	Jesus desprezado em Nazaré	
6,7-33	<i>Uma missão começa (os Doze) e outra termina (o Batista)</i>	
6,7-13	Missão dos Doze	
6,14-29	Martírio de João Batista	
6,30-33	Regresso dos Doze	
6,34-8,26	<i>Jesus alimenta judeus e pagãos</i>	

¹⁹⁵ Cf. KELBER in J. NISSEN, *New Testament and Mission*, 40-41: «The lake, losing its force as a barrier, is transposed into a symbol of unity, bridging the gulf between Jewish and Gentile Christians. The two are the one. Galilee is no longer ethnically confined to either a Jewish or a Gentile Christian identity, rather “all of Galilee” is where Jewish Christians and Gentile Christians live together in the newness of the Kingdom».

¹⁹⁶ Este quadro segue os títulos apresentados em CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 118-150. Os primeiros quatro capítulos surgem abreviados, já que importa aqui estudar a sequência de episódios a partir da primeira viagem para território pagão, até à entrada em Jerusalém.

6,34-44	Primeira multiplicação dos pães	
6,45-52	2ª Viagem	Jesus caminha sobre as águas
6,53-56	Curas em Genesaré	
7,1-13	Jesus e as tradições farisaicas	
7,14-23	Ensinamento sobre o puro e o impuro	
7,24-30	3ª Viagem	A fé da mulher sirofenícia e cura da sua filha
7,31-37		Cura de um surdo-gago na Decápole
8,1-10		Segunda multiplicação dos pães
8,11-13	Os fariseus pedem um sinal do céu	
8,14-21	4ª Viagem	O fermento dos fariseus e de Herodes. Incompreensão dos discípulos
8,22-26		O cego de Betsaida
8,27-10,52	<i>O caminho para a morte e ressurreição</i>	
8,27-30	4ª Viagem (cont.)	Declaração messiânica de Pedro
8,31-33		Primeiro anúncio da paixão e ressurreição, e reação de Pedro
8,34-9,1		Condições para seguir Jesus
9,2-10		Transfiguração de Jesus
9,11-13		O regresso de Elias
9,14-29		Cura de um jovem endemoniado
9,30-32	Segundo anúncio da paixão e ressurreição	
9,33-37	Discussão entre os discípulos: quem é o maior	
9,38-41	Uso do nome de Jesus	
9,42-50	A gravidade dos escândalos	
10,1-12	Questão do divórcio	
10,13-16	Jesus e as crianças	
10,17-22	O homem rico	
10,23-27	Os ricos e o reino de Deus	
10,28-31	Recompensa pelo desprendimento	
10,32-34	Terceiro anúncio da paixão e ressurreição	

10,35-40	Pedido de Tiago e João	
10,41-45	Os chefes devem servir	
10,46-52	Cura do cego de Jericó	

Há uma nota comum na ação de Jesus na margem pagã do mar da Galileia: o seu domínio sobre as forças do Mal. Este manifesta-se na autoridade que Jesus tem sobre o mar, que lhe permite acalmar a tempestade (4,35-41) e caminhar sobre as águas (6,45-52), na expulsão de demónios (5,1-20; 7,24-30; 9,14-29) e na cura de doentes (7,31-37; 8,22-26). De facto, se os judeus acreditam no Deus de Israel, mas não em Jesus, os pagãos não acreditam nem num nem noutra, pelo que precisam de ser libertos do domínio do Maligno para aderirem ao único Deus verdadeiro¹⁹⁷.

Também entre as duas missões paralelas podem encontrar-se semelhanças. Segundo Wefald, são duas as principais correspondências: os exorcismos na sinagoga de Cafarnaum (1,21-28) e do possesso de Gerasa (5,1-20), e as duas multiplicações dos pães (6,34-44; 8,1-10)¹⁹⁸. Jesus vem libertar do poder do Mal e alimentar, tanto judeus como pagãos.

Em suma, a missão tem como destinatária toda a humanidade, que estiver disposta a acolher a pessoa de Jesus e o seu ministério. Independentemente da sua proveniência, cultura e até religião, todo o ser humano pode beneficiar das palavras e obras do Mestre, e aderir a Ele, seguindo-o. Para tal, é necessário passar por um processo de conversão, que o integrará na grande família dos discípulos do Senhor.

6. Missão como caminho

Iniciámos este capítulo afirmando que a missão de Jesus se relaciona com a sua identidade, de tal modo que a sua missão é ser Cristo e Filho de Deus (cf. II, 1.). Vimos

¹⁹⁷ Cf. E. WEFALD, «The Separate Gentile Mission in Mark», 16.

¹⁹⁸ Cf. *Ibidem*, 13-25.

também que a revelação total da sua identidade tem lugar na cruz, onde é ironicamente chamado de Cristo pelos sacerdotes e doutores da lei (15,32) e proclamado como Filho de Deus pelo centurião (15,39). Contudo, a revelação paulatina da identidade de Jesus acontece «no caminho» (8,27). É aí que os discípulos vão compreendendo quem verdadeiramente Jesus é e qual a sua missão. Por outro lado, um dos objetivos da missão é tornar os homens discípulos de Jesus, ou seja, dispô-los a seguirem o Mestre «no caminho» (10,52). Por fim, o caminho de Jesus para Jerusalém, que corresponde ao caminho da sua missão de salvação, é também o caminho da missão dos discípulos, que implica paixão e morte, para chegar à glória da ressurreição, à salvação.

O termo *caminho* forma uma inclusão a toda a secção de 8,27-10,52, já que surge no primeiro e no último versículos da mesma, e relaciona-se com os anúncios da paixão, morte e ressurreição de Jesus, na medida em que aparece em 8,27, antes do primeiro anúncio (8,31); em 9,33.34, depois do segundo anúncio (9,30-32); e em 10,32, como introdução ao terceiro anúncio (10,33s).

O evangelho iniciara com duas citações do AT que se referiam ao caminho (1,2-3): «Eis que envio o meu mensageiro à tua frente, que há de preparar o teu *caminho*» (cf. Ml 3,1; Ex 23,20 [LXX]) e «Uma voz que clama no deserto: “Preparai o *caminho* do Senhor, endireitai as suas veredas”» (Is 40,3 [LXX]). Nelas se estabelece uma identificação entre o caminho de Jesus e «o caminho do Senhor»¹⁹⁹.

Nesta segunda parte do evangelho, Marcos une, com o tema do *caminho*, a cristologia e a eclesiologia (cf. I, 1.3.). Chamados para seguir atrás de Jesus (1,17; 8,33) e «para estarem com Ele» (3,14), os discípulos devem percorrer o mesmo caminho do Mestre, não só, num primeiro momento, acompanhando-o, mas também, durante toda a sua vida, aceitando renegar-se a si mesmos, tomar a cruz e seguir o Senhor (8,34). Mas só no final do caminho os discípulos compreenderão realmente o seu significado. Só lá entenderão que o triunfo do

¹⁹⁹ Cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, II, 675.

Messias libertador se dá na cruz, onde, pela sua morte, vence a morte e, pela sua ressurreição, restaura a vida. Até lá, o caminho encontra-se marcado pelas dúvidas, pelas incompreensões, pelas «cegueiras»²⁰⁰, que só serão dissipadas na Páscoa do Senhor.

6.1. Os anúncios da paixão, morte e ressurreição

A secção do caminho (8,27-10,52) é pautada pelos três anúncios da paixão, morte e ressurreição de Jesus. Neles o Senhor mostra aos seus discípulos que o poder e o sucesso da sua missão passam pelo sofrimento. De facto, poder e sofrimento são dois temas que aparecem interligados e marcam toda esta secção literária²⁰¹. Como diria S. Paulo: «A linguagem da cruz é certamente loucura para os que se perdem mas, para os que se salvam, para nós, é força de Deus» (1Cor 1,18).

O primeiro anúncio da paixão, morte e ressurreição de Jesus aparece em 8,31. Jesus apresenta o seu mistério pascal como uma necessidade teológica: «É necessário (δεῖ) o Filho do Homem sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos doutores da lei, ser morto e, depois de três dias, ressuscitar» (8,31), para assim cumprir o plano salvífico de Deus²⁰². Não se trata de uma necessidade determinística, mas da «realização do plano de Deus, em Jesus, apesar da rejeição, oposição e repressão das autoridades»²⁰³.

O segundo anúncio (9,31) é o mais breve e, ao mesmo tempo, o que provavelmente melhor reproduz a tradição que Marcos recebeu e que desenvolveu nos outros dois²⁰⁴. É

²⁰⁰ A cura de dois cegos enquadra a secção do caminho (8,22-26; 10,46-52). Assim se apresenta os discípulos como «cegos», necessitados da luz dos ensinamentos de Jesus, e que, tal como Bartimeu, precisam de ser curados para seguir Jesus «no caminho» (10,52): cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, II, 673.

²⁰¹ Cf. *Ibidem*, 675-676.

²⁰² Cf. B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 460; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 347; J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, II, 12; J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, II, 701; K. STOCK, *Marco*, 158; S. LÉGASSE, *Marco*, 424, nota 30.

²⁰³ J. ORNELAS CARVALHO, *Caminho de morte, destino de vida*, 273.

²⁰⁴ Cf. S. GUIJARRO, *Los Cuatro Evangelios*, 247.

interessante notar aqui a repetição do substantivo ἄνθρωπος: ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου παραδίδοται εἰς χεῖρας ἀνθρώπων («O Filho do *Homem* vai ser entregue nas mãos dos *homens*»). De facto, esperava-se que o Filho do Homem fosse recebido e aceite pelos seus semelhantes. Ao invés, são os próprios homens que dão a morte àquele que lhes dá a vida²⁰⁵.

O terceiro anúncio (10,33s) é o mais completo e o que melhor reflete os detalhes da paixão de Jesus: a entrega aos chefes dos sacerdotes e aos doutores da lei (14,43.53), a condenação à morte (14,64; 15,15), a entrega aos pagãos (15,1), o escarnecer (15,17s.20.31), cuspir (14,65; 15,19), chicotear (Jo 19,1) e matar (cf. 15,24.37)²⁰⁶.

A certeza da ressurreição, presente nos três anúncios, é a resposta eficaz ao medo demonstrado pelos discípulos no caminho para Jerusalém (10,32). Ainda que pareça ficar menosprezada pela importância dada à descrição da paixão, a ressurreição é a realidade última e determinante, que acalma o medo dos discípulos e os faz esperar com confiança aquilo que está para vir²⁰⁷.

6.2. A incompreensão dos discípulos e a instrução de Jesus

A incompreensão dos discípulos é notória ao longo de toda a secção de 8,27-10,52. Fazem comentários desenquadrados e absurdos (9,5s), formulam perguntas ignorantes (9,10s; 10,10), e não entendem o carácter misericordioso da missão de Jesus (9,38)²⁰⁸. Mas é, sobretudo, depois de cada um dos anúncios da paixão, morte e ressurreição, que melhor se revela a incompreensão dos discípulos perante o sofrimento pelo qual o Mestre terá que passar. De facto, a atitude de Pedro (8,32), a discussão sobre qual dos discípulos é o maior (9,33s), bem como o pedido de Tiago e João para se sentarem à direita e à esquerda do

²⁰⁵ Cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, II, 767; G. PEREGO, *Vangelo secondo Marco*, 194; S. LÉGASSE, *Marco*, 473.

²⁰⁶ Cf. C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 422.

²⁰⁷ Cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, II, 857.

²⁰⁸ Cf. *Ibidem*, 763.

Senhor, na sua glória (10,35-40), revelam que os discípulos ainda não tinham compreendido o significado do messianismo de Jesus. Em contra-resposta, Jesus instrui-os sobre o verdadeiro seguimento (8,33-38), sobre o verdadeiro serviço (9,35-37) e sobre o verdadeiro poder (10,42-45).

Pedro não compreende o primeiro anúncio da paixão e, tal como Satanás, pretende desviar Jesus do seu caminho. O verbo ἐπιτιμάω (*reprender severamente*) é o mesmo que é usado na expulsão de espíritos impuros (1,25; 3,12; 9,25). Pedro increpa Jesus, como se se tratasse de um demónio, e Jesus, respondendo na mesma medida, repreende Pedro, que se está a comportar, este sim, como Satanás, convidando-o ao discipulado fiel, isto é, a seguir atrás de Jesus (8,33; cf. 1,17)²⁰⁹. Em seguida, instrui os discípulos sobre o seguimento (8,34-9,1). O lugar do discípulo é atrás do Mestre, seguindo-o e aceitando partilhar os seus sofrimentos, participando na sua missão. Na verdade, rejeitar a cruz é rejeitar a identidade de discípulo, já que o único caminho para seguir Jesus e chegar à sua glória é o caminho da cruz²¹⁰.

Depois do segundo anúncio, os discípulos discutem entre si sobre quem é o maior (9,34). Ainda não tinham entendido a necessidade de se renegarem a si mesmos para participarem na glória de Deus (8,34-38). Jesus instrui-os, então, sobre o serviço: «Se alguém quer ser o primeiro, será o último de todos e servidor de todos» (9,35). Na ordem hierárquica estabelecida por Jesus, o lugar mais alto é ocupado por aquele que se faz o último e o servo de todos²¹¹. É o serviço que engradece o apóstolo e enquadra a missão.

A última incompreensão dos discípulos diante dos anúncios da paixão de Jesus surge na boca de Tiago e João, filhos de Zebedeu, que pedem a Jesus um lugar à sua direita e outro à sua esquerda, na sua glória (10,37). A indignação dos outros dez discípulos mostra que também estes não tinham ainda compreendido o significado de ser «o último de todos e o

²⁰⁹ Cf. S. GUIJARRO, *Los Cuatro Evangelios*, 246; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 349; J. C. CARVALHO, «Deus e o Cristo petrino do Novo Testamento», *Didaskalia* XXXVIII (2008/2) 144-145; J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, II, 703.

²¹⁰ Cf. L. HERIBERTO RIVAS, «Discípulos para la misión en el Nuevo Testamento», 479: «El rechazo de la cruz coloca a los hombres fuera del ámbito de los discípulos de Jesús. Los verdaderos discípulos saben que no hay otro camino para seguir Jesús y llegar hasta la gloria si no es el camino por el que Él va: el camino de la cruz».

²¹¹ Cf. *Ibidem*, 480.

servidor de todos» (9,35). Neste sentido, Jesus instrui os discípulos sobre o verdadeiro poder. Contrapondo o seu poder e o dos discípulos ao dos chefes dos pagãos, Jesus recorda aos Doze que a grandeza está na humildade, e o poder no serviço. Jesus é o modelo a ser seguido: «Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos» (10,45). A dádiva da própria vida em favor dos homens é o mais sublime exemplo de serviço²¹². É esta a missão de Jesus, que há de ser também a missão dos discípulos: servir e dar a vida em favor da humanidade.

7. Missão à qual Jesus associa os discípulos

Desde a primeira hora, isto é, logo que inicia o seu ministério na Galileia (1,14s), Jesus associa a si e à sua missão outras pessoas (1,16-20). A estas dá-se o nome genérico de *discípulos* (μαθηταί), ou seja, *aquele que aprende*. Ser discípulo consiste, pois, em aprender de Jesus, também no que à missão se refere. Contudo, dentro deste grupo mais amplo, pode distinguir-se um outro grupo, mais restrito: o grupo dos Doze (δώδεκα). Este último é composto pelo elenco apresentado em 3,16-19. O primeiro, além dos Doze, é constituído ainda por Levi (2,13s), pelos muitos que seguiam Jesus (2,15), bem como pelas mulheres que, não tendo o nome de discípulos, «o seguiam e serviam, quando Ele estava na Galileia, e (...) tinham subido com Ele para Jerusalém» (15,41)²¹³.

Aguirre Monasterio e Rodríguez Carmona definem como principal nota característica do grupo dos discípulos, onde se inserem os Doze, o facto de ser um grupo cristológico ao serviço do reino e da missão de Jesus. Chamados por iniciativa gratuita do próprio Jesus (1,16-20; 2,13s; 3,13-19), a sua existência tem alcance cristológico e revela as pretensões do

²¹² Cf. L. HERIBERTO RIVAS, «Discípulos para la misión en el Nuevo Testamento», 481.

²¹³ Cf. R. AGUIRRE MONASTERIO; A. RODRÍGUEZ CARMONA, *Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, 201.

Senhor, quanto à missão que tem para realizar. Os discípulos, chamados para seguirem Jesus (1,18; 2,14.15; 6,1; 8,34; 9,38; 10,21.28.32.52; 15,41), não só se relacionam com o Mestre, como também entre eles, formando assim uma nova família, fundada na vontade de Deus (3,35). Por tudo isto, a nova fraternidade tem um carácter missionário, porque, por um lado, trata-se de um grupo-signo, cuja existência proclama, por ela própria, as pretensões de Jesus, e, por outro, porque colabora com Ele na sua obra (3,9; 4,35s)²¹⁴.

Embora Marcos não queira separar substancialmente os dois grupos, de tal modo que muitas vezes se refere aos Doze com o nome de *discípulos*, há de reconhecer-se que, unidos no seguimento e no serviço a Jesus, os dois grupos possuem, porém, missões distintas, ainda que complementares. É sobre a missão que Marcos atribui a cada um dos grupos que nos vamos agora debruçar.

7.1. Os discípulos

Os discípulos são chamados a seguir Jesus e a conhecer a sua identidade, para participarem na sua missão de ser «pescador de homens» (1,16-20). Esta é a sua principal tarefa como seguidores: reconhecer que Jesus é o Cristo e o Filho de Deus (1,1), e viver de acordo com esse conhecimento. De facto, a eles foi dado conhecer o «mistério do reino de Deus» (4,11), que se revela no mistério da pessoa de Jesus, pelo que se lhes exige um aprofundamento contínuo da identidade e missão do Senhor²¹⁵. Como testemunhas das suas palavras e obras, os discípulos são convidados a guardá-las no coração e a pô-las em prática, fazendo assim a vontade de Deus (3,35).

Mas esta tarefa de conhecer a verdadeira identidade do Mestre não se cumpre sem dificuldades. Muitas são, como acabámos de ver, as incompreensões por parte dos discípulos,

²¹⁴ Cf. R. AGUIRRE MONASTERIO; A. RODRÍGUEZ CARMONA, *Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, 202.

²¹⁵ Cf. S. LÉGASSE, *Marco*, 51.

quanto ao messianismo e divindade de Jesus (1,36s; 4,13.40; 6,52; 7,18; 8,17-21). Por isso, os discípulos devem fazer caminho com Jesus, já que é «no caminho» que podem ir descobrindo a sua verdadeira natureza (8,27-29). De facto, a relação entre os discípulos e o Mestre caracteriza-se precisamente pelo facto de Jesus «ir à frente» (προάγω: 10,32; 14,28; 16,7) e os discípulos «seguirem-no» (ἀκολουθέω: 1,18; 2,14bis.15; 6,1; 8,34bis; 10,21.28.32.52; 14,54; 15,41). Se esta relação é relativamente estável durante o ministério de Jesus na Galileia, na segunda parte do relato os discípulos vão com Jesus, mas não percorrem verdadeiramente o seu caminho, de tal modo que, a partir do capítulo 11, o verbo *seguir* (ἀκολουθέω) quase desaparece²¹⁶.

Por outro lado, o conhecimento de Jesus por parte do discípulo é também ele *caminho* e vai-se aprofundando paulatinamente, à medida que o discípulo se aproxima de Jerusalém. Com efeito, só no término do caminho, isto é, no mistério pascal, o discípulo pode compreender o que significa ser Cristo e Filho de Deus: cumprir o plano salvador do Pai, entregando a sua vida para dar aos homens a vida eterna.

O discípulo é, pois, chamado a conhecer Jesus e a seguir o seu caminho, na certeza de que a sua relação de comunhão com o Mestre é o lugar onde primeiramente o evangelho é anunciado. A vida em comunidade, reunida à volta de Jesus, é, de facto, o lugar onde o evangelho é guardado e transmitido²¹⁷. Deste modo, só conhecendo plenamente e seguindo Jesus é que o discípulo pode dar continuidade à sua missão, colaborando com o Senhor na dilatação do reino de Deus.

²¹⁶ Apenas ocorre para dizer que Pedro «*seguia* de longe» Jesus (14,54) e para falar das mulheres que *seguiram* Jesus desde a Galileia (15,41), e que também observavam «de longe» a sua crucifixão (15,40).

²¹⁷ Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 266.

7.2. Os Doze

Os Doze, enquanto grupo especial constituído por Jesus (3,14), não deixam de integrar o grupo mais amplo dos discípulos, de tal modo que tudo o que se diz e arroga aos discípulos pode também ser atribuído aos Doze. Assim, também estes são chamados a seguir Jesus e a conhecê-lo, percorrendo o *caminho* da revelação da sua identidade.

Mas, os Doze têm como tarefa particular continuar a missão de Jesus, realizando as mesmas ações que o Senhor realizou²¹⁸ (cf. I, 2.2.). Por isso, não só colaboram na missão do Mestre, ainda durante a sua vida terrena, como também a continuam, após a Páscoa. Apesar das suas incompreensões (8,32s; 9,33s; 10,35-40) e do abandono de Jesus na hora da sua paixão (14,50), os Doze devem continuar a seguir o Senhor, que, ressuscitado, os precede a caminho da Galileia (16,7), lugar onde teve início a missão de Jesus e onde os Doze devem iniciar a missão pós-pascal, centrada em Jesus.

Marcos apresenta os Doze com uma faceta positiva e outra negativa, para que o leitor, que também sente as dificuldades no seguimento de Jesus, se possa identificar com eles, imitando o que de bom eles fizeram, e evitando o que de menos bom realizaram. Apesar de tudo, os Doze estão investidos da autoridade (ἐξουσία), dada por Jesus, para realizarem a tarefa especial de continuar na terra a missão do Filho de Deus²¹⁹.

8. Conclusão

A missão de Jesus decorre, antes de mais, da sua identidade. Jesus é o Cristo e o Filho de Deus, pelo que tem a missão de libertar o homem das forças do Mal e introduzi-lo no reino

²¹⁸ Cf. P. NEPPER-CHRISTENSEN, «μαθητής», *DENT*, II, 119; J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, I, 164.

²¹⁹ Cf. R. AGUIRRE MONASTERIO; A. RODRÍGUEZ CARMONA, *Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, 204.

de seu Pai. A isto se chama salvação. Esta sua missão foi anunciada na Lei e nos Profetas, mas preparada imediatamente por João Batista, cuja vida e ministério prefiguram a vida e a missão de Jesus. A atividade de João dá, portanto, ao leitor chaves interpretativas do ministério do Senhor. Este ministério centra-se na proclamação do evangelho, que tem como conteúdo fundamental a presença do reino de Deus, que se aproximou na plenitude dos tempos, e que, para ser acolhido, precisa da conversão do homem, da fé e adesão a Jesus. A presença deste reino, anunciada no evangelho, concretiza-se em ações poderosas – exorcismos e curas –, pelas quais Jesus, porque é o Cristo e o Filho de Deus, põe fim ao domínio do Maligno sobre o homem.

A missão salvífica de Jesus não se destina a um povo em particular, mas sim a toda a humanidade. Percorrendo as regiões da Galileia, de um e outro lado do mar, e de Jerusalém, Jesus mostra que o seu ministério visa tanto judeus como pagãos. Além disso, dá também a entender a missão como *caminho*, ou seja, como projeto de salvação, que passa pela paixão e morte para chegar à ressurreição, e no qual os homens são chamados a entrar, para fazer um percurso interior de descoberta da verdadeira identidade de Jesus. Apesar das incompreensões e abandono dos discípulos, o Mestre não deixa de anunciar a verdade e de apresentar o caminho da cruz como única possibilidade de salvação. Esta salvação, concretizada e consumada na Páscoa do Senhor, quer chegar a todos os homens, de todos os tempos e de todos os lugares. Para tal, Jesus associa a si os discípulos, que, seguindo-o e aprofundando a comunhão com Ele, são chamados a continuar a sua missão.

É este continuar a missão de Jesus por parte dos discípulos que queremos agora analisar. Vimos as características da missão do Senhor; veremos, de seguida, as da missão dos discípulos, para, no fim, podermos compará-las. Pelo que já estudámos, podemos concluir que há continuidade entre a missão de Jesus e a missão dos discípulos, até porque são a mesma e única missão. Mas em que sentido e com que características específicas?

III CAPÍTULO

O ANÚNCIO SOBRE JESUS: A MISSÃO DOS DISCÍPULOS

Depois de abordarmos, no II Capítulo, o anúncio *de* Jesus, parte essencial da sua missão, vamos agora dedicar-nos ao anúncio *sobre* Jesus, ou seja, à sua missão continuada pelos discípulos. Este anúncio sobre Jesus divide-se em dois momentos, que se completam: antes da Páscoa e depois da Páscoa. Falamos, por isso, de missão pré-pascal e missão pós-pascal. A primeira possui, de certo modo, um valor paradigmático, de maneira que, regra geral, aquilo que os discípulos realizam na missão pós-pascal é continuidade (embora transformada pelo mistério pascal de Jesus) da sua missão pré-pascal.

Sintetizaremos em sete os que nos parecem ser os principais traços característicos da missão dos discípulos. Os primeiros dois pontos tratam dos fundamentos desta mesma missão. Na verdade, a missão dos discípulos funda-se no seguimento do Senhor e na comunhão com Ele. Os discípulos foram chamados para seguirem Jesus (1,17.20) e para estarem com Ele (3,14). A missão brota desta comunhão íntima de vida. Os terceiro e quarto pontos abordam a missão pré-pascal, na qual os discípulos realizam as mesmas ações de Jesus, proclamando, expulsando os demónios e curando os doentes, o que, atendendo ao valor exemplar desta missão, se há de realizar também na futura missão. O quinto ponto faz a transição entre a missão pré-pascal e a missão pós-pascal, pois ambas são levadas a cabo em ambiente de controvérsia. Os sexto e sétimo pontos, por último, abordam a missão pós-pascal, vendo nela uma missão renovada e centrada na identidade do Senhor. A característica principal da missão pós-pascal é, com efeito, o anúncio de que Jesus é o Cristo e o Filho de Deus (1,1). Analisemos, detalhadamente, cada um destes pontos.

1. Missão no seguimento de Jesus

Assim que dá início ao seu ministério na Galileia (1,14s), Jesus chama os primeiros discípulos, associando-os à sua missão (1,16-20) (cf. II, 7.). Marcos conta o chamamento de dois pares de irmãos (Simão e André, e Tiago e João), que, encontrando-se nas suas atividades diárias, deixam tudo para seguir Jesus. A sobriedade e rapidez da narrativa mostram a essencialidade do episódio, que possui um valor paradigmático e pretende ressaltar a consequência imediata entre chamamento e resposta²²⁰.

Jesus passa, vê e chama. Ele está, notoriamente, no centro do relato. É por sua iniciativa, contrariamente ao que acontecia com os mestres rabínicos, que chama aqueles que quer que o sigam e que partilhem a sua missão²²¹. O verbo παράγω, utilizado apenas 3 vezes em Marcos (1,16; 2,14; 15,21), faz sempre referência a uma *passagem* que tem em vista o seguimento de Jesus²²². O verbo ὁράω, por sua vez, assume, no contexto do chamamento dos quatro primeiros discípulos, a conotação de eleição²²³. Por fim, o verbo καλέω (1,20; 2,17; 3,31; 11,17), quando usado com acusativo, refere o chamamento de alguém ao seguimento²²⁴. Em suma, Jesus faz-se próximo, escolhe os que quer (cf. 3,13) e chama-os ao discipulado.

A resposta imediata dos discípulos, expressa na construção καὶ εὐθὺς em 1,18, como consequência do chamamento perentório de Jesus, expresso pela mesma locução adverbial em 1,20, indica que o binómio chamamento-seguimento, cuja finalidade é a missão²²⁵, deve ser entendido no horizonte da urgência criada pela proximidade do reino de Deus (1,15). Com efeito, os discípulos são chamados para partilhar e continuar a missão do Mestre, de tal modo

²²⁰ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 111.

²²¹ Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 27; F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 114, nota 31; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 100; P. MASCILONGO, *Il discepolato nel Nuovo Testamento: Riflessioni bibliche e spirituali*, Edizioni San Paolo, Milão, 2013, 148.

²²² Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 22.

²²³ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 113; J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, I, 85.

²²⁴ Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 34.

²²⁵ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 117, nota 44.

que a urgência da missão exige a radicalidade do seguimento²²⁶. Deixando as redes e a família para seguir (ἀκολουθέω) Jesus, os discípulos abandonam o que lhes garantia segurança humana, para enraizarem a sua existência no seguimento do Mestre²²⁷. É a atitude de desprendimento (10,21.23.25.28) que dá ao discípulo a liberdade necessária para seguir Jesus²²⁸.

Se, no caso de Tiago e João, o chamamento é descrito com o verbo καλέω, no caso de Simão e André, encontra-se uma frase dita por Jesus, que contém um chamamento e uma promessa. Pelo paralelismo dos relatos do chamamento dos dois pares de irmãos, compreende-se que o chamamento e a promessa feitos ao primeiro par também se aplicam ao segundo²²⁹. Vejamos de que chamamento e promessa se trata.

1.1. O chamamento: «Vinde atrás de mim» (1,17b)

Depois de passar e ver os irmãos Simão e André, Jesus chama-os, dizendo: «Vinde atrás de mim» (δεῦτε ὀπίσω μου: 1,17b). O advérbio δεῦτε apresenta uma conotação imperativa, que revela a autoridade da palavra de Jesus²³⁰. A sua palavra é performativa, isto é, Jesus diz e acontece, tanto que, ao seu chamamento, os discípulos deixam tudo e seguem-no (1,18.20). Usado não com um verbo (cf. 12,7) mas com uma preposição de lugar (cf. 1,17; 6,31), δεῦτε indica a posição que os chamados devem ocupar.

E a sua posição é *atrás* de Jesus. A expressão ὀπίσω μου exprime em Marcos a relação de discipulado: o lugar do discípulo é atrás do Mestre (cf. 1,17.20; 8,33.34). Quando Pedro tenta atravessar-se no *caminho* de Jesus (8,32), é convidado, tal como no início, a ocupar o

²²⁶ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 110; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 98.

²²⁷ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 119; G. PEREGO, *Vangelo secondo Marco*, 55.

²²⁸ Cf. K. STOCK, *Marco*, 38.

²²⁹ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 119.

²³⁰ Cf. *Ibidem*, 114; L. IWUAMADI, «He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth», 26; S. LÉGASSE, *Marco*, 96.

seu lugar de discípulo, isto é, atrás de Jesus. Ser discípulo implica, portanto, seguir atrás dele, renegar-se a si mesmo e tomar a cruz (8,34), não procurando, como no judaísmo, chegar a mestre, mas contentando-se em viver, durante toda a vida, o seguimento interminável do Senhor.

Contudo, este seguimento não é apenas físico, mas indica sobretudo uma autêntica comunhão de vida com Jesus²³¹. O seu chamamento não tem como finalidade primeira o cumprimento de um projeto ou a realização de uns trabalhos, mas o seguimento do único que deve ser seguido. Seguir atrás de Jesus é, pois, percorrer a totalidade do *caminho* e ir conhecendo e aprofundando a sua identidade²³². Embora o chamamento tenha sempre em vista uma missão, a sua primeira e fundamental finalidade é o seguimento e o conhecimento da pessoa de Jesus.

1.2. A promessa: «Farei com que vos torneis pescadores de homens» (1,17c)

A este chamamento, segue-se uma promessa: «Farei com que vos torneis pescadores de homens» (ποιήσω ὑμᾶς γενέσθαι ἀλιεῖς ἀνθρώπων: 1,17c). A interpretação da expressão «pescadores de homens» não resulta fácil nem reúne o consenso dos exegetas. Alguns buscam a sua compreensão na intertextualidade, outros na intratextualidade, isto é, uns procuram o uso da metáfora no AT, outros resumem-se ao contexto de Marcos.

Filannino tenta reunir estes dois contributos, aproveitando o que de positivo cada um deles pode dar²³³. Para ele, é na conjunção entre intertextualidade e intratextualidade que se deve buscar a interpretação da metáfora «pescadores de homens». Na verdade, encontra-se no AT, mais concretamente em Jr 16,16, a referência a pescadores enviados por Deus a reunir os homens para o juízo divino, onde são infligidos castigos e penas. Neste sentido, pode

²³¹ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 114.

²³² Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 26-27.

²³³ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 116.

entender-se a promessa de Jesus como um anúncio de que os discípulos se tornarão enviados de Deus a cumprir uma determinada missão. Contudo, se os discípulos são continuadores da missão do próprio Jesus, e se este é o proclamador da boa notícia de que o tempo salvífico final chegou, então a missão dos discípulos também tem que ter uma finalidade positiva. Tal como Jesus, os discípulos são chamados a uma missão, não de juízo e castigo divinos, mas de salvação. O modo como esta se concretizará só se compreenderá no decorrer da narrativa, até porque se trata de uma promessa de Jesus que só se cumprirá no futuro (ποιήσω).

Iwuamadi, para interpretar a expressão, focaliza-se na palavra *ἄνθρωποι*. Segundo ele, o uso do substantivo no plural quase sempre faz referência aos homens enquanto opostos a Jesus e a Deus. Neste sentido, os homens de 1,17 são aqueles que ainda não receberam a boa notícia do reino (1,14s), pelo que pescá-los significa anunciar-lhes o evangelho de Deus²³⁴.

Por outro lado, segundo o comentário ao versículo na Bíblia da CEP, a interpretação desta metáfora deve partir do significado do mar, que, na mentalidade bíblica, é o lugar das forças demoníacas, dos espíritos impuros (cf. 5,13). Por conseguinte, ser «pescador de homens» é retirar os homens do mundo onde o Maligno é senhor e em que vivem submersos, para os transportar para o reino de Deus²³⁵.

A promessa de Jesus é de que fará com que os discípulos se tornem «pescadores de homens». A expressão *ποιήσω ὑμᾶς γενέσθαι* ressalta três ideias. A primeira é a de que o tornar-se «pescadores de homens» não é uma conquista dos discípulos, mas obra de Jesus. A segunda é a de que se trata de uma transformação progressiva, de um *caminho* que os discípulos devem percorrer com o Mestre. Por fim, é evidenciada a relação entre seguimento e missão, sendo o primeiro a condição de possibilidade da segunda²³⁶.

²³⁴ Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 29-30.

²³⁵ Cf. CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 120, nota a; L. HERIBERTO RIVAS, «Discípulos para la misión en el Nuevo Testamento», 476; M. SOUSA, «Poderá a morte ser “boa”?», 73, nota 40.

²³⁶ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 117.

A cooperação dos discípulos neste tornar-se «pescadores de homens» passa por deixar-se transformar por Jesus, ou seja, viver verdadeiramente o seguimento, como o lugar onde nasce e se desenvolve a missão dos discípulos de Cristo²³⁷.

2. Missão fundada no estar com Jesus

Na linha do seguimento do Mestre, e como consequência deste, os discípulos são apresentados quase sempre com Jesus, partilhando a sua vida e a sua missão²³⁸. «Estar com Ele» (3,14) implica, pois, viver como Ele vive. Neste sentido, depois do chamamento dos primeiros discípulos (1,16-20), Marcos apresenta o dia típico da vida de Jesus e, conseqüentemente, da dos seus discípulos: de manhã na sinagoga, onde revela o poder da sua palavra (1,21-28); à tarde com a comunidade, na casa de Simão (1,29-31); ao pôr do sol à porta, a curar e expulsar demónios (1,32-34); à noite em oração (1,35-38). De facto, acompanhando Jesus desde o início do seu ministério até à sua prisão, os discípulos aprendem o essencial da missão de Jesus e da sua própria missão: proclamar a palavra, curar os doentes, expulsar os demónios, compartilhando a vida com a comunidade e cultivando a intimidade com Deus, na qual se termina o dia e se inicia o seguinte.

Contudo, os discípulos não estão com Jesus (μετ' αὐτοῦ) apenas por vontade e decisão próprias. Prova disso é a negação do pedido do endemoniado de Gerasa que lhe suplicou «que o deixasse ficar com Ele» (ἵνα μετ' αὐτοῦ ἦ; 5,18). Os discípulos estão com Jesus, porque Ele os chamou a isso²³⁹. Este chamamento a estar com Jesus fica bem patente em 3,14, onde surge como a primeira finalidade da instituição dos Doze (cf. I, 2.2.). Jesus sobe a um monte

²³⁷ Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 31.

²³⁸ Os contextos em que surgem os substantivos μαθηταί (cf. 2,15s.23; 3,7.9; 4,34; 5,31; 6,1.35.41.45; 7,2.5.17; 8,1.4.6.10.27.33.34; 9,14.18.28.31; 10,10.13.23.24.46; 11,1.14; 13,1; 14,12.13.14.16.32; 16,7) e δώδεκα (cf. 3,14.16; 4,10; 6,7; 9,35; 10,32; 11,11; 14,17.20) dão a entender a presença e a proximidade de Jesus com os seus discípulos.

²³⁹ Cf. C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 163.

(3,13a), lugar no qual o homem experimenta uma particular proximidade à divindade²⁴⁰, chama a si, livremente, os que Ele quer, os quais, imediatamente, vão ter com Ele. Esta liberdade de escolha da parte de Jesus, bem como a imediatez da resposta dos discípulos, ressaltam a autoridade do Mestre: ao seu chamamento, feito com liberdade, os discípulos deixam para trás o que viveram até então e aderem logo a Jesus²⁴¹.

A constituição dos Doze é relatada como se Jesus estivesse a operar uma nova criação e a reconstituir o povo de Deus (note-se a utilização do verbo ποιέω como possível alusão a Gn 1,1, e o número doze como referência às doze tribos de Israel)²⁴². Constituídos como o povo escatológico, os Doze são chamados, antes de mais, a estar com Jesus. Esta comunhão de vida com o Mestre está antes, durante e depois da missão dos discípulos (6,12s), formando como que uma inclusão (3,14; 6,30). Ela é a *conditio sine qua non* da realização frutífera da missão dos Doze, e é o fim último da sua missão, que procura levar os homens a estar com Jesus, ao mesmo tempo que aumenta a comunhão íntima entre os discípulos e o Senhor.

2.1. Estar com Jesus antes da missão: a preparação

A expressão εἶναι μετ' αὐτοῦ/αὐτῶν é usada, quase exclusivamente, para referir a presença de Jesus junto das pessoas ou a presença das pessoas junto de Jesus (2,19; 3,14; 4,36; 5,18; cf. 14,67). Trata-se quase sempre de uma presença física, embora, por vezes, também revele a adesão interior a uma determinada pessoa. É o caso de 3,14, em que os Doze são convidados a uma especial relação pessoal com o Mestre, partilhando a sua vida e o seu ministério²⁴³. Como afirma J. Ratzinger: «da comunhão exterior devem chegar à comunhão

²⁴⁰ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 130.

²⁴¹ Cf. *Ibidem*, 131-132; J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 301.

²⁴² Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 132-133; J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 301-302.

²⁴³ Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 62.

interior com Jesus»²⁴⁴. Esta relação peculiar entre Jesus e os Doze não é, no entanto, exclusiva, já que todo o discípulo é chamado à comunhão íntima com Jesus (cf. 1,17). Neste sentido, a relação entre o Mestre e os Doze é paradigmática: estes vivem de um modo singular aquela comunhão de vida com Jesus, à qual todos os discípulos são chamados²⁴⁵.

A utilização do presente do conjuntivo (ὥσπερ μετ' αὐτοῦ) dá à ação um caráter estável e duradouro, indicando que os Doze são chamados a estar permanentemente com Jesus²⁴⁶. Colocada no contexto do chamamento para a missão, a união a Jesus permite que os discípulos aprendam com o Mestre em que consiste a sua missão, em que valores assenta e o modo como realizá-la. Contudo, o estar com Jesus, que não é apenas físico/locativo, não se esgota no ser enviado. Trata-se, de facto, de uma comunhão profunda com o Senhor, nunca terminada. Mesmo quando enviados em missão, os Doze devem continuar a estar com Ele, ou seja, devem reconhecer a presença e a ação contínuas de Jesus no meio deles²⁴⁷.

Por outro lado, não é por acaso que o estar com Jesus aparece primeiro que o ser enviado. É que a comunhão com Jesus é a condição de possibilidade da missão. Esta comunhão é o fundamento de qualquer outra ação que seja levada a cabo em seu nome²⁴⁸. É o estar com Jesus que prepara os discípulos para a missão, na medida em que é preciso segui-lo e partilhar com Ele a vida, para o anunciar aos homens e os tornar seus discípulos. Deste modo, quanto maior for a intimidade com Jesus, tanto mais frutífera será a missão dos Doze.

²⁴⁴ J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2010, 225.

²⁴⁵ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 134; J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, I, 164.

²⁴⁶ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 133.

²⁴⁷ Cf. B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 199.

²⁴⁸ Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 62; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 163; G. PEREGO, *Vangelo secondo Marco*, 93; K. STOCK, *Marco*, 69.

2.2. Estar com Jesus depois da missão: o descanso

Depois do envio dos Doze em missão (6,7-13), de que falaremos a seguir, Marcos relata o seu regresso (6,30-33). O episódio inicia com a referência aos *apóstolos*, sendo esta a segunda vez que este termo aparece, se se considerar a ocorrência de 3,14. De seguida, é indicada a sua reunião junto de Jesus, na qual os Doze anunciam tudo quanto fizeram e ensinaram. Até aqui era Jesus quem fazia e, sobretudo, quem ensinava²⁴⁹; agora os Doze, enviados em missão, partilham o ministério de Jesus e realizam as mesmas atividades.

Há, portanto, uma ligação entre os relatos da instituição dos Doze e do seu regresso da missão, quer pela utilização do substantivo *apóstolos*, quer pela presença e proximidade com Jesus (3,14; 6,30), bem como uma relação entre os episódios do envio e do regresso dos Doze, expressa nas tarefas realizadas (fazer e ensinar) que correspondem a proclamar, expulsar os demónios e curar os doentes (6,12s.30).

Tendo-se reunido junto de Jesus, os Doze recebem um convite do Mestre: «Vinde a sós para um lugar deserto e descansai um pouco» (6,31). A ida para um lugar deserto (ἔρημος τόπος) parece ser motivada, tal como em 1,45, pela grande afluência de pessoas, devida à divulgação da fama de Jesus. Mas também pode ter como objetivo, tal como em 1,35, a procura do sossego necessário para a oração, momento-chave do dia típico de Jesus e dos discípulos. O descanso a que Jesus convida os Doze não deixa de ter o seu interesse. Chamados para estar com Jesus, os discípulos devem trabalhar com o Mestre, mas devem também descansar com Ele e em comunidade, e na intimidade com o Pai.

De facto, o estar com Jesus é algo permanente, que nunca se esgota, que prepara a missão, torna-a fecunda e recompensa o trabalho realizado. Jesus é sempre o ponto de partida e o ponto de chegada, antes de uma nova partida. Assim, o discípulo deve aprender a estar com Jesus, em todo o tempo e lugar, na certeza de que a união a Ele é estímulo, sustento e

²⁴⁹ Cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 484.

descanso para a missão. Ao mesmo tempo, a missão é, necessariamente, consequência do estar com Jesus.

3. Missão de proclamar para levar à conversão

O relato do envio dos Doze (6,7-13) é, pois, muito semelhante ao da sua instituição (3,13-19)²⁵⁰. Marcos constrói os dois episódios quase em paralelo, de modo que o envio dos Doze é relatado como a realização da missão que lhes havia sido atribuída aquando da sua constituição. Esta estreita ligação é expressa, logo ao início do relato do envio, pelo verbo προσκαλέομαι (6,7; cf. 3,13), que apresenta a missão como consequência do chamamento de Jesus, feito com autoridade.

A expressão que se segue, ἤρξατο αὐτοὺς ἀποστέλλειν («começou a enviá-los»), denota uma atividade destinada a repetir-se e a durar no tempo. O envio dos discípulos por Jesus não é uma ação isolada, mas sim o início de uma dinâmica que eles haverão de levar a cabo durante toda a sua vida. A missão que agora lhes é comunicada deve ser continuada, mesmo depois da morte e ressurreição do Senhor.

Os Doze não são enviados individualmente, mas dois a dois, isto é, em comunidade. Deste modo, podem ajudar-se mutuamente, ser companhia, sustento e proteção um para o outro, ao mesmo tempo que, segundo o costume judaico, as suas afirmações são tomadas como válidas, porque testemunhadas por um mínimo de duas pessoas (Nm 35,30; Dt 17,6). Além disso, a sua missão será frutífera, porque corresponde ao mandato de Jesus. É Ele quem os envia e quem lhes dá autoridade sobre os espíritos impuros. A sua autoridade acompanhá-los-á ao longo da sua missão, presente e futura, permitindo-lhes lutar eficazmente contra as

²⁵⁰ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 139-142; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 162; S. LÉGASSE, *Marco*, 306.

forças demoníacas. Neste sentido, tudo o que os Doze realizarem será ação do próprio Jesus através deles, já que é a sua autoridade que torna a missão eficaz²⁵¹.

Antes de enviar os Doze, Jesus dá-lhes instruções sobre a missão. Em 6,8s, indica-lhes o que devem e o que não devem levar para o caminho. Em causa está a urgência da missão: o pão, a bolsa e o dinheiro sobrecarregam o missionário, tornando-o mais lento, ao passo que o bastão e as sandálias lhe permitem ser mais veloz²⁵². Depois, fala-lhes das duas atitudes que os destinatários poderão tomar diante da sua atividade missionária: o acolhimento (6,10) ou a rejeição (6,11). Os Doze comportar-se-ão segundo o modo como forem recebidos.

Marcos conta, em seguida, que eles, «tendo saído, proclamavam para que se convertessem» (6,12). De facto, a proclamação é, como já se disse, a primeira finalidade do seu envio (3,14)²⁵³. A novidade é que, em 6,12, Marcos dá a conhecer o objetivo da proclamação dos Doze e, a partir dele, pode entrever-se o conteúdo dessa mesma proclamação.

3.1. O objetivo da proclamação

Que os Doze foram constituídos para serem enviados a proclamar, já o leitor o sabe desde 3,14. Lá, Marcos usara o verbo κηρύσσω em sentido absoluto, tal como o tinha feito para Jesus em 1,38.39. Aqui (6,12) informa o leitor, através da conjunção ἵνα, do objetivo dessa proclamação: os Doze devem proclamar, para que os seus ouvintes se convertam. A conversão não é o conteúdo da proclamação, mas a sua finalidade.

²⁵¹ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 141; B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 334-335; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 252-253; J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, I, 278; J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 443 e 449; S. LÉGASSE, *Marco*, 308.

²⁵² Sobre as semelhanças entre a idumentária dos missionários em Marcos e do povo de Israel durante o êxodo, sobretudo na noite de páscoa, cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 450-451; B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 336-337; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 253-254; G. PEREGO, *Vangelo secondo Marco*, 134.

²⁵³ Acerca da proclamação como principal instrumento de evangelização, cf. S. GUIJARRO, *La primera evangelización*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2013, 202-203.

Esta necessidade de conversão ganha sentido pela referência que Marcos faz ao juízo futuro em 6,11. O sacudir o pó, ao sair dos lugares onde os discípulos não são recebidos, é um gesto profético que remete para o juízo divino. Deus recordará o «testemunho contra eles», já que rejeitaram o anúncio dos Doze e, conseqüentemente, o anúncio de Jesus. É, portanto, necessário converter-se, isto é, abandonar a oposição a Deus e aceitar viver sob o seu reinado, para não permanecer condenado no dia do juízo escatológico²⁵⁴.

Jesus proclama com vista a esta conversão (1,14s): quer que os homens mudem de esquemas mentais e de modo de vida, para aderirem à novidade do reino de Deus (cf. II, 3.2.). Ora, os Doze, enquanto continuadores da missão de Jesus, proclamam também para levar à conversão, no fundo, para levar os homens à fé no evangelho que salva. Mas, o que proclamam?

3.2. O conteúdo da proclamação

Se o objetivo da proclamação dos Doze é o mesmo do da proclamação de Jesus, pode supor-se que também o conteúdo é idêntico. De facto, Jesus proclama o evangelho de Deus, que se traduz no cumprimento do tempo e na proximidade do reino, que exige a conversão, ou seja, acreditar neste evangelho (cf. II, 3.). Ora, os Doze, continuando a missão do Mestre e procurando levar os homens à conversão, anunciam também o reino de Deus, que se torna presente na pessoa de Jesus Cristo²⁵⁵.

Mas porque é que Marcos não o refere? Porque, segundo Iwuamadi, tratando-se de um episódio paradigmático, que representa o início da missão que os discípulos devem continuar sempre, Marcos está mais interessado no próprio ato de proclamar, e não refere o conteúdo da

²⁵⁴ Cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 452-453; F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 143; S. LÉGASSE, *Marco*, 311.

²⁵⁵ Cf. B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 339.

proclamação, porque este não é o mesmo antes e depois da ressurreição de Jesus²⁵⁶. Como veremos, se na missão pré-pascal o conteúdo da proclamação é o reino de Deus, na missão pós-pascal será o próprio Jesus, como Cristo e Filho de Deus (1,1).

Tendo em conta que a passagem de 6,7-13 corresponde à missão pré-pascal dos Doze, e aliás é o único lugar em que esta é apresentada, o conteúdo do anúncio dos discípulos é o reino de Deus. Tal como em 1,38.39 o conteúdo de κηρύσσω deve ser buscado em 1,14s, também em 6,12 deve recuar-se aos mesmos versículos 1,14s, para se encontrar o objeto da proclamação.

Continuando a missão de Jesus, ainda durante a sua vida terrena, os Doze são enviados, em primeiro lugar, a proclamar. Esta proclamação tem como objetivo a conversão (6,12; cf. 1,15b) e centra-se na boa notícia do reino de Deus. De facto, sem a referência à proximidade do reino de Deus não tem sentido um apelo à conversão. É diante da novidade da irrupção do reino que o homem é convidado a converter-se, aceitando que Deus exerça o reinado na sua vida.

4. Missão continuadora do poder libertador de Jesus

Na sequência da proclamação com vista à conversão, Marcos refere as outras duas atividades que os Doze realizam durante a sua missão: expulsar os demónios e curar os doentes, unguindo-os com azeite (6,13). Estas duas ações, levadas a cabo pela autoridade que lhes foi concedida por Jesus (6,7) e pelo poder da sua palavra (6,12), manifestam a proximidade do reino de Deus no meio dos homens. De facto, elas revelam a vitória de Jesus e dos discípulos sobre o poder do Mal, e o triunfo do reino de Deus.

²⁵⁶ Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 103.

Assim se compreende a promessa que Jesus fizera aos discípulos em 1,17: «Farei com que vos torneis pescadores de homens» (ποιήσω ὑμᾶς γενέσθαι ἀλιεῖς ἀνθρώπων). Se o sentido da expressão «pescadores de homens» é, pois, libertar os homens dos laços e cadeias que os ligam ao Mal e transferi-los para o reino de Deus (cf. III, 1.2.), então a expulsão dos demónios e a cura dos doentes são a concretização desta vocação.

Tal como Jesus realiza estas mesmas ações poderosas e, seguindo a mentalidade do seu tempo, não as separa totalmente, pois vê nas forças do Mal a origem de ambas (cf. II, 4.1.), assim também os Doze realizam a sua atividade exorcística e taumatúrgica. E se os gestos dos discípulos não são mais que a continuação e o prolongamento dos gestos do Senhor, há, no entanto, diferenças entre a ação de um e de outros. É que, apesar de terem autoridade para expulsar os demónios, os Doze hão de ter que lidar com os próprios limites e reconhecer a necessidade da oração; e, apesar de continuarem a missão curativa de Jesus, fazem-no de uma forma diferente e especial. Olhemos, então, para os exorcismos e curas realizados pelos Doze, ressaltando as diferenças em relação às mesmas atividades operadas pelo Mestre.

4.1. A expulsão dos demónios e a necessidade da oração

Com a autoridade que Jesus lhes confere, os Doze partem e realizam muitos exorcismos durante a sua missão pré-pascal (6,13). Na verdade, a autoridade de Jesus e dos discípulos está quase sempre orientada contra os espíritos impuros e os poderes do Mal. Isto significa que se trata de uma ação muito importante para Marcos. Com efeito, esta é a segunda atividade missionária, para a qual os Doze foram chamados.

Se o centro da proclamação é o reino de Deus, este só crescerá e se desenvolverá, se primeiramente os homens forem libertos do domínio do Mal em que vivem. Ao mesmo

tempo, é pela força desta proclamação que a soberania do Maligno é destruída. Neste sentido, é relevante a conexão entre os verbos κηρύσσω e ἐκβάλλω²⁵⁷. Sempre que usa o primeiro (*proclamar*) colocando como sujeito Jesus ou os discípulos, Marcos usa, de seguida, o segundo (*expulsar*), ou, não o utilizando, relata um episódio de exorcismo. Vejamo-lo esquematicamente.

<i>Proclamar o evangelho</i>	<i>Expulsar os demónios</i>
1,14s	1,21-28.34
1,38s	1,39
3,14	3,15
6,12	6,13
16,15	16,17

Deste modo se explicita a estreita relação que existe entre a proclamação do reino de Deus e a expulsão dos demónios. Esta realiza e concretiza o que aquela anuncia, ao passo que que é pelo poder daquela que esta acontece. A missão dos discípulos, tal como a de Jesus, é assim definida por Marcos como a poderosa proclamação e a poderosa realização do reino de Deus, cuja expansão implica a redução das forças do inimigo²⁵⁸.

Mas, se esta poderosa realização do reino de Deus é plenamente eficaz com Jesus Cristo, o mesmo não acontece com os discípulos. Estes têm que aprender a lidar com o fracasso e a aceitá-lo, reconhecendo que a autoridade para realizarem os exorcismos não reside neles próprios, mas no Senhor que os chama e lhes confere essa mesma autoridade (ἐξουσία)²⁵⁹. Em 9,18, Marcos relata a incapacidade dos discípulos para expulsarem o demónio de um jovem. Jesus chega entretanto, e cura o jovem endemoniado. Em casa, os

²⁵⁷ Cf. L. IWUAMADI, «He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth», 105.

²⁵⁸ Cf. *Ibidem*.

²⁵⁹ De facto, o fracasso dos discípulos depende de uma incapacidade que tem origem em si próprios. É certo que Jesus também se viu impossibilitado de fazer, em Nazaré, ações poderosas (6,5), não, porém, por uma incapacidade pessoal, mas pela falta de fé daquela gente (6,6).

discípulos questionam Jesus sobre o por quê de não conseguirem expulsar aquele demônio. Jesus responde-lhes, destacando a necessidade da oração²⁶⁰.

Com efeito, Marcos apresenta Jesus como um homem de oração (cf. 1,34; 6,46; 14,32.35.39) e este recomenda aos seus discípulos que rezem (cf. 11,24s; 13,18; 14,38). Mas, neste caso, não se diz que Jesus tenha rezado para expulsar o demônio daquele jovem. No entanto, há um personagem que reza: o pai do jovem, que suplica a Jesus que cure o filho (9,17s), e que, no momento a seguir, faz a sua profissão de fé, ainda que reconheça a pequenez da mesma (9,24)²⁶¹. É, na verdade, a oração que assegura que tudo aquilo que se pede é concedido (11,24).

Por conseguinte, é preciso orar, isto é, crescer na intimidade com Jesus, de cuja palavra vem a autoridade para expulsar os demônios. Os discípulos devem, pois, manter uma vida de oração, que confirme e reforce a autoridade que receberam do Mestre, para continuarem a manifestar poderosamente a presença do reino de Deus entre os homens.

4.2. Um modo especial de curar os doentes

É também a oração que permite aos discípulos curar os doentes. Embora esta atividade não venha elencada em 3,14s, ela é como que uma extensão dos exorcismos, já que a origem da enfermidade é também atribuída ao domínio do Maligno sobre o ser humano. Neste sentido, expulsar os demônios e curar os doentes são manifestações da destruição do reino de Satanás e da instauração do reino de Deus.

²⁶⁰ Alguns autores afirmam que se trata de um problema, não dos discípulos, mas da comunidade de Marcos. Esta começou a deparar-se com a incapacidade para levar a cabo a atividade exorcística. Como já não podia aceder a Jesus através da sua presença física, Marcos ressalta a força da oração, como único meio para manter viva a relação com o Senhor: cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, II, 762-764; J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, II, 56.

²⁶¹ Cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, II, 763.

É interessante que Marcos afirme que os Doze curaram muitos doentes (6,13), quando um pouco antes referira que Jesus, em Nazaré, apenas curou alguns (6,5), devido à incredulidade dos seus concidadãos. Marcos informa assim o leitor do êxito da missão dos Doze, que será depois confirmado em 6,30. De facto, há aqui um paradoxo na missão dos discípulos: ainda que eles possam ser rejeitados (6,11), o anúncio do evangelho e as obras que o acompanham encontram acolhimento²⁶². Na verdade, a rejeição dos discípulos antecipa e continua a rejeição e morte de Jesus, tal como a proclamação e as ações poderosas antecipam e prolongam o poder vivificante da sua ressurreição²⁶³.

Outro dado que desperta a atenção do leitor é o modo como os discípulos realizam as curas. Diz Marcos que «ungiam com azeite muitos enfermos e curavam-nos» (6,13). Em lado nenhum se encontra a afirmação de que Jesus curava deste modo. Sabe-se, no entanto, por Tg 5,14 que esta era uma prática da Igreja primitiva. Na verdade, a unção com o azeite era, já no judaísmo e no helenismo, o meio preferido para a cura das feridas (cf. Is 1,6; Lc 10,34). Aqui parece assumir um significado mais profundo e espiritual, à semelhança de Tiago que une à unção com o azeite a oração²⁶⁴ (cf. I, 2.2.3.).

A oração é, pois, a fonte e o sustento dos gestos salvíficos dos discípulos. Estes são frutíferos, quando assentes numa união profunda ao Senhor, único Salvador. Por outras palavras, a missão dos Doze não é mais que a missão de Jesus continuada no tempo e no espaço. É, portanto, necessário que os discípulos mantenham sempre a relação com o Mestre, que exorciza e cura por direito próprio, para que também a sua missão possa dar frutos, contribuindo para a expansão do reino de Deus²⁶⁵.

²⁶² Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 145.

²⁶³ Cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 453: «El poder vivificante de la resurrección, que se anticipa en los milagros y la predicación eficaz de los discípulos, brota del rechazo, sufrimiento y muerte de Jesús, que se sigue manifestando en las persecuciones que padece la Iglesia primitiva».

²⁶⁴ Cf. J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, I, 280-281; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 257; CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 134, nota e.

²⁶⁵ Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 106.

5. Missão em ambiente de controvérsia

A comunidade de Marcos está marcada pela perseguição (cf. IV, 1.). Não é de estranhar, por isso, que ao longo do evangelho, Marcos vá alundindo à hostilidade que Jesus teve que suportar, e que os discípulos, enquanto seus seguidores, sofrerão também. É que o caminho do discípulo não é diferente do do Mestre (cf. II, 6.). E se Jesus foi rejeitado e odiado, os discípulos também o serão, por causa do seu nome (13,13).

No episódio sobre a recompensa pelo desprendimento, Jesus promete aos discípulos que receberão cem vezes mais aquilo de que abdicaram, juntamente com perseguições (μετὰ διωγμῶν: 10,30). Marcos é o único dos sinóticos que faz referência às perseguições neste contexto (cf. Mt 19,27-30; Lc 18,28-30). Tal facto revela o ambiente hostil em que vive a sua comunidade. Mas não se fica por aqui. Marcos coloca inúmeras vezes na boca de Jesus referências às adversidades que Ele próprio sofrerá e que os discípulos também terão que suportar.

Os anúncios da paixão, morte e ressurreição são o aviso prévio de que Jesus será rejeitado, entregue às autoridades, condenado, escarnecido, cuspidado, chicoteado e morto (cf. II, 6.1.). Por outro lado, o Senhor vai prevenindo os discípulos de que a sua sorte não será diferente, pelo que deverão estar preparados para perder a vida, pois só assim a salvarão (8,35). Esta verdade e sinceridade quanto ao futuro sofredor de Jesus e dos discípulos são fundamentais. Os discípulos de Jesus devem ter consciência das implicações e consequências últimas do seguimento do Mestre. Só assim poderão segui-lo livremente.

As referências à proclamação dos discípulos, isto é, à sua missão, quer pré-pascal quer pós-pascal, estão enquadradas por episódios de controvérsia. Este dado leva o leitor a entender a missão dos discípulos de Jesus como a proclamação do evangelho em ambiente de hostilidade, à semelhança do que aconteceu com o Senhor. Vejamos como Marcos estrutura estes episódios.

5.1. Controvérsia na missão pré-pascal

O episódio do envio dos Doze (6,7-13), onde é narrada a sua missão pré-pascal, é precedido da perícope sobre o desprezo de Jesus em Nazaré (6,1-6a). Lá, conta-se a adversidade que Jesus sente na sua terra natal. O facto dos seus concidadãos conhecerem as suas origens, a sua família e a sua história, faz com que não acreditem na sua autoridade, de tal modo que, perante tanta incredulidade, Jesus não pode «fazer ali nenhuma ação poderosa» (6,5).

Por outro lado, a perícope do envio (6,7-13) é sucedida de uma outra sobre o martírio de João Batista (6,14-29), no fim da qual se retoma a missão dos discípulos, narrando o seu regresso (6,30-33). Ora, como vimos (cf. II, 2.2.), o martírio de João Batista é relatado em consonância e como profecia da paixão de Jesus. Trata-se, portanto, da hostilidade de que João Batista foi vítima e de que Jesus será também. Os discípulos, por sua vez, não terão uma sorte diferente.

A sua missão pré-pascal está, deste modo, enquadrada por cenas de controvérsia, mostrando que a missão nem sempre será levada a cabo sem dificuldades²⁶⁶. Tratando-se de um episódio paradigmático, a hostilidade que os discípulos sentem agora da parte dos que não os acolhem nem ouvem (6,11), marcará também a sua futura atividade missionária.

5.2. Controvérsia na missão pós-pascal

O mandato de proclamar o evangelho, no futuro, depois da Páscoa do Senhor, surge em 13,10: καὶ εἰς πάντα τὰ ἔθνη πρῶτον δεῖ κηρυχθῆναι τὸ εὐαγγέλιον («Mas primeiro é necessário que a todos os povos seja proclamado o evangelho»). Em primeiro lugar, destaca-

²⁶⁶ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 137.

se o destino universal da proclamação (εἰς πάντα τὰ ἔθνη). O evangelho tem como destinatários todos os povos, judeus e gentios (cf. II, 5.). Depois, a ação de proclamar é apresentada como uma prioridade temporal (πρῶτον), que tem como ponto de referência o τέλος de 13,7, ressaltando-se assim a urgência desta atividade missionária. Por fim, trata-se de uma necessidade teológica (δεῖ), já que a proclamação do evangelho tem em vista a salvação de todos os homens.

No cumprimento da missão de proclamar o evangelho, os discípulos terão que contar com a adversidade dos impostores, os falsos messias (13,5s.21-23), e das guerras (13,7s.14-20). Será no meio destas controvérsias que o evangelho será proclamado a todos os povos. Tal ideia fica expressa também no clima de hostilidade que é narrado em 13,9.11-13, que é o contexto mais direto de 13,10. Também em 14,9, a referência à proclamação universal do evangelho aparece enquadrada por episódios de adversidade: em 14,1s fala-se da determinação em matar Jesus, e em 14,10s da traição de Judas. A proclamação universal do evangelho fica assim incluída no meio de controvérsias, não só externas como também internas.

Por isso, os discípulos devem tomar cuidado (13,9). Serão entregues²⁶⁷ aos sinédrios²⁶⁸, açoitados nas sinagogas, e levados à presença de governadores e reis²⁶⁹. Em suma, os discípulos sofrerão a oposição, quer de gentios, quer de judeus. Mas esta oposição comporta um motivo e uma oportunidade, que no fundo estão relacionados. A causa é Jesus (ἔνεκεν ἐμοῦ) e o objetivo é «para lhes dar testemunho» (εἰς μαρτύριον αὐτοῖς). Marcos associa assim o seguimento de Jesus e o anúncio missionário do evangelho. Até as situações

²⁶⁷ O verbo παραδίδωμι, aqui utilizado, é quase sempre empregue para fazer referência à paixão de Jesus: cf. B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 678; G. PEREGO, *Vangelo secondo Marco*, 269; J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, II, 222; J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, II, 1017.

²⁶⁸ Pelo seu uso no plural, parece referir-se aos concílios tanto dos judeus como dos gentios: cf. L. IWUAMADI, *«He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth»*, 181-182; B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 678.

²⁶⁹ No NT, ἡγεμόν é usado para se referir ao governador romano, e βασιλεύς a soberanos herodianos vassalos de Roma: cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 181; L. IWUAMADI, *«He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth»*, 184.

de adversidade, por causa de se ser discípulo do Senhor, são boas ocasiões para proclamar a boa nova de Jesus²⁷⁰.

Quando tudo isto acontecer, os discípulos não devem preocupar-se com o que dizer, pois o Espírito Santo falará por eles (13,11). Esta é a única vez em que o Espírito Santo aparece em relação com os discípulos (cf. II, 1.2.; 2.1.). Tal como guia todo o ministério de Jesus (cf. 1,9-11; 3,28s), o Espírito Santo acompanhará e dirigirá a missão dos discípulos, mostrando assim que esta é obra divina.

A traição por parentes (13,12) é consequência da rotura dos laços familiares, que é sinal da radicalidade e fidelidade no seguimento de Jesus (1,20). De facto, também Ele sofreu a incompreensão dos seus (3,21) e foi entregue por um dos Doze (14,10s.43-45). Neste sentido, tal como Jesus não fugiu da cruz, também os discípulos devem perseverar (ὕπομένω) até ao fim, para serem salvos por Deus (σωθήσεται: *passivum divinum*) (13,13): ainda que os discípulos colaborem com a sua perseverança, a salvação resta sempre um dom de Deus²⁷¹.

À semelhança do Mestre que, apesar de todas as adversidades, nunca deixou de realizar a sua missão, também os discípulos, apesar de todas as controvérsias, devem proclamar o evangelho a todos os povos. Deste modo, participando, com paciência e perseverança, nas hostilidades e nos sofrimentos de Jesus, participarão também da sua glória.

6. Missão renovada

Os discípulos, que acompanharam Jesus desde o início da sua vida pública, abandonam-no no decorrer da paixão, no momento decisivo da sua vida (14,50). De facto, a

²⁷⁰ Cf. L. IWUAMADI, «He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth», 187; B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 682-683: «La persecuzione e l'evangelizzazione sono percepite in una relazione non di esclusione, e neppure di concessione, ma di rafforzamento: la buona novella si diffonde non malgrado le persecuzioni, ma attraverso di esse e, per così dire, paradossalmente, grazie a esse»; E. MANICARDI, *Il cammino di Gesù nel Vangelo di Marco*, 187-188; J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, II, 1018.

²⁷¹ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 186.

incompreensão do caminho de Jesus (8,32; 9,33s; 10,35-40) (cf. II, 6.2.), bem como o medo do que estaria para suceder (10,32b), leva os discípulos a abandonar o Mestre durante a sua prisão no Getsémani. Pedro, que havia jurado não cair em escândalo, e morrer, se necessário, para não negar Jesus (14,29.31), acompanha-o durante mais algum tempo. Mas, de acordo com o anúncio do Senhor (14,30), antes de o galo cantar duas vezes, por três vezes o nega (14,66-72).

Porém, o abandono de Jesus por parte dos discípulos não põe fim à sua identidade de seguidores²⁷². Embora no momento da paixão tenham sido infiéis ao chamamento do Senhor para o seguirem (1,17) e para estarem com Ele (3,14), os discípulos serão renovados, depois da ressurreição, no seguimento e na missão. É o próprio Jesus que lhes promete essa renovação (14,27s), e um jovem vestido de branco confirma-a (16,5-7). Vamos, por isso, analisar cada uma destas passagens.

6.1. A promessa de renovação

Após a última ceia e tendo saído para o Monte das Oliveiras, Jesus diz aos discípulos: «Todos caireis em escândalo, porque está escrito: *Ferirei o pastor, e as ovelhas serão dispersas*. Mas, depois de Eu ter ressuscitado, irei à vossa frente para a Galileia» (καὶ λέγει αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς ὅτι πάντες σκανδαλισθήσεσθε, ὅτι γέγραπται· πατάξω τὸν ποιμένα, καὶ τὰ πρόβατα διασκορπισθήσονται. ἀλλὰ μετὰ τὸ ἐγερθῆναί με προάξω ὑμᾶς εἰς τὴν Γαλιλαίαν: 14,27s).

O verbo σκανδαλίζω, que denota a atitude de todos os discípulos, significa, na voz passiva, e neste contexto, *perder a fé em Jesus, afastar-se dele, fazer-lhe uma ofensa*²⁷³. Este

²⁷² Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 122.

²⁷³ Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 229, nota 96; E. MANICARDI, *Il cammino di Gesù nel Vangelo di Marco*, 172: «σκανδαλίζειν (al passivo) descrive la reazione di quanti, dopo aver accolto in un primo tempo la parola, cessano, di fronte alla persecuzione, di ascoltarla».

«cair em escândalo» já tinha sido profetizado, como se pode perceber pela expressão ὅτι γέγραπται, nos escritos veterotestamentários. Segue-se a citação de Zc 13,7, que anuncia que o pastor, isto é Jesus, será ferido (cf. Mc 14,65; 15,15.19.24), e as ovelhas, ou seja os discípulos, se dispersarão (cf. 14,50). Mas a prova de que o abandono não acabará com o seu discipulado é que Jesus promete reuni-los de novo na Galileia, depois de ressuscitar. O verbo προάγω, utilizado já em 10,32, tendo Jesus como sujeito e os discípulos como objeto, revela uma especial relação de seguimento e comunhão: Jesus vai sempre à frente, a indicar o caminho do discipulado e da missão. Tal como Jesus precedeu os discípulos a caminho de Jerusalém, promete agora precedê-los a caminho da Galileia. E ao invés do caminho para Jerusalém que terminou no abandono e dispersão dos discípulos, o caminho para a Galileia conduzirá à reunião e à comunhão dos discípulos com Jesus²⁷⁴.

A Galileia é o lugar do início do ministério de Jesus, o lugar onde Ele chamou os primeiros discípulos, onde constituiu os Doze, onde os convidou a uma relação de intimidade com Ele e lhes confiou uma missão, e onde os discípulos exerceram a sua missão pré-pascal (cf. II, 5.1.). Por tudo isto, a Galileia será o lugar do «convite a recomeçar o discipulado, mas agora relendo à luz da Páscoa tudo o que Jesus disse e fez»²⁷⁵, da renovação da comunhão de vida com o Mestre e da missão que um dia lhes havia sido confiada²⁷⁶.

6.2. A confirmação da renovação

Esta promessa é confirmada em 16,7, onde Marcos relata que, no primeiro dia da semana, as mulheres vão ao sepulcro e, ao entrarem, veem um jovem vestido de branco que

²⁷⁴ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 123-124; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 568; E. MANICARDI, *Il cammino di Gesù nel Vangelo di Marco*, 174-175; J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, II, 297; S. LÉGASSE, *Marco*, 854.

²⁷⁵ CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 168, nota a; cf. S. GUIJARRO, *La primera evangelización*, 67.

²⁷⁶ Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 237; C. FOCANT, *Il vangelo secondo Marco*, 636-637.

Ihes anuncia a ressurreição de Jesus e lhes diz: «Mas ide, dizei aos seus discípulos e a Pedro: Ele vai à vossa frente para a Galileia. Lá o vereis, como Ele vos disse» (ἀλλὰ ὑπάγετε εἶπατε τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ καὶ τῷ Πέτρῳ ὅτι προάγει ὑμᾶς εἰς τὴν Γαλιλαίαν· ἐκεῖ αὐτὸν ὄψεσθε, καθὼς εἶπεν ὑμῖν: 16,7).

A caracterização do jovem (νεανίσκος), em 16,5-7, revela-o como um mensageiro divino. A sua postura (sentado) denota autoridade e a veste branca leva a pensar nos anjos e nas figuras divinas (cf. 2Mac 3,26; Dn 7,9; Mt 28,3; Jo 20,12; At 1,10; Ap 6,11; 7,9.13), bem como na transfiguração de Jesus (9,3). Além disso, o jovem possui um conhecimento sobrenatural: percebe o pavor das mulheres e aquilo que elas procuram; é conhecedor da ressurreição de Jesus e do lugar da sua sepultura; sabe que o Ressuscitado vai à frente dos discípulos para a Galileia e que já lho tinha anunciado²⁷⁷.

A sua referência a Pedro, destacando-o dos outros discípulos, é motivada pelo modo dramático como este abandona Jesus, no decurso da sua paixão. Ao passo que os outros discípulos fogem no Getsémani, Pedro, antes de o abandonar, nega-o por três vezes. A tão profundo «escândalo» (14,27.29) deve corresponder uma maior renovação no seguimento e no ministério.

A passagem do futuro para o presente do verbo προάγω (προάξω – προάγει) é a confirmação da promessa de 14,28 e o início do seu cumprimento²⁷⁸. Ao mesmo tempo, o presente também faz perceber que se trata de algo que acontece continuamente: Jesus vai sempre à frente e sempre disposto a recomeçar. É agora o momento de os discípulos partirem para a Galileia, sabendo que Jesus os precede, e na certeza de que lá o verão. Mas em que consiste esta visão?

Em Marcos, os temas da *visão*, da *compreensão* e da *fé* aparecem, muitas vezes, unidos (cf. 4,11-13; 6,47-52; 8,11-21; 15,31s.39). Ver Jesus é, neste sentido, compreender a sua identidade e acreditar nele. Marcos mostra que, durante o ministério de Jesus, os

²⁷⁷ Cf. F. FILANNINO, *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, 121-122.

²⁷⁸ Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 237.

discípulos não entendem perfeitamente a sua identidade. É preciso que Ele passe pela paixão, morte e ressurreição e que reúna os discípulos de novo na Galileia, para que estes compreendam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, que veio ao mundo para dar vida aos homens, por amor. E por esse mesmo amor, está disposto a perdoar-lhes os seus pecados e a renová-los constantemente na comunhão com Ele²⁷⁹.

Apesar de todas as incompreensões e ignorâncias, medos e cobardias, negações e abandonos, Jesus quer reunir os discípulos novamente na Galileia, para os renovar na comunhão íntima com Ele, para que compreendam, à luz da Páscoa, a sua verdadeira identidade, e para lhes confiar de novo a missão de continuar o seu ministério salvífico.

7. Missão centrada na identidade de Jesus

Como temos vindo a estudar até aqui, a primeira finalidade do chamamento dos discípulos é seguirem o Mestre e estarem com Ele. Esta partilha de vida tem como objetivo primeiro o conhecimento profundo de Jesus. De facto, a união entre o Senhor e os discípulos permite-lhes conhecerem-se cada vez melhor, para se relacionarem cada vez mais e crescerem na amizade. Mas esta comunhão visa também a aprendizagem necessária ao desempenho da futura missão. Os discípulos precisam de conhecer a verdadeira identidade do Mestre, para poderem continuar a sua missão (cf. II, 1.).

Ora, é a identidade de Jesus que marca as duas finalidades do chamamento dos discípulos («para estarem com Ele e para os enviar»: 3,14): estando com Jesus, conhecem-no e, conhecendo-o, são enviados a proclamá-lo, para que outros o possam conhecer e tornar-se seus discípulos. O seguimento de Jesus, no qual se conhece a sua identidade, tem, portanto,

²⁷⁹ Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 241-244; E. MANICARDI, *Il cammino di Gesù nel Vangelo di Marco*, 178-181; J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos*, II, 402.

duas dimensões, que se complementam: a pessoal (conhecer) e a evangelizadora (dar a conhecer)²⁸⁰.

A missão dos discípulos está, pois, centrada na identidade de Jesus. Esta missão tem agora a sua primeira tarefa no anúncio *sobre* Jesus, que pressupõe e continua o anúncio *de* Jesus. Os discípulos devem, pois, transmitir o que Jesus disse e fez, mas também partilhar o conhecimento que foram adquirindo sobre a sua identidade, e que só entenderam perfeitamente depois da morte e ressurreição do Senhor.

7.1. A proclamação pós-pascal dos discípulos

A missão pré-pascal dos discípulos é pautada pela proclamação do reino de Deus, com vista à conversão (cf. III, 3.). Mas, na missão pós-pascal, o conteúdo da proclamação deixa de ser o reino de Deus para ser a própria pessoa de Jesus²⁸¹ (cf. III, 3.2.). É que os discípulos compreendem, depois da Páscoa, e somente aí, que Ele é o «lugar» onde se manifesta plenamente o reino de Deus. De facto, o reino de Deus aproximou-se dos homens, porque Jesus se fez homem e se aproximou. Nele Deus reina verdadeiramente, já que Ele vive para fazer a vontade do Pai (14,36).

Além disso, se em 6,12 não se especifica o conteúdo da proclamação pré-pascal dos Doze, em 13,10 e 14,9, onde se fala da sua proclamação pós-pascal, o conteúdo é explícito. Trata-se de proclamar o evangelho por todo o mundo. Como já vimos, em Marcos, o evangelho identifica-se com a pessoa de Jesus (cf. 1,1; 8,35; 10,29). Deste modo, proclamar o evangelho é proclamar Jesus, os seus ditos e gestos, mas sobretudo a sua identidade. Não é

²⁸⁰ Cf. E. MANICARDI, *Il cammino di Gesù nel Vangelo di Marco*, 190.

²⁸¹ Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 252; S. GUIJARRO, *La primera evangelización*, 66.

transmitir uma doutrina ou uns pensamentos muito elaborados, mas sim proclamar uma pessoa: Jesus²⁸².

Assim sendo, a proclamação pós-pascal dos discípulos centra-se na mensagem de que Jesus é o Cristo e o Filho de Deus (1,1). Ele é, na verdade, o Messias salvador, que veio libertar o homem do domínio de Satanás. E pode fazê-lo porque é Filho de Deus. Como tal, batiza os homens no Espírito Santo (1,8) e insere-os no reino de seu Pai, tornando-os seus discípulos. Estes têm como exigência fundamental segui-lo e conhecê-lo, e também continuar a sua missão, agora centrada na identidade do próprio Jesus.

7.2. O Evangelho segundo Marcos

Marcos escreve a sua narrativa a partir do testemunho apostólico que recebeu. O facto de centrar o seu anúncio sobre Jesus na identidade do mesmo Jesus leva a pensar que era isso que marcava a proclamação pós-pascal dos discípulos. Na verdade, Marcos inicia e resume a sua obra com os títulos que, a seu ver, melhor expressam a natureza de Jesus: Cristo e Filho de Deus (1,1).

De facto, a questão da identidade do Senhor percorre todo o evangelho, ao mesmo tempo que a pessoa de Jesus é o centro de todo o relato. Desde que aparece em cena (cf. 1,9) até à sua morte (com exceção de 6,14-29), Jesus é sempre o personagem principal, em torno do qual giram todas as outras figuras. A introdução destes outros personagens no relato tem um claro objetivo cristológico: no confronto com eles, é Jesus quem se revela, através de uma atitude, de uma palavra, de um gesto.

Esta proclamação sobre Jesus possui, em Marcos, um sentido abarcante, pois inclui toda a história da salvação, iniciada no AT e plenamente cumprida na pessoa do Messias²⁸³.

²⁸² Cf. L. IWUAMADI, «*He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth*», 253.

²⁸³ Cf. O. MERK, «κηρύσσω», *DENT*, I, 2320.

Esta ideia é expressa na figura de João Batista, que faz a ponte entre o AT e o culminar da história da salvação em Jesus. O anúncio sobre Jesus inclui também a continuação da sua missão pelos discípulos, que devem proclamá-lo e dá-lo a conhecer.

Jesus é, pois, o centro da missão e, conseqüentemente, de toda a narrativa de Marcos, que, sublinhando a necessidade de entender a mensagem de Jesus no enquadramento da sua vida, e viceversa, mostra que é a vida de Jesus, na sua totalidade, que confere o sentido profundo aos seus ensinamentos e, conseqüentemente, à sua missão. Assim, a missão dos discípulos não é transmitir apenas uma mensagem doutrinal, mas a salvação atuada na vida, morte e ressurreição de Jesus²⁸⁴. Nele tudo se resume e condensa. Daí que o próprio Marcos sintetize a sua obra como «Princípio do evangelho de Jesus, Cristo, Filho de Deus» (Ἀρχὴ τοῦ εὐαγγελίου Ἰησοῦ Χριστοῦ υἱοῦ θεοῦ: 1,1).

8. Conclusão

A missão dos discípulos é a continuação da missão de Jesus e a consequência da comunhão de vida com Ele. Seguindo atrás do Mestre e estando com Ele, os discípulos vão aprofundando o conhecimento da identidade de Jesus, para que possam ser enviados a transmitir esse conhecimento existencial e vivencial a outros. A intimidade com Jesus é, pois, o fundamento da missão e também a recompensa da mesma.

Esta missão visa continuar as palavras e os gestos de Jesus no mundo, para que a sua salvação chegue a todos. Por isso, os discípulos são enviados, ainda durante a vida terrena de Jesus, a proclamar o reino de Deus, esperando que este anúncio desperte nos ouvintes o desejo de conversão, isto é, de conformação da sua vida a esta realidade da soberania de Deus. Como consequência desta proclamação, os discípulos, a exemplo de Jesus, expulsam os demónios e

²⁸⁴ Cf. CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 15-16.

curam os doentes. A diferença é que, na expulsão dos demónios, os discípulos experimentam as suas próprias incapacidades; e, na cura dos doentes, fazem-no de um modo especial, unguindo-os com azeite. Esta unção parece estar unida à oração, assumindo assim um significado simbólico e espiritual. Nesta luta contra o Mal, é, efetivamente, a oração que mantém a necessária relação entre os discípulos e o Mestre, para que aqueles possam colaborar na destruição do reino de Satanás, pela colaboração no crescimento do reino de Deus.

Mas a missão dos discípulos não conta só com a oposição das forças malignas. Sente também a hostilidade dos homens e mulheres do seu tempo, das autoridades judaicas e romanas, e até dos próprios familiares. O medo das retaliações, originado por estas controvérsias, bem como a incompreensão do caminho de Jesus, leva os discípulos a abandonarem-no na hora da sua paixão. Este abandono não termina, porém, com o seu discipulado, já que, depois da ressurreição, segundo a promessa do próprio Senhor, os discípulos são renovados na comunhão e na missão. A partir daí tem início a sua missão pós-pascal, centrada no anúncio da identidade de Jesus, Cristo e Filho de Deus, e que chega até ao leitor através de Marcos.

A missão de Jesus, antecipada por João Batista e prolongada pelos discípulos, é contínua: é, de facto, uma única missão, porque correspondente ao único desígnio de Deus, a salvação de todos os homens. Ainda assim, podem distinguir-se nela diferentes agentes humanos e, conseqüentemente, diferentes matizes. Deste modo, a missão dos discípulos, ao contrário da missão do Jesus terreno, conta com a pequenez da sua fé, com a fragilidade da sua vida e, por isso, com a necessidade de comunhão permanente com o Senhor. Ao mesmo tempo, o seu anúncio pós-pascal contém explicitamente a revelação da identidade de Jesus, compreendida plenamente à luz da Páscoa, e, portanto, um evangelho experimentado pessoalmente como salvação.

O conhecimento desta identidade de Jesus, transmitido pelos discípulos, deve chegar a todo o mundo, a todos os homens e mulheres de todas as épocas, e por isso deve continuar a ser proclamado na vida da Igreja. É neste contexto que Marcos escreve o seu evangelho, procurando dar a conhecer Jesus a uma comunidade. Mas, o seu relato não é apenas informativo. Antes, pretende despertar no leitor atitudes e ações, nomeadamente no que se refere à missão. Mas então, o que espera Marcos da comunidade para a qual escreve? A análise pragmática, que faremos de seguida, procurará responder a esta questão.

IV CAPÍTULO

O ANÚNCIO SOBRE JESUS: O DESAFIO AO LEITOR

A continuação da missão de Jesus não se esgota na missão levada a cabo pelos Doze, mas abrange também a missão dos discípulos de todos os tempos. Na verdade, o anúncio sobre Jesus deve ser permanentemente continuado pela Igreja. Marcos tem, por isso, a preocupação de despertar nos seus destinatários o ardor missionário, próprio dos seguidores de Jesus. Hoje, os discípulos somos nós. E a nossa realidade, fundamentalmente, não é assim tão diferente daquela em que viveu a comunidade de Marcos. Por isso, o apelo ao discipulado e à missão permanece bastante atual.

Neste sentido, é importante perceber melhor quem é a comunidade de Marcos, quais as suas características e composição. Este é o ponto de partida necessário para a compreensão da pragmática, isto é, do objetivo pelo qual Marcos escreve a sua obra. Sem conhecer os destinatários da obra, nunca se poderá entender o que o autor espera deles.

Num segundo momento, veremos como a caracterização dos personagens é feita tendo em conta a pragmática do texto, ou seja, como Marcos apresenta os personagens de modo a que o leitor os tome como modelo ou os rejeite, no sentido de adotar os seus comportamentos ou deles se afastar. Concretamente veremos o papel pragmático que desempenham, por um lado, os Doze e, por outro, os personagens menores.

Por fim, falaremos daquela que nos parece ser a virtude principal que Marcos espera que o leitor viva profundamente: a fidelidade a Jesus, no discipulado e, portanto, na missão.

1. A comunidade de Marcos

Embora alguns autores considerem que os evangelhos foram escritos para a instrução da Igreja em geral, como que encíclicas dirigidas a várias comunidades eclesiais, a maioria defende que se trata de obras para comunidades particulares, cujas características influem na compreensão destes textos bíblicos²⁸⁵. Na verdade, há ideias, conceitos e expressões, cujo significado era evidente para as pessoas concretas a quem os evangelhos se dirigiam, não necessitando assim de explicação, e que hoje para serem entendidas exigem a tentativa de reconstrução das comunidades para quem estes relatos foram escritos.

No caso concreto de Marcos, é consensual que a sua narrativa se dirige a uma comunidade particular, à qual ele próprio pertence. Tal afirmação pode justificar-se, antes de mais, pelo anonimato do evangelho, pois sendo o autor conhecido da comunidade não precisava de ser mencionado. Mais ainda, a referência única, em 15,21, a Alexandre e Rufo, filhos de Simão de Cirene, dá conta de que estes eram conhecidos da comunidade de Marcos e, ao mesmo tempo, de que eram provavelmente desconhecidos das restantes igrejas, já que Mateus e Lucas omitem esta alusão. Por outro lado, o discurso escatológico de Mc 13 entende-se melhor, como veremos de seguida, se dirigido a uma comunidade concreta, sediada numa localidade particular²⁸⁶.

Creemos, portanto, que esta aproximação à comunidade de Marcos é necessária e essencial. Sem ela, não se pode compreender o conteúdo do evangelho, nem os seus temas, nem os seus pormenores. Na base da interpretação de um relato evangélico, está o *sitz im leben* em que este surgiu. Desconhecer o contexto vital por completo é tornar inviável o entendimento do sentido profundo do evangelho e usá-lo para justificar ideias próprias.

Vamos, pois, apresentar, ainda que brevemente, as possibilidades de constituição e localização geográfica da comunidade de Marcos, para depois podermos identificar e

²⁸⁵ Cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 42-45.

²⁸⁶ Cf. *Ibidem*, 41; B. VAN IERSEL, *Marco: La lettura e la risposta*, 27.

sintetizar as suas características fundamentais. A partir da experiência desta comunidade, e da forma como vivia o seu seguimento de Jesus e a continuação da sua missão, compreenderemos melhor o relato de Marcos e o desafio que este quer fazer ao leitor.

1.1. Uma comunidade romana ou síria?

O testemunho de Papias, que chegou até nós através da *História Eclesiástica*, de Eusébio, fala de Marcos como discípulo de Pedro, que colocou por escrito aquilo que ouviu do apóstolo. Mais ainda, Papias dá entender que o relato de Marcos foi escrito em Roma, depois da morte de Pedro, que terá sofrido o martírio por volta de 64 d.C., durante as perseguições de Nero. Assim, Marcos dataria dos finais dos anos 60 ou princípios dos anos 70 d.C.²⁸⁷.

Se se comparar Mc 13 com os acontecimentos históricos ocorridos no Império Romano, na década de 60-70, vê-se que podem existir grandes correspondências²⁸⁸. Além disso, a exortação a dar testemunho diante de governadores e reis (13,9) e a advertência de que os cristãos seriam entregues por membros da própria família (13,12s) ganhariam sentido em contexto romano, onde, segundo Tácito, os cristãos foram acusados por Nero como culpados do incêndio de Roma e eram denunciados por outros companheiros cristãos²⁸⁹.

²⁸⁷ Cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 37 e 47; B. VAN IERSEL, *Marco: La lettura e la risposta*, 24-25; G. PEREGO, *Vangelo secondo Marco*, 29-31.

²⁸⁸ Cf. B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 20-21; B. VAN IERSEL, *Marco: La lettura e la risposta*, 34-35. Nos anos 60 e 63, houve terremotos (cf. 13,8); foram documentadas perseguições em Jerusalém (durante as quais, foram assassinados Estêvão, no ano 37, e Tiago, no ano 62) e em Roma (sob Nero, no ano 64, em que morreram Pedro e Paulo) (cf. 13,9-13); houve várias «guerras e rumores de guerras» (cf. 13,7-8): em 62, a derrota de Roma pelos Partos; em 68, a guerra civil, depois da morte de Nero; e em 66-73, a guerra judaico-romana: cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 47-48. Neste contexto, a «abominação da desolação» (13,14), expressão que remete para Dn 9,26s; 11,31-33; 12,11, e que se refere à estátua do deus sírio *Baal Chamayim* que, em 167 a.C., Antíoco IV Epifânio ordenou que se colocasse no templo de Jerusalém, pode, em 13,14, fazer referência ao facto de Calígula ter também mandado colocar uma estátua sua no templo, por volta de 39-42 d.C.: cf. CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 157, nota g; B. VAN IERSEL, *Marco: La lettura e la risposta*, 40.

²⁸⁹ Cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 48-50.

Tendo em conta que a presença hebraica em Roma não era muito antiga (provavelmente à volta do séc. I a.C.) e que uma grande percentagem dos hebreus eram economicamente pobres e privados de educação literária, Marcos escreve o seu evangelho numa linguagem simples e acessível. De facto, o latim era a língua da administração do Império, mas o grego era a língua do comércio e que quase todos os estrangeiros sabiam falar. Comparando as inscrições desse tempo com o grego de Marcos, os estudiosos encontram muitas semelhanças. Contudo, a simplicidade da linguagem não diminui em nada a qualidade da composição. Marcos organiza muito bem o seu texto, e adota intencionalmente uma linguagem simples, perceptível até ao menos letrado, e que corresponde ao grego falado em Roma no séc. I d.C.²⁹⁰. Acresce a este argumento a favor da proveniência romana de Marcos a utilização de múltiplos latinismos²⁹¹.

Contudo, há autores, entre eles J. Marcus, que defendem a localização síria da comunidade de Marcos²⁹². De facto, a perseguição de Nero, em 64 d.C., é a mais bem documentada, mas não é a única. Ora, os acontecimentos que o capítulo 13 deixa entrever podem muito bem estar relacionados com a guerra judaico-romana, entre 66-73 d.C.²⁹³. O

²⁹⁰ Cf. B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 21-23.

²⁹¹ Marcos usa latinismos quer transcrevendo para grego palavras latinas correntes (4,21; 5,9.15; 6,27.37; 7,4; 12,14.42; 15,15s.39), quer traduzindo literalmente palavras latinas (3,6; 7,3), quer ainda transpondo para grego macarrónico expressões idiomáticas latinas (2,23; 5,23; 10,33; 14,65; 15,15.19); coloca o verbo na frase de acordo com a estrutura sintática latina; parece empregar a conjunção *iva* com o sentido não-final do *ut* latino; menciona costumes tipicamente romanos, como a possibilidade de a mulher se divorciar do marido (10,11s); explica costumes tipicamente judaicos, como lavar as mãos, os copos, os vasos, os utensílios de cobre e as camas (7,3s); indica a naturalidade da mulher «sirofenícia» (7,26), o que seria desnecessário em contexto palestiniano: cf. S. GUIJARRO, *Los Cuatro Evangelios*, 267; B. STANDAERT, *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita*, 18-20; B. VAN IERSEL, *Marco: La lettura e la risposta*, 27-29; G. PEREGO, *Vangelo secondo Marco*, 32.

²⁹² Segundo Marcus, os latinismos, entre os quais se destacam os de 12,42 e 15,16, parecem não substituir termos orientais, mas antes explicar palavras gregas imprecisas por outras latinas mais precisas. Também a designação étnica de 7,26 talvez não procure identificar uma parte específica da Fenícia (informação necessária para um romano), mas sim uma região da Síria (informação necessária para um sírio), já que esta se dividia em duas partes – a parte fenícia e a parte da Cele-Síria: cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 50-56.

²⁹³ Entre os acontecimentos da guerra judaico-romana, podem destacar-se a destruição do templo, por volta do ano 70, que marca o final da guerra (cf. 13,1s); a entrega a «concílios», as flagelações nas sinagogas e os juízos perante os «governadores e reis» (cf. 13,9); a «abominação da desolação», que, tal como em Daniel se referia à profanação do templo em ambiente de guerra, neste contexto parece indicar a profanação e destruição do templo, sob Tito (cf. 13,14) (cf. CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 157, nota g; B. VAN IERSEL, *Marco: La lettura e la risposta*, 40); e a aparição de falsos messias e profetas (cf. 13,6.21s). Assim, ganharia sentido a afirmação de Jesus, em 11,17, de que o templo, que devia ser «casa de oração para todos os povos» (cf. Is 56,7), se tornou num «antro de salteadores» (cf. Jr 7,11). Marcos condenaria, deste modo, os revolucionários zelotas, sob a alçada de Eleazar, que, em 67-68 d.C., estabeleceram o seu centro de comando no interior do templo. Por outro lado, o surgimento, durante o período da guerra, de líderes que se apresentavam como messias davídicos parece estar de acordo com a profecia de que viriam falsos messias e profetas (cf. 13,6.21s). Neste sentido,

profundo conhecimento do decurso desta guerra pode levar a pensar que Marcos foi escrito nas proximidades geográficas da Palestina. Embora alguns autores apontem a Galileia como lugar onde se situava a comunidade de Marcos, hoje em dia uma grande parte defende que o evangelho foi redigido na província romana da Síria, contígua à Palestina e próxima da Galileia²⁹⁴. O facto da guerra na Palestina se ter expandido até à Síria concordaria com a ênfase que o evangelho coloca no tema da perseguição²⁹⁵.

Situando-se a comunidade de Marcos na Síria, não deixa de estar envolta pelo contexto sociopolítico do Império Romano. Tal facto justificaria a utilização da língua grega, ainda que com expressões e construções gramaticais semíticas²⁹⁶. O próprio uso do substantivo *evangelho*, que, como vimos (cf. I, 1.1.), estava ligado ao contexto da propaganda imperial, manifesta a relação da comunidade com o Império, de tal modo que Marcos se apresenta como uma alternativa à ideologia do reino de Roma²⁹⁷. Marcos olha, portanto, para o Império Romano desde a periferia, se se aceita que o seu contexto é a província romana da Síria. Esta proximidade geográfica à Palestina justificaria o conhecimento que Marcos possui da configuração social da mesma²⁹⁸.

Ao mesmo tempo, o facto de esta região ser predominantemente gentia justificaria o interesse de Marcos em dirigir a missão de Jesus e dos discípulos também aos gentios, e em

Marcos, umas vezes, atribui a Jesus o título «Filho de David» (10,47s; 11,9s), outras vezes, rejeita-o (12,35-37), mostrando assim que Jesus é o Messias davidico que veio libertar o povo de Israel, mas não do modo que o povo esperava. Jesus supera, pois, as expectativas e redimensiona o messianismo, ainda que o povo, inclusive os discípulos, nem sempre o compreendam (cf. 8,33).

²⁹⁴ Cf. G. PEREGO, *Vangelo secondo Marco*, 32.

²⁹⁵ Embora a guerra judaico-romana não tenha tido como alvo os cristãos, sabe-se que a dicotomia entre judeus e gentios afetou as comunidades cristãs, porquanto estas eram constituídas por membros dos dois grupos. Por outro lado, a guerra na Palestina chegou até à Síria, onde se levaram a cabo repetidos massacres de judeus por parte de gentios, e viceversa. Os cristãos, que eram vistos como um grupo que se encontrava no meio, entre os judeus e os gentios, converteram-se em objeto de perseguição por ambas as partes: cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 55.

²⁹⁶ Também a menção do partido dos herodianos (3,6; 6,14-29), a controvérsia sobre o pagamento dos impostos, própria de regiões submetidas (12,13-17), bem como a intervenção de Pôncio Pilatos, prefeito romano, na paixão e morte de Jesus (15,1-20), parecem provar que a comunidade Marcos se situa na periferia do Império Romano.

²⁹⁷ Cf. S. GUIJARRO, *Los Cuatro Evangelios*, 270-271; E. VAN ECK, «Mission, identity and ethics in Mark», 2-4 e 6.

²⁹⁸ Marcos conhece os grupos religiosos presentes na Palestina, de tal modo que distingue os doutores da lei, líderes intelectuais do partido fariseu (2,16), dos demais fariseus (2,18.24; 7,1-5); sabe que os escribas vêm de Jerusalém, lugar onde são formados (3,22); refere os saduceus, os «chefes dos sacerdotes», unicamente em Jerusalém, já que estes estão ligados ao templo (11,18.27; 14,1); menciona os herodianos, partidários de Herodes (3,6; 12,13): cf. S. GUIJARRO, *Los Cuatro Evangelios*, 271-273.

acentuar a necessidade da unidade e da comunhão entre os cristãos vindos do judaísmo e do paganismo (cf. 4,35-5,20; 7,24-8,10; 8,13-9,29). Para que a convivência fosse pacífica, os judeocristãos tiveram que se afastar de algumas normas de pureza ritual, expressas nas controvérsias galileias (2,1-3,6), das quais se destacam as regras relacionadas com a comida (2,13-28). Só assim era possível a existência de uma comunidade mista. Na verdade, a missão de Jesus e dos discípulos destina-se tanto a judeus como a pagãos. Isto fica bem visível no duplo relato da multiplicação dos pães, sendo que no primeiro (6,34-44) Jesus alimenta os judeus, e no segundo (8,1-10) alimenta os pagãos (cf. II, 5.2.). Entre as duas multiplicações dos pães, surge a declaração de Jesus de que todos os alimentos são puros (7,1-23), bem como o episódio da mulher sirofenícia (7,24-30) que faz compreender que o ministério de Jesus se destina tanto aos judeus (filhos) como aos pagãos (cachorrinhos)²⁹⁹. Assim, Marcos parece ter um horizonte pragmático bem identificado: se Jesus não exclui ninguém da sua obra salvífica, também a comunidade há de saber integrar e unir no seu seio todos os cristãos, independentemente do seu passado religioso.

1.2. Uma comunidade perseguida

Por tudo o que acabámos de dizer, emerge como característica fundamental da comunidade de Marcos o facto de ser uma comunidade perseguida. Embora a palavra *perseguição* (διωγμός) surja apenas duas vezes em Marcos (4,17; 10,30), um olhar atento às temáticas, à organização de perícopes, às repetições e aos acrescentos mostram que este evangelho se dirige a uma comunidade marcada pela perseguição (cf. III, 5.). A primeira ocorrência é na explicação da parábola do semeador (4,13-20). A segunda ocorrência é um acrescento próprio de Marcos à perícope sobre a recompensa pelo desprendimento (10,28-31;

²⁹⁹ Cf. S. GUIJARRO, *Los Cuatro Evangelios*, 275-276.

cf. Mt 19,29; Lc 18,30). Nela, Marcos situa as perseguições «já neste tempo», e contrapõe-lhes a vida eterna «no tempo que há de vir». A identificação das perseguições com o tempo presente indica que estas não são apenas uma realidade potencial, mas acima de tudo uma realidade atual³⁰⁰.

Mas além disto, há outros factos que apontam para uma comunidade marcada pela hostilidade. Os capítulos 4 e 13, que formam como que uma inclusão, já que se encontram um quase no início do evangelho e outro quase no fim, correspondem-se em vários pontos: a preocupação com o destino da palavra (4,14-20; 13,10s), a necessidade da vigilância (4,21-25; 13,5.23.33-37), o simbolismo da ceifa (4,26-29; 13,26s) e o sofrimento que os discípulos de Jesus terão de suportar (4,16-17; 13,9-13)³⁰¹.

É, com efeito, o capítulo 13 o que mais denota a perseguição a que a comunidade de Marcos está sujeita. Os discípulos são convidados a tomar cuidado e a estar vigilantes (13,9.23.33.35), a testemunhar Jesus diante de governadores e reis (13,9), e são advertidos de que serão entregues pelos próprios familiares (13,12) e odiados por causa do nome de Jesus (13,13) (cf. III, 5.2.). É interessante notar também a atualização que Marcos faz da passagem de Dn 12,1: «Será este um período de angústia tal, que não terá havido outro semelhante desde que existem nações *até àquele tempo* (ἕως τοῦ καιροῦ ἐκείνου)» é alterado para «pois esses dias serão de uma tribulação tal, como não aconteceu desde o princípio da criação, que Deus fez, *até agora* (ἕως τοῦ νῦν)» (13,19). O *aquele tempo* escatológico de Daniel é o *agora* da comunidade de Marcos.

Por outro lado, também a dinâmica do segredo messiânico pode estar relacionada com as perseguições³⁰². A identidade de Jesus não deve ser revelada, nem pelos discípulos (8,30), nem por aqueles que são curados por Ele (1,44; 5,43; 7,36), nem pelos demónios, que o conhecem (1,25.34). Muitos dos seus ensinamentos dirigem-se unicamente aos discípulos (4,10-25.34; 7,17-23; 9,28-29.33-37; 10,10-12), e alguns deles apenas aos três ou quatro

³⁰⁰ Cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 46-47.

³⁰¹ Cf. *Ibidem*, 46.

³⁰² Cf. *Ibidem*, 47.

discípulos mais próximos (9,2-10; 13,3-37). De facto, a comunidade deve ser prudente quanto ao que transmite a outros, não dando azo a más interpretações. Pois, na origem das perseguições estão, muitas vezes, mal entendidos.

Por fim, a perseguição que Jesus suporta, e que desemboca na sua paixão e morte, denuncia e ilumina o clima de perseguição que a comunidade vive. Assim, o relato de Marcos converge para a paixão, morte e ressurreição de Jesus (capítulos 14-16), cujo anúncio marca a secção central do evangelho (8,31-33; 9,30-31; 10,32-34). A estes anúncios da paixão e ressurreição de Jesus correspondem profecias de perseguição dos discípulos (8,34-38; 9,41-48; 10,17-31.38s)³⁰³. Jesus é, pois, o modelo e o exemplo de como os discípulos devem suportar os sofrimentos. A verdade, no entanto, é que Jesus permanece fiel até à morte, ao passo que os discípulos o abandonam na hora derradeira.

1.3. Conclusão

Embora não se possa afirmar com certeza a localização geográfica nem as características da comunidade de Marcos, parece-nos razoável defini-la como uma comunidade perseguida. As perseguições «abstratas» que o evangelho apresenta podem encontrar a sua concretude em acontecimentos ocorridos quer em Roma, quer na Palestina. Não há, pois, dados suficientes para tomar partido seguro por nenhuma delas, nem para, a partir delas, apontar com segurança se o relato de Marcos foi escrito em Roma ou na Síria.

A comunidade de Marcos vive, pois, num contexto de perseguição e de confronto, onde a fidelidade ao discipulado é vivida com dificuldades, o que se acentua no que respeita ao testemunho missionário. Efetivamente, não é fácil ser cristão nem declarar-se como tal, quando, para isso, tem que se colocar em risco a própria vida. Pode, por isso, presumir-se que

³⁰³ Cf. J. MARCUS, *El Evangelio según Marcos*, I, 46.

a tentação da redução ao silêncio seria muito forte, daí a forma como termina o texto original do evangelho: «tinham medo, pois...» (16,8). Era, portanto, preciso superar essa tentação, proclamando corajosamente o evangelho. Mas de que modo dá Marcos a entender esta necessidade de viver a missão própria dos discípulos de Jesus?

2. Os personagens

Marcos nunca diz explicitamente o que espera do leitor, mas procura que este se sinta envolvido na narrativa, levando-a a tomar posições e a agir em conformidade com as mesmas. Para tal, serve-se dos elementos básicos de um relato, que são o cenário, os personagens e a trama, conferindo-lhes valores simbólicos e finalidades pragmáticas. Assim, os lugares, as características dos personagens, bem como o desenrolar dos seus comportamentos e ações, pretendem, no fundo, levar o leitor a refletir e a optar diante da situação apresentada³⁰⁴.

Neste momento, queremos dedicar-nos aos personagens e à trama, na medida em que esta reflete as relações entre os vários personagens. De facto, é a eles que Marcos utiliza para propor exemplos ou para guiar o leitor acerca de como se deve, ou não deve, seguir Jesus e continuar a sua missão³⁰⁵. Importa, com efeito, distinguir dois tipos de personagens: aqueles que são apresentados como modelo de discipulado missionário, como acontece com os Doze; e aqueles que, não sendo necessariamente discípulos e/ou missionários, orientam o leitor, dando-lhe perspetivas corretas acerca da vida discipular e da missão, como é o caso dos personagens menores. Vejamos como estes dois tipos de personagens, ainda que de modos diferentes, estruturam a pragmática de Marcos, desafiando o leitor a um caminho de seguimento e de conversão, sem o qual não pode haver verdadeira missão.

³⁰⁴ Cf. S. GUIJARRO, *El camino del discípulo: Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2015, 18-21.

³⁰⁵ Cf. P. MASCILONGO, *I personaggi della Passione: nei tre Vangeli sinottici*, Edizioni San Paolo, Milão, 2015, 43; D. RHOADS; J. DEWEY; D. MICHIE, *Marcos como relato*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2002, 144.

2.1. Os Doze

O relato inicia com uma visão «ingénua» da vida discipular. Na verdade, os Doze³⁰⁶, no princípio, respondem imediata e generosamente ao chamamento do Mestre, deixam tudo para trás para o seguir, recentram a sua existência numa comunhão de vida com o Senhor, são-lhes explicados os mistérios do reino e partilham a missão de Jesus. O leitor, perante tal apresentação, identifica-se com os Doze e vê neles um modelo de discípulos a imitar.

Mas, com o decorrer da narração, os Doze vão progressivamente afastando-se desta imagem idílica da vida discipular. Surgem as incompreensões acerca da identidade e do caminho de Jesus, e do papel dos Doze na nova família dos seguidores de Cristo. De facto, a sua conceção acerca do Messias precisa de ser purificada, para depois ser proclamada, como missão, a verdadeira identidade de Jesus. Ora, o leitor, que até aqui se tinha identificado com eles, começa agora a questionar-se se estes serão verdadeiramente exemplos a repercutir. Se os discípulos do relato encarnam o ideal de discípulo que tem o leitor, esta reviravolta na narração fará com que este se pergunte se a ideia de seguimento que tem é adequada³⁰⁷. Ao mesmo tempo, o leitor pode rever-se neste caminho de purificação que tem de fazer em relação à sua cristologia, para poder anunciar Jesus na sua verdadeira identidade e missão.

Acontece que as dificuldades dos Doze em seguir o Mestre vão ainda mais além, e culminam de forma drástica na hora da paixão de Jesus. Judas trai-o, Pedro nega-o e os restantes discípulos abandonam-no. De facto, os Doze não são capazes de renunciarem a si mesmos, de tomarem a sua cruz e de seguirem o Senhor. Ainda assim, Jesus não deixa de os instruir pacientemente, revelando-lhes ensinamentos que só entenderão depois da ressurreição, e de lhes renovar o convite à comunhão e à missão. O leitor, que vinha já

³⁰⁶ Para uma descrição pormenorizada dos Doze enquanto personagens, cf. D. RHOADS; J. DEWEY; D. MICHIE, *Marcos como relato*, 169-177.

³⁰⁷ Cf. S. GUIJARRO, *El camino del discípulo*, 57.

distanciando-se do modelo discipular dos Doze, rompe agora por completo a imagem heróica que formara deles³⁰⁸.

No entanto, deve reconhecer, a bem da verdade, que os Doze, apesar das incompreensões, traições, negações e abandonos, também seguiram Jesus, ainda que não de forma totalmente exemplar. Sendo a comunidade de Marcos uma comunidade perseguida, é natural que também sofra as dificuldades que os discípulos sofreram, sinta as incompreensões que os Doze sentiram, traia, negue e abandone Jesus tal como os apóstolos o fizeram. De facto, tal como os Doze, por medo e cobardia, romperam com o seguimento e com a continuação da missão de Jesus, também a comunidade, sentindo-se pressionada por diversas hostilidades, se vê tentada a fazer o mesmo. O leitor pode, pois, reconhecer nos discípulos as suas próprias dificuldades e aprender com os seus fracassos, não desanimando mas abrindo-se à esperança da reconciliação³⁰⁹. Também o leitor, depois da queda e da infidelidade, é chamado a regressar de novo à Galileia.

No fundo, o leitor, ao distanciar-se dos Doze e ao relativizar a sua forma concreta de seguimento, abre-se a outras formas possíveis de discipulado. É que não existe uma única forma de ser discípulo. Ainda que o caminho seja o mesmo (atrás de Jesus), a sua concretização permite modos diferentes de seguimento. É o que nos mostram os personagens menores. Colocados quase que em oposição aos Doze, estes personagens, sendo secundários no relato, revelam características essenciais do discipulado. Estes sim, cada um à sua maneira, encarnam valores próprios da vida discipular e da missão³¹⁰.

³⁰⁸ Cf. J. ORNELAS CARVALHO, *Caminho de morte, destino de vida*, 373 e 376-377.

³⁰⁹ Cf. S. GUIJARRO, *El camino del discípulo*, 80; B. VAN IERSEL, *Marco: La lettura e la risposta*, 43-44; D. RHOADS; J. DEWEY; D. MICHIE, *Marcos como relato*, 177-178; G. BONIFACIO, *Personaggi minori e discepoli in Marco 4-8: La funzione degli episodi dei personaggi minori nell'interazione con la storia dei protagonisti*, Editrice Pontificio Istituto Biblico, Roma, 2008, 27.

³¹⁰ Cf. S. GUIJARRO, *El camino del discípulo*, 81; G. BONIFACIO, *Personaggi minori e discepoli in Marco 4-8*, 60-61.

2.2. Os personagens menores

Ao longo do relato, o leitor encontra uma série de personagens menores, que encarnam atitudes tipicamente discipulares. Vejamos, por exemplo, a sogra de Pedro, que se coloca ao serviço (1,31); o endemoniado de Gerasa, que se torna o primeiro enviado de Jesus (5,19s); Jairo e a mulher que sofria de hemorragias, que se aproximam de Jesus com uma fé incondicional (5,22s.27s); a mulher sirofenícia, que compreende melhor que os discípulos que o reino de Deus é também para os pagãos (7,28); o cego Bartimeu, que, iluminado por Jesus, segue-o no caminho (10,52); a viúva, que entrega tudo o que possui (12,42.44); a mulher que unge Jesus em Betânia (14,3); Simão de Cirene, que carrega a cruz de Jesus (15,21); o centurião, que proclama Jesus como Filho de Deus (15,39); as mulheres que tinham subido com Jesus para Jerusalém (15,41); José de Arimateia, que pede a Pilatos o corpo de Jesus para lhe dar sepultura (15,43.46); e as mulheres que testemunham a morte, a sepultura e a ressurreição de Jesus (15,40.47; 16,1-8).

Note-se que estes personagens menores são na sua maioria mulheres, quase todas anónimas. O anonimato é, pois, uma forma de levar o leitor a identificar-se com estes personagens, adotando as suas características discipulares. Eles oferecem-lhe pistas de como se pode avançar no seguimento de Jesus, quando os Doze fracassam³¹¹.

De entre estes personagens menores, Santiago Guijarro destaca três – a mulher sirofenícia, o cego Bartimeu e a mulher que unge Jesus em Betânia – como aqueles que diante das incompreensões dos discípulos se apresentam como modelos de verdadeiro discipulado. Assim, perante as incompreensões do episódio dos pães (6,52), do ensinamento sobre os alimentos puros e impuros (7,18) e da segunda multiplicação dos pães (8,17-21), Marcos mostra como a mulher sirofenícia (7,26) é capaz de entender aquilo que os discípulos não conseguem compreender: não há alimentos impuros, pelo que não há motivo para a separação

³¹¹ Cf. S. GUIJARRO, *El camino del discípulo*, 88-89; P. MASCILONGO, *Il discepolato nel Nuovo Testamento*, 40-41.

à mesa entre judeus e pagãos; todos são alimentados por Jesus³¹². A sua atitude suplicante é um dos traços característicos do estilo de discipulado que o relato de Marcos propõe³¹³. Ora, também a comunidade de Marcos parece estar composta por cristãos vindos do judaísmo e do paganismo, sentindo também eles as mesmas dificuldades que os discípulos sentiram na harmonização destes dois grupos num só. Marcos convida-os, portanto, à semelhança da mulher sirofenícia, a compreenderem e aceitarem a universalidade da salvação, e a dirigirem a sua missão tanto a judeus como a pagãos, à semelhança do que Jesus fez.

Também Bartimeu é apresentado em contraposição às incompreensões dos discípulos sobre a verdadeira identidade de Jesus (8,32), sobre o verdadeiro serviço (9,33s) e sobre o verdadeiro poder (10,35-37). A situação inicial em que se encontra Bartimeu é a mesma em que se encontram muitos dos discípulos a quem o evangelho se destina: cegos, à beira do caminho, concebendo Jesus como Filho de David. Mas, ao contrário dos Doze, Bartimeu reconhece a sua incapacidade para realizar por si mesmo a cura de que necessita e adota uma atitude suplicante, tal como a mulher sirofenícia. Esta atitude alcança-lhe de Jesus a cura desejada e torna-o seu verdadeiro discípulo, seguindo-o no caminho da cruz. Este caminho, humanamente falando, é algo impossível de percorrer, apoiado nas próprias forças. Também a missão do leitor será estéril, se não for fundada no seguimento, na comunhão e na intimidade com o Mestre. Bartimeu convida, assim, o leitor a não pensar como os homens, mas como Deus (8,33), na certeza de que isso é um dom que só Ele pode conceder³¹⁴.

Por último, em oposição a Judas, que trai Jesus (14,10s.18-21.43-46), a Pedro, que o nega (14,26-31.66-72), e aos restantes discípulos, que o abandonam (14,50), surge a mulher que unge Jesus em Betânia, e cujo gesto é tão importante que é vinculado, pelo próprio Jesus, à proclamação do evangelho (14,9). De facto, ela unge a cabeça de Jesus não só em sinal de hospitalidade, mas também com o simbolismo da unção que os profetas faziam ao novo rei, descendente de David (1Sm 9,16; 10,1), que recebia o nome de «Ungido (Messias) do

³¹² Cf. G. BONIFACIO, *Personaggi minori e discepoli in Marco 4-8*, 187.

³¹³ Cf. S. GUIJARRO, *El camino del discípulo*, 91-93.

³¹⁴ Cf. *Ibidem*, 95-97, onde afirma que: «Pensar como Dios es algo que solo Dios puede conceder».

Senhor» (1Sm 24,7; 26,16; 2Sm 1,14.16). Ao contrário dos Doze, a mulher de Betânia compreende o verdadeiro messianismo de Jesus, pois como o próprio afirma: «antecipou-se a ungir o meu corpo para a sepultura» (14,8). Na verdade, o messianismo de Jesus está unido à sua morte na cruz. É lá, onde entrega a sua vida, que Ele se revela plenamente como o Cristo, que veio libertar o seu povo. Também o leitor se vê perplexo diante do messianismo de Jesus, pelo que precisa de seguir o exemplo desta mulher, para perceber verdadeiramente quem é Jesus e assim segui-lo plenamente³¹⁵. Sem isto, nunca o poderá proclamar, já que o anúncio brota da experiência pessoal de Cristo morto e ressuscitado.

No final do relato, surgem três mulheres, que Marcos identifica como Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago Menor e de José, e Salomé, que tinham seguido e servido Jesus, quando estava na Galileia, e que, juntamente com muitas outras, tinham vindo com Ele para Jerusalém (15,40s). Até aqui, o leitor desconhecia a sua existência; agora, sabe que, a par dos Doze, havia um grupo de mulheres que já seguiam Jesus na Galileia. Este dado novo permite-lhe perceber que, na ausência dos Doze, há alguém que pode fazer a ligação entre o ministério de Jesus na Galileia e a sua paixão, e testemunhar a história completa da missão de Jesus³¹⁶. De facto, estas mulheres presenciam e contemplam os acontecimentos centrais do mistério pascal do Senhor, ou seja, os três momentos que constituem o *kérygma*: observam de longe a sua morte (15,40), observam a sua sepultura (15,47), e veem o jovem vestido de branco que lhes anuncia a ressurreição e lhes atribui a missão de dizer aos discípulos que Jesus vai à frente deles para a Galileia (16,5-7). Na verdade, elas poderiam ser as melhores testemunhas da ressurreição, já que acompanharam todo o ministério de Jesus. Mas, Marcos volta a surpreender o leitor, ao afirmar que as mulheres fogem do sepulcro e não contam nada a ninguém, por medo (16,8). O leitor, que até então via nas mulheres um exemplo de seguimento discreto e serviçal a imitar, percebe agora que também elas não são um modelo

³¹⁵ Cf. S. GUIJARRO, *El camino del discípulo*, 99-100.

³¹⁶ Cf. *Ibidem*, 101; P. MASCILONGO, *I personaggi della Passione*, 174-175.

perfeito de discipulado nem de missão³¹⁷. O silêncio das mulheres, bem como o final truncado do relato (ἐφοβοῦντο γάρ: «tinham medo pois...»), convidam o leitor a não cair na mesma tentação, a não se deixar tolher pelo medo, ainda que a perseguição espreite por perto, mas a prosseguir a narrativa, proclamando ele, com desassombro, o *kérygma*, a boa nova que recebeu de Jesus, e continuando assim a sua missão³¹⁸.

2.3. Conclusão

Através dos vários personagens que insere no relato, Marcos procura oferecer ao leitor pistas, orientações, exemplos das atitudes que um verdadeiro discípulo deve adotar e daquelas que não são consentâneas com a vida discipular. Neste sentido, no início do relato, o leitor encontra nos Doze um modelo a imitar. Mas à medida que a narrativa se desenrola, os Doze vão afastando-se progressivamente do ideal de discipulado e, conseqüentemente, de missão. É aqui que ganham relevância os personagens menores, na sua maioria mulheres, que numa primeira leitura passam como que despercebidos, mas que, na verdade, assumem um lugar importante no relato, porquanto refletem alguns traços característicos do que é ser discípulo missionário.

No entanto, nenhum dos personagens, maiores ou menores, apresenta um modelo fechado e perfeito de discipulado. O leitor vai assim tomando consciência de que o essencial é que cada um, na sua situação concreta, percorra o caminho de Jesus, seguindo atrás dele e fazendo a vontade de Deus³¹⁹, e continue a sua missão, proclamando o evangelho, ainda que, para isso, coloque em risco a própria vida, mas na certeza de que «aquele que quiser salvar a sua vida há de perdê-la, mas aquele que perder a sua vida por causa de mim e do evangelho há

³¹⁷ Cf. S. GUIJARRO, *El camino del discípulo*, 102-103.

³¹⁸ Cf. CEP, *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, 168, nota b.

³¹⁹ Cf. S. GUIJARRO, *El camino del discípulo*, 103-105.

de salvá-la» (8,35). Marcos desafia, assim, o leitor a levar a cabo uma missão aberta a toda a humanidade, fundada no seguimento de Jesus e no pleno conhecimento da sua pessoa.

3. A fidelidade a Jesus

Dando-se conta de que os personagens da narração são modelos parciais do que é ser discípulo, o leitor encontra um personagem, este sim, que é modelo definitivo a seguir: Jesus! Ele é o personagem principal do relato e o exemplo de como se pode viver em total obediência ao Pai. Ser seu discípulo não é mais que imitá-lo, respondendo ao seu chamamento para o seguir, configurando-se com ele, com o seu projeto, com o seu caminho e com a sua missão.

Isto significa que se há de partilhar das suas alegrias, mas também das suas contrariedades. E foi isto mesmo que a comunidade de Marcos experimentou. Tal como Jesus teve de lidar com a oposição dos líderes religiosos e políticos de então, também esta comunidade se viu perseguida por causa da sua fé. E tal como Jesus não se desviou do seu caminho, mesmo sabendo o que o esperava, também a comunidade de Marcos, e cada um dos seus leitores, é convidada a permanecer fiel, consciente de que esta fidelidade/perseverança é o caminho para a salvação (13,13).

3.1. No seguimento

É provável que o discipulado dos destinatários de Marcos tenha tido um percurso semelhante ao dos Doze. Também aqueles começaram por seguir Jesus, numa entrega total e generosa, radical e livre. Contudo, as perseguições que se começaram a sentir, cada vez de

modo mais intenso, levaram, provavelmente, muitos a trair, a negar e a abandonar a sua fé, enquanto outros preferiram sofrer uma morte violenta, permanecendo assim fiéis a Jesus.

Neste contexto de perseguição e, portanto, de dificuldade em viver o discipulado, Marcos apresenta uma perspectiva de vida discipular que consiste no seguimento de Jesus de modo total, isto é, inclusive na sua paixão e morte. Como já tantas vezes o dissemos, o caminho do discípulo não pode ser diferente do caminho do Mestre. Seguir Jesus é, pois, ir atrás dele, pisando as suas pegadas e assumindo o seu próprio destino, para estar com Ele permanentemente. Trata-se de ser fiel ao Senhor, até ao fim³²⁰.

Não é por acaso que o anúncio de Jesus acerca das perseguições que os discípulos viriam a sofrer (13,9-13) se assemelha aos anúncios da sua paixão e ressurreição (8,31; 9,31; 10,33s). Jesus anuncia que iria ser entregue (παράδωμι) aos anciãos, aos chefes dos sacerdotes e aos doutores da lei, e que seria chicoteado. Já os discípulos serão entregues (παράδωμι) aos sinédrios, às sinagogas, aos reis e governadores, e serão açoitados³²¹.

Mas, para os que não foram capazes de perseverar e abandonaram o Mestre, Marcos dá uma perspectiva de esperança, mostrando que a negação não é necessariamente o ponto final da vida discipular, mas que pode ser uma vírgula, permitindo que a história seja continuada. De facto, a fidelidade nem sempre é perfeita e, por isso, coaduna-se muito bem com uma atitude de conversão. Estar em processo de mudança de mentalidade e, conseqüentemente, de vida é já uma forma de ser fiel. Resumindo, a todos Jesus dá a possibilidade de regressar à Galileia, ou seja, de recomeçar de novo.

³²⁰ Cf. J. ORNELAS CARVALHO, *Caminho de morte, destino de vida*, 401.

³²¹ Cf. S. GUIJARRO, *El camino del discípulo*, 131.

3.2. Na missão

«O estar com Jesus e o ser enviado, à primeira vista, parecem realidades que se excluem mutuamente, mas evidentemente devem conciliar-se. Os Doze devem aprender a andar com Ele de um modo tal que lhes permita estar com Jesus, inclusive quando vão até aos confins do mundo. O estar com Ele comporta por natureza a dinâmica da missão, porque todo o ser de Jesus é efectivamente missão»³²².

Assim explica Ratzinger a relação entre seguimento e missão. Ambos se implicam e se exigem mutuamente: não há missão sem seguimento, nem seguimento que não leve à missão. De facto, o seguimento de Jesus gera a comunhão com Ele, e esta, por sua vez, gera a missão em seu nome. Os discípulos não foram chamados diretamente para serem enviados, mas sim para estarem com Jesus e só depois serem enviados (3,14). O seguimento é, portanto, a base da missão. Por outro lado, o seguimento não pode ser egoísta, isto é, a experiência pessoal de Jesus não pode fechar o discípulo em si próprio, nem o levar a aprisionar os frutos desta experiência só para si. Antes deve levá-lo a testemunhar a beleza do seu encontro e comunhão com Cristo. Neste sentido, não é possível ser-se discípulo sem se ser missionário, nem missionário sem se ser discípulo³²³.

Com efeito, se Marcos convida o leitor à perseverança no seguimento de Jesus (cf. IV, 3.1.), está a convidá-lo consequentemente à fidelidade na missão. Ser fiel a Jesus é, neste sentido, continuar o seu ministério, proclamando o evangelho, que é o próprio Jesus Cristo, e libertando os homens, pelo poder desta palavra, do domínio do Mal. Assim pode o leitor contribuir para o crescimento e expansão do reino de Deus, que Jesus inaugurou, mas que só chegará à plenitude na sua parusia. Até lá, a missão do leitor é tornar presente a salvação operada na morte e ressurreição de Cristo, proclamando o Senhor e tornando os homens seus discípulos, pela palavra e sinais que a acompanham (16,20).

³²² J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, 225.

³²³ Cf. P. MASCILONGO, *Il discepolato nel Nuovo Testamento*, 179: «non è pensabile un discepolo di Gesù che non sia missionario, che non accolga e non condivida la missione del suo maestro».

Pode presumir-se que os membros da comunidade de Marcos sentiram, devido à perseguição, muitas dificuldades em seguir Jesus e em dar testemunho do Senhor. Por isso, Marcos recorda a promessa do auxílio do Espírito Santo àqueles que se encontram em provação, pois Ele inspirar-lhes-á o que devem dizer (13,11). Não é preciso, portanto, preocupar-se, mas sim manter-se firme, confiado no Espírito. Na verdade, o Espírito Santo que guiou toda a missão de Jesus (cf. II, 1.2.), continuará a guiar a missão levada a cabo pelos discípulos, entre os quais está o leitor. É necessário, pois, que este permaneça fiel ao Senhor, que um dia o chamou para o seguir, para estar com Ele, e que constantemente o quer enviar em missão.

Mais ainda, Marcos mostra que a perseguição a Jesus foi consequência da sua fidelidade à missão, para que o leitor tome consciência de que, se perseverar no discipulado e na missão, também ele estará sujeito a perseguições. Aliás, tal como o martírio de João Batista, fruto da sua fidelidade, antecipa as dificuldades da missão, identificando o seu caminho com o caminho de Jesus, assim também há de acontecer com aqueles a quem é entregue a missão sobre Jesus. De facto, a fidelidade à missão trará sempre sofrimento e perseguição, mas assim como o caminho de Jesus culminou na ressurreição, assim também o dos discípulos os levará à glória com Cristo. O leitor é convidado, por conseguinte, a identificar-se com Jesus no caminho da paixão e morte, que a missão sempre implica, para chegar à glória da ressurreição.

3.3. Conclusão

Marcos escreve um texto concreto, para uma comunidade concreta, com um objetivo concreto. Na verdade, o seu evangelho parece destinar-se a uma comunidade composta por cristãos vindos do judaísmo e do paganismo, que atravessa um período atribulado, marcado

por controvérsias, perseguições e mortes. É neste contexto que Marcos sente a necessidade de despertar a consciência do seu leitor para a importância da perseverança no seguimento de Jesus e na continuação da sua missão neste mundo.

Trata-se de um contexto que tem plena atualidade para o leitor de hoje, a quem Marcos interpela da mesma maneira: há muitos cristãos que estão a passar por uma situação semelhante à da comunidade de Marcos, e que entendem bem a atualidade deste relato. Também a eles Jesus anuncia perseguições e tribulações, e convida a seguirem o seu caminho e a continuarem a sua missão. Tal como os Doze, experimentam a dificuldade de viver uma vida verdadeiramente discipular e missionária, e, tal como Jesus, rogam ao Pai que afaste deles o cálice da paixão, embora estejam dispostos a obedecer à vontade de Deus (cf. 14,36).

Contudo, o relato de Marcos pode dialogar também com outros cristãos que não estejam a viver nenhuma destas situações. Para os cristãos do ocidente, por exemplo, a indiferença religiosa e o laicismo podem assumir os contornos de perseguição, assim como os ideais de bem-estar, de consumismo e de felicidade momentânea são obstáculos a percorrer o caminho da cruz. De facto, o sofrimento e o sacrifício não têm lugar nas mentalidades hodiernas, e por isso é necessária a conversão interior, de modo a compreender o estilo de vida de Jesus e estar disponível para o imitar³²⁴.

Deste modo, Marcos convida também o leitor atual à fidelidade a Jesus: no seguimento, convertendo continuamente o coração e suportando as adversidades exteriores; na missão, estando disponível para ir, sem temor e confiado no Espírito Santo, aonde o Senhor o quiser enviar, para prolongar no mundo a sua missão salvadora.

³²⁴ Cf. S. GUIJARRO, *El camino del discípulo*, 131-133; D. RHOADS; J. DEWEY; D. MICHIE, *Marcos como relato*, 201-202.

CONCLUSÃO

Marcos «transpira» missão por todos os poros! De facto, ao longo do relato há uma constante preocupação missionária, que, pela apresentação da missão de João Batista, de Jesus e dos discípulos, procura fazer com que o leitor, enquanto discípulo, se disponha a continuar na terra a missão de Jesus.

A missão relaciona-se, desde logo, com o género literário iniciado por Marcos: o *evangelho*. Pelo seu carácter dinâmico e comunicativo, este género literário representa muito bem a mensagem missionária que Marcos quer transmitir. Depois, a missão também se relaciona com a própria teologia de Marcos, mais concretamente com a cristologia, com o discipulado e com o reino de Deus. Na verdade, a missão tem o seu fundamento na pessoa de Jesus; o seguimento do Mestre tem necessariamente em vista e como consequência a missão; esta dá testemunho e concretiza a presença do reino de Deus neste mundo. Também a estrutura literária de Marcos é ritmada pelo tema da missão. As diversas secções iniciam e terminam, geralmente, com uma referência, explícita ou implícita, ao tema.

O vocabulário específico, usado por Marcos, também revela a sua conceção de missão. Com efeito, Jesus e os discípulos são enviados com um objetivo preciso, em representação do próprio Deus ou de Jesus, respetivamente. Proclamam o evangelho do reino, com vista à conversão dos ouvintes, e manifestam a presença deste mesmo reino pela sua atividade exorcística e taumatúrgica. Esta missão reveste-se de carácter urgente, pelo que deve ser realizada *imediatamente*. Por este mesmo motivo, é dinâmica, isto é, não permite a passividade, antes exige o movimento e a ação.

A missão de Jesus é, antes de mais, uma consequência da sua identidade. De acordo com o adágio latino *agere sequitur esse*, é por ser Cristo e Filho de Deus que Jesus age como age. A sua vida e missão foi prefigurada e preparada na vida e missão de João Batista. Marcos

relata o ministério e martírio deste último à luz da missão e paixão de Jesus. Esta missão assume como atividade primeira e principal a proclamação. Porque o tempo se encheu e o reino de Deus se aproximou, e para que os ouvintes se convertam e acreditem no evangelho, Jesus dedica-se à proclamação. É pelo poder desta palavra proclamada, e para testemunhar a chegada deste reino, que Ele combate as forças do Mal, libertando, pelos exorcismos e curas, os homens do seu domínio. E pode fazê-lo por ser quem é.

Por outro lado, a missão de Jesus, desde a primeira hora, está aberta à universalidade, ou seja, não se limita apenas aos judeus, mas quer chegar a todos os homens, judeus ou pagãos. Esta ideia expressa-se no deambular de Jesus pela Galileia, quer de uma margem do lago quer da outra, e no seu caminho para Jerusalém. Caminho este que não é um caminho qualquer, nem uma mera deslocação física. O *caminho* de Jesus é o caminho para a paixão morte e ressurreição, onde culmina supremamente o seu ministério terreno. Precisamente pela dificuldade que este caminho representa, conta com a incompreensão dos discípulos. Ainda assim, Jesus não quer deixar de os unir à sua vida e missão, tal como o fez desde o início.

A missão dos discípulos, por sua vez, assenta no seguimento do Mestre. O chamamento de Jesus é, em primeiro lugar, a segui-lo, e só depois a desempenhar uma missão concreta. Este seguimento não é, porém, uma simples adesão exterior. Antes deve representar uma comunhão íntima de vida, um estar permanente com Jesus, que impulse, acompanhe e gratifique a missão. Também a missão dos discípulos tem como principal atividade a proclamação do reino de Deus ou da pessoa de Jesus, consoante se trate da missão pré-pascal ou pós-pascal, para que os ouvintes se convertam. A par desta atividade, surgem também os exorcismos, que para serem eficazes necessitam da oração, e as curas, feitas de um modo especial pelos discípulos.

Esta missão sobre Jesus, quer na sua fase pré-pascal quer na pós-pascal, é realizada em ambiente de controvérsia. De facto, os discípulos hão de aprender a lidar com a adversidade dos seus conterrâneos, com a hostilidade das autoridades e com a oposição dos seus próprios

familiares. O medo destas consequências leva-os a trair, negar e abandonar Jesus na hora da sua paixão. Contudo, depois de ressuscitar, Jesus renova-os na comunhão e na missão, tal como lhes havia prometido na última ceia. A partir daí, os discípulos iniciam a sua missão pós-pascal fundada na identidade de Jesus, e da qual Marcos é testemunho.

Ao apresentar detalhadamente a missão de Jesus e dos discípulos, Marcos tem claramente uma intenção pragmática: quer convidar o leitor a continuar a missão de e sobre Jesus. Ao conhecer melhor a comunidade para a qual escreve, marcada pela perseguição, o leitor atual compreende a preocupação e insistência de Marcos sobre a missão. De facto, o ambiente de perseguição dificultava certamente o seguimento e a missão daquela comunidade. Neste sentido, Marcos, pela caracterização dos personagens, apresenta modelos de como se deve, e de como não se deve, viver o discipulado missionário, para que o seu leitor se identifique com eles ou os rejeite, tirando conclusões para a sua própria vida. No fim, este compreenderá que há um claro convite à fidelidade a Jesus, no seguimento corajoso e desassombrado, e na missão continuadora do poder do Senhor e confiante no Espírito Santo.

Enfim, foi nosso objetivo levar o leitor desta dissertação a conhecer melhor a reflexão que Marcos faz sobre a missão, para que também ele se sinta corresponsável nesta grande tarefa universal e intemporal: a missão de Jesus confiada à Igreja!

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes

- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (CEP), *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos. Ad experimentum*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2019, 115-169.
- ALAND, B., et al., *The Greek New Testament*, 4ª edição revista, Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 1998.

2. Instrumentos de trabalho

2.1. Comentários

- FOCANT, C., *Il vangelo secondo Marco*, Cittadella Editrice, Assis, 2015.
- GNILKA, J., *El evangelio según San Marcos*, vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1999.
- LÉGASSE, S., *Marco*, Edizioni Borla, Roma, 2000.
- MARCUS, J., *El Evangelio según Marcos*, vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2010.
- MATEOS, J.; CAMACHO, F., *El Evangelio de Marcos: Análisis lingüístico y comentario exegético*, vol. I-III, Ediciones El Almendro; Fundación Épsilon, Córdoba, 1993.
- PEREGO, G., *Vangelo secondo Marco: Introduzione, traduzione e commento*, Edizioni San Paolo, Milão, 2011.
- STANDAERT, B., *Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita: Commentario*, EDB, Bolonha, 2012.
- STOCK, K., *Marco: Commento contestuale al secondo Vangelo*, Edizioni ADP, Roma, 2003.

VAN IERSEL, B., *Marco: La lettura e la risposta: Un commento*, Editrice Queriniana, Brescia, 2000.

2.2. Artigos de dicionários

ANNEN, F., «ἐκβάλλω», *DENT*, I, 1234-1237.

BALZ, H.; SCHNEIDER, G., «ἀλείφω», *DENT*, I, 170.

_____, «ἀπέρχομαι», *DENT*, I, 358-359.

BEHM, J., «μετανοέω, μετάνοια», *GLNT*, VII, 1106-1195.

BEYER, H. W., «θεραπεύω», *GLNT*, IV, 487-497.

BROER, I., «ἔλαιον», *DENT*, I, 1297-1299.

_____, «ἐξουσία», *DENT*, I, 1446-1453.

BÜHNER, J.-A., «ἀποστέλλω», *DENT*, I, 425-427.

FOERSTER, W., «ἐξουσία», *GLNT*, III, 630-665.

FRIEDRICH, G., «κηρύσσω», *GLNT*, V, 424-472.

GRIMM, W., «θεραπεύω», *DENT*, I, 1861-1864.

HAHN, F., «νίος», *DENT*, II, 1847-1849.

HAUCK, F., «βάλλω», *GLNT*, II, 35-41.

LÉON-DUFOUR, X., «Aceite», *VTB*, 44-45.

_____, «Autoridad», *VTB*, 109-112.

_____, «Demonios», *VTB*, 219-222.

_____, «Enfermedad, curación», *VTB*, 276-279.

_____, «Misión», *VTB*, 547-551.

_____, «Penitencia, conversión», *VTB*, 672-678.

_____, «Unción», *VTB*, 917-920.

- MERK, O., «κηρύσσω», *DENT*, I, 2314-2326.
- MERKLEIN, H., «μετάνοια», *DENT*, II, 248-259.
- NEPPER-CHRISTENSEN, P., «μαθητής», *DENT*, II, 114-121.
- PÖHLMANN, W., «εὐθύς», *DENT*, I, 1661-1663.
- RENGSTORF, K. H., «ἀποστέλλω», *GLNT*, I, 1063-1088.
- RITT, H., «πέμπω», *DENT*, II, 872-875.
- SCHENK, W., «ἐξέρχομαι», *DENT*, I, 1427-1431.
- SCHLIER, H., «ἀλείφω», *GLNT*, I, 617-625.
- SCHNEIDER, J., «ἀπέρχομαι», *GLNT*, III, 939.
- _____, «εἰσέρχομαι», *GLNT*, III, 940-947.
- _____, «ἐξέρχομαι», *GLNT*, III, 947-951.
- _____, «ἔρχομαι», *GLNT*, III, 913-939.
- SCHRAMM, T., «ἔρχομαι», *DENT*, I, 1589-1595.
- STRECKER, G., «εὐαγγέλιον», *DENT*, I, 1637-1651.
- WEDER, H., «εἰσέρχομαι», *DENT*, I, 1219-1222.

3. Estudos

- AGUIRRE MONASTERIO, R.; RODRÍGUEZ CARMONA, A., *Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, Editorial Verbo Divino, Estella (Navarra), 2012.
- BONIFACIO, G., *Personaggi minori e discepoli in Marco 4-8: La funzione degli episodi dei personaggi minori nell'interazione con la storia dei protagonisti*, Editrice Pontificio Istituto Biblico, Roma, 2008.
- CARVALHO, J. C., «Deus e o Cristo petrino do Novo Testamento», *Didaskalia* XXXVIII (2008/2) 143-155.

- _____, «Sonhos, anjos e demónios nas aparições bíblicas», *Biblica* XXVI (2017) 103-126.
- _____, «Transfiguração de Jesus: A revelação do Filho de Deus», *Communio* XXV (2008/2) 145-153.
- EGGER, W., *Lecturas del Nuevo Testamento: Metodología lingüística histórico-crítica*, Editorial Verbo Divino, Estella (Navarra), 1990.
- FILANNINO, F., *Tra il precursore e i discepoli: la missione di Gesù nel vangelo di Marco*, Gregorian & Biblical Press, Roma, 2019.
- GNILKA, J., *Jesus de Nazaré: Mensagem e história*, Editorial Presença, Lisboa, 1999.
- GUIJARRO, S., *El camino del discípulo: Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2015.
- _____, *La primera evangelización*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2013.
- _____, *Los Cuatro Evangelios*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2010.
- HERIBERTO RIVAS, L., «Discípulos para la misión en el Nuevo Testamento», *Revista Teología* XLIV/94 (2017) 473-505.
- HIPÓLITO, I., *Um e outro no início do evangelho: Composição e interpretação de Mc 1,1-15*, UCP, Lisboa, 2014.
- IWUAMADI, L., «He Called Unto Him the Twelve and Began to Send Them Forth»: *The Continuation of Jesus' Mission According to the Gospel of Mark*, Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma, 2008.
- LOURENÇO, J., *O mundo judaico em que Jesus viveu: Cultura judaica e Novo Testamento*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2005.
- MANICARDI, E., *Il cammino di Gesù nel Vangelo di Marco: Schema narrativo e tema cristologico*, Analecta Biblica 96, Editrice Pontificio Istituto Biblico, Roma, 2003.
- MARCONCINI, B., *Los sinópticos: Formación, redacción, teología*, San Pablo, Madrid, 1998.

- MASCILONGO, P., *I personaggi della Passione: nei tre Vangeli sinottici*, Edizioni San Paolo, Milão, 2015.
- _____, *Il discepolato nel Nuovo Testamento: Riflessioni bibliche e spirituali*, Edizioni San Paolo, Milão, 2013.
- NISSEN, J., *New Testament and Mission: Historical e Hermeneutical Perspectives*, Peter Lang, Frankfurt am Main, 2004.
- ORNELAS CARVALHO, J., *Caminho de morte, destino de vida: O projecto do Filho do Homem e dos seus discipulos à luz de Mc 8,27-9,1*, Edições Didaskalia, Lisboa, 1998.
- RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2010.
- RHOADS, D.; DEWEY, J.; MICHIE, D., *Marcos como relato*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2002.
- SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C., *Os Fundamentos Bíblicos da Missão*, Edições Paulinas, São Paulo, 1987.
- SOUSA, M., «*Para que também vós acrediteis*»: *Estudo exegético-teológico de Jo 19, 31-37*, Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma, 2009.
- _____, «Poderá a morte ser “boa”?»: *A eutanásia à luz da Sagrada Escritura*», *Humanística e Teologia*, 38/1 (2017) 61-77.
- VAN ECK, E., «Mission, identity and ethics in Mark: Jesus, the patron for outsiders», *HTS Teologiese Studies/Theological Studies* 69/1 (2003), (<http://dx.doi.org/10.4102/hts.v69i1.2003>).
- WEFALD, E., «The Separate Gentile Mission in Mark: A Narrative Explanation of Markan Geography, the Two Feeding Accounts and Exorcisms», *JSNT* 60 (1995) 3-26.